

Ο ΜΕΘΥΣΟ

Ε

Ο ΜΟΝΣΤΡΟ



Robert Louis Stevenson



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

O Médico e o Monstro e outras histórias

Robert Louis Stevenson

ÍNDICE

O MÉDICO E O MONSTRO

A HISTORIA DE UMA PORTA

À PROCURA DE MR. HYDE

O TESTAMENTO DO DR. JEKYLL

O CASO DO HOMICÍDIO DE CAREW

A CARTA DE MR. HYDE

A MORTE DO DR. LANYON

A JANELA DO PÁTIO

A ÚLTIMA NOITE

O RELATO DO DOUTOR LANYON

A CONFISSÃO DE HENRY JEKYLL

OLALLA

O TESOURO DE FRANCHARD

I JUNTO DO SALTIMBANCO MORIBUNDO

II UMA CONVERSA MATINAL

III A ADOÇÃO

IV A EDUCAÇÃO DE UM FILÓSOFO

V SEGUINDO A PISTA DO TESOURO

VI INVESTIGAÇÃO CRIMINAL EM DUAS PARTES

VII A RUÍNA DA CASA DE DESPREZ

VIII OS DIVIDENDOS DA FILOSOFIA

O MÉDICO E O MONSTRO

A HISTORIA DE UMA PORTA

O advogado Utterson era um homem de aspecto carrancudo, incapaz de um sorriso; frio, parco e seco de palavras; tímido na expressão do sentimento. Apesar disso e do seu ar esguio e chupado, ao mesmo tempo cinzento e triste, era um homem capaz de criar simpatia. Nas reuniões com os amigos e quando o vinho lhe agradava, algo de profundamente humano irradiava-lhe dos olhos; algo que nunca chegava a refletir-se nas palavras mas que falava, não só nos gestos mudos do rosto à sobremesa, mas também e muitas vezes e de modo eloquente em todos os atos da vida. Era austero consigo próprio; quando se encontrava a sós, bebia genebra para mortificar a sua inclinação por vinhos de boas marcas e embora apreciasse o teatro, há mais de vinte anos que não frequentava nenhum. Em troca, era de uma tolerância reconhecida para com os outros, admirando por vezes quase com inveja a grande força de espírito que o cometimento de certas façanhas exigia e, em caso de algum apuro, preferia sempre ajudar em vez de condenar.

– Prefiro a heresia de Caim – costumava dizer. – Deixo que seja o meu irmão a procurar por si o caminho para o diabo.

Por causa deste seu caráter, a miúdo o seu destino era ser a derradeira amizade decente e a boa influência final na vida de homens a caminho da degeneração. E embora continuassem a frequentar-lhe a casa, nunca mostrava o menor vestígio de mudança na sua conduta.

Sem dúvida, esta “proeza” não era difícil para um homem como Utterson que, na melhor das hipóteses, era reservado e baseava as suas amizades numa tolerância só comparável à sua bondade. É característico da pessoa modesta aceitar das mãos da fortuna o círculo já traçado das suas amizades e era isso que sucedia ao nosso advogado. Os seus amigos eram os membros da família ou aqueles a quem conhecia há já muito tempo. À semelhança da hera, os seus afetos eram obra da passagem dos anos e não correspondiam necessariamente a nenhuma aptidão

ou característica especial por parte de quem os inspirava. Eram desse tipo os laços que o uniam a Richard Enfield, parente distante, muito conhecido em toda a cidade. Para muitos, aquela relação era um enigma e interrogavam-se sobre o que poderiam encontrar de interessante um no outro e o que teriam em comum. Todos quantos se cruzavam com eles durante os seus passeios de Domingo, diziam que não falavam nada, que pareciam mortalmente aborrecidos e que saudavam com evidente satisfação o aparecimento de um amigo. E, contudo, apesar de tudo, ambos colocavam o maior interesse nessas digressões, apreciando-as como o melhor momento da semana e não só rejeitavam outras oportunidades de diversão para as poderem desfrutar sem interrupção, como também resistiam a qualquer chamamento das obrigações profissionais.

Aconteceu que num desses passeios dominicais foram dar a uma rua sinuosa de um dos bairros mais concorridos e animados de Londres. A rua era estreita e tranquila, mas com grande movimento comercial durante os dias de semana. Via-se que os seus habitantes eram prósperos e que competiam entre si para prosperarem ainda mais, gastando o excedente dos seus ganhos em artigos de luxo, de maneira que as montras que se alinhavam ao longo da via se mostravam tentadoras, muito atraentes, como duas filas de vendedores sorridentes. Até mesmo aos Domingos, quando era menor o seu encanto chamativo e ficava quase deserta, a ruela reluzia como uma fogueira num bosque, contrastando com o bairro sombrio em que se situava, enchendo e alegrando os olhos dos transeuntes com os estores recém-pintados, os metais reluzentes e bem polidos e a limpeza e a alegria geral pareciam ser a sua marca distintiva.

Duas portas mais adiante, ao virar de uma esquina do lado esquerdo, na direção de leste, a entrada de um pátio interrompia a linha das montras e precisamente nesse local, um edifício sinistro projetava sobre a rua a empena do seu telhado. Tinha dois pisos e não se viam nem janelas nem outra coisa para além de uma porta no piso inferior e de um muro descolorido no andar superior. Todo ele revelava um prolongado e sórdido abandono. A porta, sem campainha nem batente, estava com a pintura

estalada e desbotada. Os vagabundos costumavam sentar-se junto do umbral e acender os fósforos nas suas almofadas. As crianças brincavam nas escadas e muitos estudantes experimentavam os canivetes nas molduras. Durante quase uma geração ninguém aparecera nem para afugentar aqueles visitantes ocasionais nem para consertar os estragos produzidos.

Richard Enfield e o advogado caminhavam pelo passeio oposto mas quando chegaram em frente da entrada, o primeiro ergueu a bengala e apontou para lá.

– Já tinhas reparado alguma vez nesta porta? – perguntou.

O seu acompanhante respondeu afirmativamente.

– Está associada na minha mente – acrescentou – a uma história muito estranha.

– Ah sim? – exclamou Utterson com uma ligeira alteração de voz. – Que história é essa?

– Bem, aconteceu assim – prosseguiu Enfield. – Regressava a casa vindo lá dos confins do mundo, por volta das três horas de uma negra madrugada de Inverno e tinha de atravessar um bairro onde não se via literalmente nada a não ser os candeeiros acesos. Percorri rua após rua, uma atrás da outra, todas iluminadas como que preparadas para um desfile e vazias como uma igreja e onde toda a gente dormia... até que por fim me encontrei naquele estado de ânimo em que escutamos o mínimo ruído e ficamos com o ouvido atento, começando a desejar a presença de um polícia. De imediato vi duas figuras: uma era um homenzinho acachapado que caminhava para leste a bom passo e a outra a de uma menina de uns oito ou dez anos que vinha a correr a bom correr por uma rua transversal. Como era de esperar, ambos chocaram ao chegar à esquina e então aconteceu o mais horrível da história: o homem atropelou e pisou o corpo da menina com toda a calma, deixando-a abandonada no solo a gritar de dor. Contado assim, não parece grande coisa, mas a visão foi diabólica. Não foi um ato de um ser humano mas antes de um abominável Juggernaut⁽¹⁾. Dei-lhe um berro e corri atrás dele; agarrei o nosso “cavalheiro” pelo pescoço e obriguei-o a voltar até ao local, já que se havia reunido um grupo de

peessoas à volta da menina. Mostrava-se perfeitamente tranquilo e não ofereceu resistêcia, mas lançou-me um olhar tão inquietante que me senti inundado de calafrios. As pessoas reunidas à volta da menina eram seus familiares e de seguida apareceu o médico a quem ela ia precisamente chamar. Pois bem, segundo o doutor, a menina não tinha nada de grave a não ser o susto e se não tivesse ocorrido uma curiosa circunstância, a história teria acabado aqui, como é de supor. Só de o ver, senti uma intensa aversão por aquele homem e o mesmo aconteceu aos familiares da menina, coisa que, no fundo, era natural. Mas o que me surpreendeu foi a atitude do médico. Era um tipo vulgar e corrente de médico, de idade e aspecto indefinidos, com um forte sotaque de Edimburg e quase tão sentimental como uma gaita escocesa. Tal como nós, sempre que fitava o meu prisioneiro, punha-se trêmulo e pálido como se desejasse matá-lo. Via que os seus pensamentos eram idênticos aos meus e dado que o assassinato estava fora de causa, fizemos o máximo que podíamos fazer. Dissemos àquele homem que armaríamos tal escândalo do sucedido que faríamos com que o seu nome fosse odiado de uma ponta à outra de Londres e que se tivesse alguns amigos e algum prestígio, prometíamos que os perderia. Durante todo esse tempo, enquanto o verberávamos com tanta veemência, tínhamos de nos esforçar por manter afastadas dele as mulheres que estavam mais furiosas que harpias. Nunca vira rostos com tamanho ódio. E ali, no meio de todos nós, estava esse homem, com uma espécie de frieza negra e insolente, atemorizado também, mas dominando-se como um ser satânico.

– Se decidiram arrancar-me dinheiro por causa deste acidente – disse ele –, naturalmente que estou nas vossas mãos. Qualquer cavalheiro que se preza sabe que tem de evitar uma cena a qualquer custo. Digam-me quanto querem.

Apertamos-lhe os pulsos e exigimos cem libras para a família da criança. Era evidente que desejaria evitar tal extorsão mas por fim claudicou dada a nossa atitude ameaçadora. O passo seguinte era conseguir o dinheiro e aonde crês que tudo isso nos conduziu? Pois claro, a esse edifício aí em frente. Puxou de uma chave, entrou e daí a pouco voltou a sair com dez libras

em ouro e o resto num cheque ao portador contra o banco de Coutts, assinado com um nome que não posso mencionar, embora seja um dos aspectos importantes da minha história. Só te direi que era um homem muito conhecido, a miúdo citado na imprensa. A importância do cheque era tremenda, mas a assinatura, a ser autêntica, era muito mais. Assim, tomei a liberdade de sugerir ao nosso cavalheiro que tudo aquilo me parecia falso, uma fraude e que na vida real um homem não entra às quatro da manhã por uma porta de um sótão, regressando com um cheque de outra pessoa no valor de quase cem libras.

– Não se preocupem – disse-me ele muito tranquilo e com ar depreciativo –, que ficarei com os senhores até à abertura dos bancos e eu mesmo levantarei este cheque.

Desta forma pusemo-nos todos a caminho, o médico, o pai da menina, o nosso amigo e eu próprio. Passamos o resto da noite em minha casa e no dia seguinte, depois do pequeno-almoço, fomos ao banco como um único homem. Eu mesmo entreguei o cheque e disse que tinha todas as razões para crer tratar-se de uma falsificação. Pois nada disso se verificou. O cheque era legítimo.

– Que estranho! – disse Utterson, fazendo um gesto de reprovação.

– Vejo que pensas como eu – prosseguiu Enfield. – Realmente, não é uma história nada divertida. Aquele homem era um tipo com o qual ninguém quer ter qualquer relação, um ser verdadeiramente detestável, enquanto a pessoa que assinou o cheque é um exemplo, a fina-flor e a nata da decência, de resto bastante célebre e, o que é pior, uma dessas personagens conhecidas pelas suas boas obras. Uma chantagem, suponho. Um homem honesto que tem de pagar um preço elevadíssimo por algum deslize da sua juventude. Por causa disso, chamo a este edifício a “casa da chantagem”. Ainda que, como compreenderás, isso esteja longe de explicar tudo.

E com estas palavras calou-se meditativo com ar distraído. Foi interrompido bruscamente por Utterson que de repente lhe perguntou:

– E não sabes se quem assinou o cheque mora aqui?
– Um lugar verossímil, não achas? – respondeu Enfield. – Por acaso, vi o seu endereço. Vive numa praça qualquer.

– E nunca o interrogaste sobre este edifício?
– Não senhor. Sempre fui decididamente contra fazer perguntas. É como se fosse o dia do Juízo Final. Tu fazes uma pergunta e é como atirar uma pedra, estando tranquilamente sentado no cimo de uma colina. E essa pedra vai arrastando outras na sua queda. No final, um pobre infeliz (o último em que tivesses pensado) é atingido na cabeça no seu próprio jardim e a família terá de mudar de nome. Não estou disposto a... Eu tenho a minha própria regra: quanto mais casos investigo como o da rua misteriosa, menos perguntas faço.

– É uma regra muito sensata – disse o advogado Utterson.
– No entanto, decidi estudar o edifício – continuou Enfield.
– Parece ser apenas uma casa. Não possui outra porta além da principal e por ela não entra nem sai ninguém a não ser, lá de muito em longe, o cavalheiro protagonista da minha aventura. O primeiro piso tem três janelas que dão para o pátio. No andar inferior, nenhuma. As janelas estão sempre fechadas, mas conserva as vidraças limpas. De resto, há uma chaminé que em geral fumeja, pelo que deve viver ali alguém. Contudo, é coisa que não se pode garantir porque os edifícios estão tão juntos uns dos outros à volta desse pátio que é difícil dizer onde acaba um e começa outro.

Os dois caminharam durante algum tempo em silêncio até que Utterson comentou:

– Richard, essa tua regra é muito boa.
– Sim, creio que sim.
– Mas apesar de tudo – prosseguiu o advogado –, há uma pergunta que quero formular: gostava que me dissesses como se chama o homem que chocou contra a menina.
– Bem, não vejo que mal haverá em to revelar. Aquele homem chama-se Hyde.
– Hmmm – fez Utterson. – Qual era o seu aspecto?
– Não é fácil descrevê-lo. No seu aspecto, há algo de estranho, algo de desagradável, de francamente detestável.

Nunca vi um homem a quem considerasse tão antipático e, apesar disso, não sei bem explicar a razão da minha atitude. Deve possuir alguma deformidade. Essa é a sensação que dá, embora não possa especificá-la com exatidão. É um homem de aparência extraordinária e, apesar disso, não podemos indicar nele nenhum sinal fora do normal. Não, senhor, não posso fazê-lo, não consigo descrevê-lo. E não é por um lapso de memória, porque neste preciso momento estou a recordar-me perfeitamente dele.

Utterson caminhou de novo um pedaço em silêncio, claramente perturbado com o peso das suas cogitações.

– Tens a certeza de que utilizou uma chave? – perguntou por fim.

– Meu caro Utterson... – começou a dizer Enfield, que não cabia em si de assombro.

– Sim, bem sei. Compreendo que deve parecer estranho. O fato é que se não te pergunto o nome da outra pessoa é porque já a conheço. Se fores inexato em algum ponto, convinha retificares o teu relato.

– Julgo que me devias ter avisado – respondeu Enfield mal-humorado. – Mas fui pedantemente exato, como tu dizes. Esse tipo tinha urna chave e o que é mais, ainda a possui. Vi-o a utilizá-la a semana passada.

Utterson suspirou profundamente, mas não pronunciou uma única palavra.

– Estou envergonhado por ter uma língua tão comprida – continuou o jovem Enfield. – Isto é uma lição para mim. Não sei quando vou aprender a calar-me. Façamos um acordo: nunca mais voltemos a mencionar este assunto.

– Prometo-te de todo o coração, Richard – disse o advogado.

À PROCURA DE MR. HYDE

Nessa tarde, Utterson chegou à sua casa de solteiro com o ânimo sombrio e sem qualquer apetite sentou-se à mesa para

comer. Aos Domingos, depois de cear, tinha o costume de se sentar muito perto da lareira, a ler algum volume da sua predileção, até o relógio da igreja vizinha dar as doze, hora a que ia para a cama, tranquilo e satisfeito. Contudo, naquela noite, ao levantar-se da mesa, pegou numa vela e dirigiu-se ao escritório. Ali, abriu um cofre, retirou do seu lugar mais secreto um documento em cujas costas estava escrito: “Testamento do Doutor Jekyll” e sentou-se com o cenho franzido a estudar o seu conteúdo. O testamento fora escrito pelo punho do próprio testador, porque Utterson, embora tivesse a cargo a sua custódia, havia-se recusado a prestar a menor ajuda na sua elaboração. O documento não só dispunha que, em caso de falecimento de Henry Jekyll, Dr. em Medicina, Dr. em Direito, Dr. em Letras e membro da Royal Society, todos os seus bens fossem parar às mãos do seu “amigo e benfeitor, Edward Hyde”, como também que, em caso do “desaparecimento ou ausência inexplicável” do Doutor Jekyll durante um período de tempo superior a três meses, o sobredito Edward Hyde entraria de posse dos bens daquele, sem mais dilação, e livre de obrigações para além do pagamento de uma pequena soma ao pessoal ao serviço do doutor. Havia já algum tempo que este documento constituía uma obsessão para o advogado. Ofendia-o tanto como advogado e como homem amante da sensatez e dos costumes de todos os aspectos da vida, para quem o fantástico ou o imaginário era quase desonestidade. E se até então a ignorância de quem pudesse ser Hyde lhe havia aumentado a indignação, agora, por uma repentina mudança dos acontecimentos, o fato de o saber agora indignava-o ainda mais. Se já era bastante desagradável quando aquele nome não era mais do que isso, de um nome, do qual de resto nada podia averiguar, tanto pior era agora, quando começava a estar revestido de atributos detestáveis. E da bruma movediça e insubstancial que durante tanto tempo havia velado a sua vista, de repente ficava com a nítida sensação da clara presença de um ser diabólico. “Pensava que fosse um caso de loucura” – disse para si mesmo, enquanto voltava a colocar no seu lugar no cofre o odioso documento – “e agora começo a temer tratar-se de uma infâmia” Com isto,

apagou a vela, vestiu um capote e saiu para a rua em direção à praça de Cavendish, um autêntico reduto da medicina, onde o seu amigo, o famoso doutor Lanyon, tinha casa e consultório e onde recebia os seus numerosíssimos pacientes.

“Se alguém sabe alguma coisa a este respeito” – pensou “tem de ser Lanyon”.

O imponente mordomo do médico, que o conhecia, saudou-o de imediato e sem demora conduziu-o diretamente à sala de jantar onde o doutor Lanyon estava sentado à mesa, com um copo de vinho à frente. Era um cavalheiro cordial, saudável e irrequieto, de rosto rubicundo, cabelos prematuramente brancos e maneiras decididas e ruidosas. Ao ver o advogado Utterson, levantou-se de imediato da cadeira e cumprimentou-o de mãos estendidas. À primeira vista, a cordialidade daquele homem era algo de teatral, mas correspondia a um sentimento sincero. Velhos amigos e antigos companheiros de escola e de universidade, ambos respeitavam-se mutuamente e a si próprios e, o que nem sempre é disso consequência lógica, apreciavam a companhia um do outro.

Após uma breve troca de palavras informais, o advogado foi conduzindo a conversa para o assunto que tanto o preocupava.

– Suponho, Lanyon – disse ele –, que devemos ser os dois amigos mais velhos de Henry Jekyll.

– Quem dera que não fôssemos tão velhos! – respondeu o médico, rindo-se entre dentes. – Mas sim, suponho que sim. Que é feito dele? Ultimamente tenho-o visto muito pouco.

– Ah sim? Julgava que tinhas com ele alguns interesses comuns.

– E temos. Mas há mais de dez anos que Henry Jekyll se foi transformando num ser demasiado caprichoso e fantasioso para o meu gosto. Começou a dar mostras de perturbação mental e embora, naturalmente, continue a interessar-me por ele por amor aos velhos tempos, como se costuma dizer, vejo-o com raridade. Semelhantes idiotices tão pouco científicas –

acrescentou o médico, corando – teriam criado inimizade até mesmo entre Damon e Péricles^[2].

Utterson sentiu-se um tanto aliviado por aquele desabafo.

“Só divergem em alguma questão científica”, pensou. E como não era homem de paixões científicas – exceto em matéria de escrituras –, acrescentou: “De certeza que não é mais do que isso”. Deu ao amigo uns segundos para recuperar a compostura e abordou o problema que o levava até ali.

– Chegaste a conhecer um protegido dele – perguntou –, um tal Hyde?

– Hyde? – repetiu Lanyon. – Não. Nunca ouvi falar dele. Essa foi toda a informação que nessa noite o advogado levou consigo para a cama. Uma cama grande e sombria em que se revolveu de um lado para o outro e em que as horas se tornaram cada vez mais longas até ao amanhecer. Pouco descanso teve a sua mente que trabalhou sem cessar na escuridão, acossada por imensas dúvidas.

Os sinos da igreja próximo da casa deram as seis e Utterson ainda continuava enfronhado no problema. Até então este apenas o havia afetado no plano intelectual, mas agora a sua imaginação estava também comprometida, melhor dizendo, dominada, escravizada, e enquanto jazia e se agitava na espessa escuridão da noite, no quarto fechado, a história de Enfield passava-lhe perante os olhos como uma série de quadros luminosos. Primeiro, o vasto panorama das luzes nas ruas de uma cidade noturna; depois, a figura de um homem caminhando célere e a de uma menina que saía a correr da casa de um médico; e depois, o encontro de ambos e como aquele Juggernaut humano calcou a menina caída, passando adiante, insensível aos seus gritos. Outras vezes, via um quarto numa casa rica, onde o seu amigo Jekyll estava a dormir, sorrindo em sonhos. De imediato, a porta abria-se, as cortinas da cama afastavam-se e uma voz fazia arrancar o dorminhoco ao sono. E ali estava, a seu lado, a figura que tinha o poder de o obrigar a levantar-se e cumprir as suas ordens, inclusive àquela hora da noite. A estranha figura protagonista das duas cenas anteriores obcecou o advogado durante toda a noite e, se em algum

momento logrou dormir por instantes, continuou a vê-la furtiva a deslizar silenciosamente por entre as casas adormecidas ou a mover-se velozmente, cada vez mais depressa, até à vertigem pelos extensos labirintos da cidade iluminada pelos candeeiros esmagando uma menina em cada esquina e deixando-a a gritar de dor. E a figura não tinha rosto, pelo que não conseguia reconhecê-la. Nem sequer em seus sonhos tinha rosto e, se o possuía, este desvanecia-se ante os seus olhos desconcertando-o. Desta maneira, surgiu e arreigou-se rapidamente na mente do advogado uma curiosidade singularmente intensa, quase desmedida, de contemplar as feições do autêntico Hyde.

“Se tão somente conseguisse vê-lo por uma única vez”, pensou “mistério esclarecer-se-ia e talvez se dissipasse de todo como costuma acontecer com as coisas fantásticas quando as examinamos de perto. Talvez pudesse compreender a razão da estranha predileção ou escravidão (chamem-na como quiserem) de Jekyll e até as surpreendentes cláusulas do testamento. Ou senão, pelo menos valeria a pena ver esse rosto: o rosto de um homem sem entranhas nem piedade um rosto que só teve de se mostrar uma vez para provocar na mente do pouco impressionável Enfield um ódio eterno”.

Daquele dia em diante, Utterson começou a rondar a porta misteriosa. Fazia-o pela manhã, antes de ir para o escritório, ao meio-dia quando eram maiores as suas ocupações e o tempo escasso e a noite, debaixo do luar da cidade enevoadada. Sob todas as luzes e a todas as horas, solitário ou acompanhado o advogado encontrava-se no posto que havia escolhido.

“Se ele é Mr. Hyde”, pensou, “eu serei Mr. Seek” {3}.

Por fim a sua paciência foi recompensada. Era uma noite seca e gelada e as ruas estavam tão limpas como uma pista de baile. A luz dos candeeiros, imóveis pela ausência do vento, traçava sobre o pavimento um desenho regular de luzes e sombras. Por volta das dez, quando as lojas estavam já fechadas, a rua tornou-se solitária e, apesar do som distante da cidade que chegava de todos os lados, mostrava-se muito silenciosa. Os sons mais tênues ouviam-se à distância. Os ruídos domésticos que saíam das casas eram claramente audíveis de

ambos os lados da rua e o rumor dos passos de qualquer transeunte que se aproximasse precediam-no durante algum tempo. O advogado Utterson estava já há alguns minutos no seu posto quando ouviu aproximarem-se alguns passos ligeiros e misteriosos. Ao longo das suas rondas noturnas, havia-se acostumado ao efeito curioso que se produzia quando os passos de uma só pessoa, embora a grande distância, se isolavam e se destacavam de imediato do ruído e buliço da cidade. Contudo, nunca antes haviam chamado a sua atenção de uma forma tão intensa e definida. Assim que, com um forte e quase supersticioso pressentimento de triunfo, retirou-se para o interior do pátio.

Os passos aproximavam-se rapidamente e ao dobrar a esquina do final da rua, o ruído aumentou de repente. O advogado, olhando para fora, pôde ver o tipo de homem com quem teria de tratar. Era de estatura baixa e trajava com muita simplicidade. Embora àquela distância, o seu aspecto predispunha de certo modo o observador contra ele. Encaminhou-se diretamente para a porta, atravessando a rua para ganhar tempo e, enquanto avançava, retirou uma chave do bolso como quem se aproxima da sua casa.

Ao passar junto de si, Utterson deu um passo em frente e tocou-lhe no ombro, dizendo:

– O senhor é Mr. Hyde, não é verdade?

Hyde parou emitindo um som inarticulado como um cicio aspirado. Mas o seu temor foi apenas momentâneo e, sem fitar diretamente o advogado, respondeu friamente:

– Eu próprio. Que deseja?

– Percebi que o senhor ia a entrar... – prosseguiu o advogado. – Sou um velho amigo do Dr. Jekyll. Já deve ter ouvido mencionar o meu nome, Utterson, da Rua Gaunt. E encontrando-o por casualidade, pensei que me permitisse entrar.

– O Dr. Jekyll não está aqui. Encontra-se ausente – respondeu Hyde, fazendo girar a chave. Mas logo de seguida, bruscamente e sem erguer os olhos, perguntou: – Como é que me conheceu?

– Importa-se de me fazer um favor? – respondeu Utterson, disfarçando.

– Com todo o gosto – replicou o outro. – De que se trata?

– Importa-se que lhe veja a cara? – atirou-lhe o advogado. Hyde pareceu vacilar, mas logo de seguida, como se obedecesse a um reflexo repentino, fitou-o de frente com ar de desafio e os dois homens olharam-se fixamente durante alguns segundos.

– Agora já poderei reconhecê-lo posteriormente – afirmou Utterson. – Pode revelar-se-me muito útil.

– Sim. Foi bom termo-nos encontrado – replicou Hyde. – A propósito, vou dar-lhe o meu endereço.

E deu um número de uma rua no Soho.

“Meu Deus”, pensou Utterson. “Será que ele também esteve a pensar no testamento?”

Contudo, calando os seus pressentimentos e com um grunhido surdo agradeceu-lhe o endereço.

– E agora, diga-me uma coisa – disse Hyde insistente –, como me conheceu?

– Por uma descrição.

– Uma descrição? De quem?

– Temos amigos comuns.

– Amigos comuns! – repetiu Hyde com voz rouca. – E quem são eles?

– Jekyll, por exemplo.

– Ele nunca lhe falou nada de mim! – gritou Hyde, roxo de ira. – Não pensava que o senhor me mentisse.

– Ora, vamos lá... – disse Utterson. – Essa não é uma linguagem adequada.

Hyde irrompeu numa gargalhada selvática e um momento depois, com uma rapidez extraordinária, abria a porta e desaparecia no interior da casa.

O advogado permaneceu de pé durante uns instantes no local onde Hyde o havia deixado: era a imagem viva da inquietação. Porém, logo de seguida, começou a caminhar lentamente rua acima, parando a cada passo e levando a mão à testa, tomado de uma profunda perplexidade. O problema com que se debatia enquanto caminhava era desse tipo de problemas

de difícil resolução. Pálido e atarracado, Hyde produzia uma impressão de deformidade e, apesar de tudo, não parecia ter nenhum sinal de malformação. Possuía um sorriso desagradável. Tinha-se comportado com o advogado com uma mescla homicida de timidez e ousadia. E falava com uma voz rouca, um tanto sibilada e sussurrada. Tudo apontava contra ele, mas nem mesmo isso podia justificar a aversão, o medo e a repugnância com que Utterson se recordava dele: sentimentos que até então lhe eram desconhecidos.

“Tem de haver algo mais”, disse confuso. “Há algo mais. Se soubesse o que era! Deus me perdoe, mas esse homem nem parece humano! Diria que se parece antes com um troglodita. Poderia ser também uma nova versão da velha história do Dr. Fell^{4}. Ou talvez não é mais do que o fluido de uma alma que assim se revela e transfigura por completo o seu pobre corpo. Creio que esta última hipótese é a verdadeira porque, oh, meu pobre e velho amigo Harry Jekyll! Se alguma vez vi num rosto a marca de Satanás foi de certeza no do teu novo amigo”.

Dobrando a esquina da ruela, havia uma praça de lindas casas antigas, a maior parte das quais sem o brilho do seu passado esplendoroso, que se alugavam agora por pisos e quartos a pessoas de toda a classe e condição: gravadores, arquitetos, advogados de causas duvidosas e representantes de empresas obscuras. Contudo, uma das casas, a segunda a contar da esquina estava ocupada por um único inquilino; foi diante da sua porta, que possuía um ar de riqueza e comodidade, ainda que quase oculta pela obscuridade, sem outra luz que a janela, que Utterson parou e bateu. Um criado bem vestido e de idade avançada abriu-lhe a porta.

– O Dr. Jekyll está em casa, Poole? – perguntou o advogado.

– Vou ver, Mr. Utterson – respondeu Poole, fazendo passar o visitante para um amplo e confortável salão de teto baixo, de chão alcatifado, aquecido (como as casas de campo) por um fogo crepitante de uma lareira e mobiliado com luxuoso móveis de carvalho.

– Importa-se de esperar aqui junto da lareira, ou prefere que acenda as luzes da sala de jantar?

– Pode ser aqui mesmo, obrigado – disse o advogado; depois, aproximou-se da chaminé e apoiou-se no lambrim. Aquele salão em que agora se encontrava era o local favorito do seu amigo doutor Jekyll e o próprio Utterson costumava falar dele como sendo o aposento mais agradável de Londres. Porém, nessa noite, sentia um calafrio a percorrer-lhe as veias. O rosto de Hyde não lhe saía da lembrança. Experimentou (coisa rara em si) náusea e aversão pela vida e, no recôndito do seu espírito, pareceu ver uma ameaça no trêmulo reluzir das chamas sobre a superfície lisa dos móveis e no agitado dançar das sombras no teto. Quando Poole regressou pouco depois para comunicar que o Dr. Jekyll havia saído, sentiu-se envergonhado pela sensação de alívio de que foi tomado.

– Vi Mr. Hyde a entrar pela porta da antiga sala de dissecação, Poole. Isso acontece quando o Dr. Jekyll não se encontra em casa.

– Sem dúvida, Mr. Utterson – replicou o criado. – Mr Hyde tem uma chave.

– Parece-me, Poole, que o seu patrão confia em demasia nesse jovem – prosseguiu, pensativo.

– Sim, senhor, é verdade. Todos recebemos ordem para lhe obedecer.

– Julgo que nunca me encontrei com Mr. Hyde, Poole – disse Utterson.

– Oh, não, senhor! Ele nunca janta cá – respondeu o mordomo. – Claro que nós mesmos vemo-lo muito pouco nesta parte da casa; em geral, entra e sai pelo laboratório.

– Então, boas-noites, Poole.

– Boas-noites, Mr. Utterson.

O advogado dirigiu-se para sua casa triste e com o coração apertado.

“Pobre Harry Jekyll”, pensou, “receio que esteja em apuros! Teve uma juventude desordenada, claro que há muito tempo, mas perante a lei de Deus a sua responsabilidade não se extinguiu. Tem de ser isso: o fantasma de algum velho pecado, o

cancro de alguma desonra oculta, o castigo que chega, *pede claudo*, anos depois da memória o ter esquecido e o amor próprio haver condenado o deslize”.

Alarmado com a ideia, o advogado Utterson pensou com tristeza um pouco no seu próprio passado, procurando em todos os recantos da memória, com receio que alguma antiga iniquidade saltasse inopinadamente à luz do dia, como um boneco de molas a pular do interior de uma caixa de surpresas. Mas o seu passado era limpo e intocável. Poucos homens poderiam ler a história das suas vidas com menos apreensão que ele próprio. Contudo, envergonhou-se profundamente pelas muitas coisas más que havia praticado e sentiu que dentro de si crescia uma gratidão serena e temerosa pelas muitas outras que estivera a ponto de cometer e que, apesar de tudo, lograra evitar. Nesse momento, voltou a pensar no primeiro assunto e julgou ver um raio de esperança.

“Este Mr. Hyde – se o pudesse investigar detidamente tem de possuir os seus próprios segredos que, a julgar pelo seu aspecto, devem ser muito negros e junto dos quais o pior crime do pobre Jekyll deve ser como a luz do Sol. As coisas não podem continuar assim. Dá-me calafrios só de pensar nessa criatura a deslizar como um ladrão até junto da cabeceira do leito de Harry! Pobre Harry, que despertar! E o perigo que corre! Porque se esse tal Hyde suspeita da existência do testamento, pode começar a ficar impaciente por o herdar. Tenho de o ajudar. Se Jekyll me permitir fazer alguma coisa...”

E uma vez mais viu na sua imaginação, tão claras como num filme, as estranhas cláusulas do testamento.

O TESTAMENTO DO DR. JEKYLL

Quinze dias mais tarde, por um desses acasos da sorte, o doutor convidou para um dos seus agradáveis jantares, uns cinco ou seis velhos companheiros de diversões, todos eles inteligentes, de toda a confiança e excelentes apreciadores de bom vinho. Utterson conseguiu ficar a sós com o último depois de

todos os outros convidados terem partido. Isso não era nenhuma novidade, mas antes algo que já havia sucedido muitíssimas vezes, porque quem estimava Utterson, estimava-o de verdade. Os seus anfitriões tinham prazer na companhia do recatado advogado, quando os brincalhões e os charlatães do grupo estavam já de saída. Agradava-lhes ficar um pouco mais na sua discreta companhia, exercitando a solidão, serenando as mentes com o rico silêncio daquele homem, após os excessos da noite de festa. O Dr. Jekyll não era exceção a esta regra. Era um homem na casa dos cinquenta anos, grande, forte, de rosto delicado, com uma expressão algo astuta, talvez, mas em que todos os traços revelavam a sua capacidade e bondade. E durante o tempo em que esteve sentado diante da lareira, podia ver-se no seu aspecto que nutria por Utterson um afeto profundo e sincero.

– Há já algum tempo que tenho querido falar contigo, Jekyll – começou o advogado. – Recordas-te do teu testamento?

Qualquer observador vizinho poderia ter pensado que o assunto era desagradável, mas o doutor enfrentou-o alegremente.

– Meu pobre Utterson – disse –, não tens tido muita sorte com um cliente como eu. Nunca vi um homem tão angustiado como tu ao ler o meu testamento, a não ser esse pedante do Lanyon, tão rígido e agarrado à tradição, perante o que ele chama de “minhas heresias científicas”. Sim, já sei que é boa pessoa – não necessitas de franzir a testa –, um tipo excelente e a quem devia ver mais a miúdo mas que apesar de tudo é um antiquado, um pedante, um ignorante, exibicionista e presunçoso. Nunca ninguém me decepcionou tanto como ele.

– Sabes que nunca aprovei esse documento – prosseguiu Utterson implacável, ignorando o novo tema da conversa.

– O meu testamento?... Sim, é verdade, já sei – disse o doutor com uma certa aspereza na voz. – Já mo disseste.

– Pois volto a falar-te dele – continuou o advogado. – Tenho estado a averiguar algumas coisas a respeito do jovem Hyde.

O rosto agradável do Dr. Jekyll empalideceu até mesmo nos lábios e uma sombra negra obscureceu-lhe o olhar.

– Não quero saber mais nada! – exclamou. – Julgava que tínhamos concordado em não mencionar este assunto.

– O que ouvi é abominável – assegurou Utterson.

– Isso não altera nada. Tu não compreendes a minha posição – declarou o doutor com uma certa incoerência na sua conduta. – Encontro-me numa posição difícil, Utterson; a minha posição é muito, muito estranha. É um desses assuntos que a conversa não soluciona.

– Jekyll – insistiu Utterson –, tu já me conheces: sou um homem em que podes confiar. Abre-me o coração com franqueza, tem confiança e com toda a certeza poderei arrancar-te a esse sofrimento.

– Meu bom Utterson – agradeceu o doutor –, és muito amável e muito franco e não encontro palavras para te agradecer. Acredito totalmente em ti. Confio em ti acima de qualquer outra pessoa; mais do que em mim próprio, se tivesse de escolher. Claro que não é o que imaginas. Não, as coisas não são tão más como pensas. E só para tranquilizar o teu bom coração, dir-te-ei uma coisa: posso livrar-me de Mr. Hyde no momento em que bem o desejar, prometo-te. Agradeço-te de novo. Só mais uma palavra, Utterson e tenho a certeza de que não me interpretarás erradamente: este é um assunto pessoal e rogo-te que não te esqueças disso.

Utterson refletiu um pouco, fitando o lume da lareira.

– Tens naturalmente toda a razão – disse por fim, pondo-se de pé.

– Já que tocamos neste assunto, e espero que pela última vez – prosseguiu o doutor –, há um ponto que gostaria que compreendesses: realmente, tenho um grande interesse pelo pobre Hyde. Sei que já o viste; ele também mo disse e receio que tenha sido muito indelicado contigo. Contudo, digo-te com toda a sinceridade que o meu interesse por este jovem é enorme. E se eu morrer, Utterson, quero que me prometas que terás paciência com ele e que te encarregarás de fazer valer os seus direitos.

Creio que o farias convencido, se soubesses tudo e seria um grande alívio para mim se mo prometesses.

– Não posso fingir dizendo-te que simpatizo com ele – asseverou o advogado.

– Não te peço isso – suplicou Jekyll, pegando-lhe no braço. – Só peço justiça; só te peço que o ajudes por mim, quando eu já não fizer parte deste mundo.

Utterson não pode reprimir um suspiro.

– Está bem – disse. – Prometo-te.

O CASO DO HOMICÍDIO DE CAREW

Aproximadamente um ano depois, a 18 de Outubro, a cidade de Londres foi abalada por um crime de singular ferocidade, ainda mais notável pela elevada posição social da vítima. Os detalhes conhecidos eram poucos, mas surpreendentes.

Uma criada que vivia sozinha numa casa não muito distante do rio, subira para o seu quarto no piso superior por volta das onze, para se deitar. Embora a neblina envolvesse a cidade pela madrugada, a noite estava límpida e a rua para a qual dava a janela da donzela mostrava-se iluminada pela lua cheia. Parecia ser uma mulher de natureza romântica e sentou-se numa arca colocada precisamente debaixo da janela, entregando-se distraída aos seus devaneios. Nunca (costumava ela dizer, com lágrimas nos olhos, quando se referira àquela experiência) se havia sentido mais em paz com o gênero humano nem pensado no mundo com maior bondade. Enquanto ali se conservava sentada, reparou que um cavalheiro idoso de presença agradável e cabelos brancos se aproximava pela viela. Outro homem de estatura baixa, a quem a princípio prestou menos atenção, avançava ao seu encontro. Quando ambos se encontravam, à distância de trocar palavra (coisa que ocorreu precisamente debaixo da janela), o mais idoso fez uma saudação e aproximou-se do outro com um elegante gesto de cortesia. Não lhe pareceu que o tema da conversa fosse de grande importância: na

realidade, pela sua forma de apontar o dedo, parecia que era sua intenção apenas perguntar qual o caminho que devia tomar. Era agradável contemplar como a lua brilhava no seu rosto enquanto falava; um rosto que respirava uma inocente amabilidade e, ao mesmo tempo, uma certa altivez também, como uma bem fundada autoconfiança. Naquele instante, sem querer, fitou o olhar no outro personagem e qual não foi a sua surpresa ao reconhecer nele um tal Mr. Hyde, que certa ocasião havia visitado o seu patrão e pelo qual já então sentira grande aversão. Trazia na mão uma grossa bengala que agitava nervoso. Não disse uma única palavra e parecia escutar com uma mal reprimida impaciência.

De repente, irrompeu numa explosão de cólera, começou a bater com os pés no chão, a brandir o bastão e a atuar (segundo o que a criada descreveu) como um louco. O cavalheiro idoso deu um passo atrás, com um gesto de enorme surpresa e um tanto ofendido. Nesse momento, Mr. Hyde perdeu por completo o controlo e atacou-o derrubando-o. Um instante depois, com a fúria de um símio selvagem, punha-se a espezinhar a vítima, descarregando sobre ela uma tal chuva de golpes que se podia ouvir o estalar dos ossos a quebrar-se e o corpo a rebolar pelo empedrado da rua. Perante o horror de semelhante cena e daqueles sons, a rapariga desmaiou.

Eram duas da madrugada quando recuperou os sentidos e chamou a polícia. O assassino havia-se escapado há já muito tempo, mas ali estava estendida a sua vítima no meio da rua, incrivelmente desfeita. O varapau com que ele havia cometido o crime, embora de madeira pouco comum, muito forte e pesada, partira-se ao meio, estilhaçado e ficara junto da valeta próxima, perto do passeio – a outra metade o homicida devia tê-la levado sem dúvida consigo. Na vítima, encontraram uma carteira e um relógio de ouro, mas nem um único documento ou cartão de identificação, exceto um sobrescrito selado e lacrado que, provavelmente, transportava até ao correio e que se encontrava endereçada a Mr. Utterson.

Na manhã seguinte, levaram a carta ao advogado ainda este não se havia levantado da cama e mal a viu e foi informado

das circunstâncias do caso, com um gesto grave e firme comentou:

– Não direi nada enquanto não tiver visto o cadáver; isto pode ser muito grave. Tenham a amabilidade de esperar enquanto me visto.

Com o mesmo semblante sério ingeriu rapidamente o pequeno-almoço e partiu de carro para a esquadra da polícia, para onde o cadáver havia sido entretanto levado. Logo que entrou na cela onde se encontrava, acenou com a cabeça.

– Sim, estou a identificá-lo – disse. – E lamento informar que se trata de Sir Danvers Carew.

– Meu Deus! – exclamou o oficial. – Será possível? – E de imediato se lhe iluminaram os olhos de ambição profissional.

– Isto vai provocar um grande escândalo – continuou. – Talvez o senhor nos possa ajudar a encontrar esse homem. – E em poucas palavras, contou-lhe o que a criada havia visto e mostrou-lhe a bengala partida.

O nome de Hyde na boca do polícia fê-lo estremecer, mas quando viu diante de si a bengala, ficou sem qualquer dúvida: embora partida e amachucada, reconheceu a bengala que ele próprio havia oferecido a Henry Jekyll há já muitos anos atrás.

– Esse Mr. Hyde é um homem de baixa estatura? – perguntou Utterson.

– Especialmente baixo, sim, e com um aspecto particularmente cruel, segundo disse a criada – respondeu o oficial.

Utterson ficou uns instantes pensativo e depois, erguendo a cabeça, disse:

– Se o senhor quiser vir comigo no carro, poderei levá-lo a sua casa.

Então eram já quase nove horas da manhã e apareciam as primeiras neblinas da estação. Um grande manto cor de chocolate cobria o céu, mas o vento soprava constante e punha em fuga desordenada aqueles vapores que se agrupavam como para uma batalha. Enquanto o carro avançava lentamente de rua em rua, Utterson contemplou um maravilhoso número de tons e matizes do crepúsculo; aqui e ali, uma escuridão como o do

anoitecer, uma luz de uma cor viva e intensa como a do fogo de um incêndio e mais adiante a neblina dissipava-se totalmente e um brilhante raio de luz do dia cintilava no meio dos redemoinhos e espirais das nuvens.

O bairro sombrio do Soho, vislumbrado sob aquele cambiante de luzes, com as suas ruas cobertas de lodo, as pessoas andrajosas e sujas e os seus candeeiros que ou não haviam sido apagados ou tinham sido acendidos de novo para combater aquela nova e lúgubre invasão das trevas, parecia aos olhos do advogado um bairro de alguma cidade de pesadelo. Os seus pensamentos eram, de resto, dos mais lúgubres e quando ocasionalmente fitava o seu companheiro de viagem, tinha consciência de que sentia o contacto desse terror pela lei e pelos seus agentes que, por vezes, pode assaltar o mais honesto dos homens.

Quando o carro parou diante da morada indicada, a neblina dissipara-se um pouco, deixando ver uma rua escura, com uma taberna, autêntico palácio da genebra, um restaurante francês barato, uma casa de pasto, muitas crianças maltrapilhas acoradas nos portais e inúmeras mulheres de diferentes nacionalidades que, com a chave de casa na mão, saíam para o primeiro contacto com a manhã. Um momento mais tarde, a neblina pousava de novo, tão negra como a fuligem, sobre aquele ponto da cidade, isolando-o daquele infame ambiente. Era aí que morava o protegido de Henry Jekyll, um homem que era herdeiro de um quarto de milhão de libras esterlinas.

Uma velha de rosto macilento e cabelos louros abriu-lhes a porta. Tinha uma expressão de malvadez, suavizada talvez pela hipocrisia, mas os seus modos eram delicados. Sim, disse tratar-se da casa de Mr. Hyde que, contudo, não se encontrava presente. Na noite passada, havia chegado muito tarde, mas em menos de uma hora saíra de novo. Não, isso não era coisa rara! Os seus hábitos eram bastante irregulares e ausentava-se com frequência. Por exemplo, até ontem havia dois meses que não o via.

– Muito bem. Nesse caso, desejaríamos ver os seus aposentos – disse o advogado. E como a mulher começasse a

dizer que tal não era possível, acrescentou: – é melhor a senhora saber quem é este cavalheiro que me acompanha. Trata-se do Inspetor Newcomen da Scotland Yard.

Um trejeito de infame alegria aflorou ao rosto da mulher.

– Ah! – exclamou. – Meteu-se em apuros, hein? Que fez ele?

Utterson e o inspetor trocaram um breve olhar.

– Não nos parece um tipo muito popular – observou o segundo. – E agora, minha boa senhora, permita-nos que eu e este cavalheiro passemos uma busca.

De toda a casa, apenas habitada pela velha, Mr. Hyde não havia utilizado mais do que um par de quartos que estavam mobiliados com luxo e bom gosto. Havia um armário cheio de vinhos; a baixela era de prata, a decoração elegante; um bom quadro emoldurava a parede – presente, supôs Utterson, de Henry Jekyll, que era muito entendido na matéria – e as alcatifas eram espessas e de cores agradáveis. Contudo, nesse momento tudo isso tinha o aspecto de ter sido recentemente remexido de cima abaixo e apressadamente. A roupa estava espalhada pelo solo, com os bolsos revirados do avesso e na lareira havia um montão de cinzas como se houvessem estado a queimar muitos papéis. De entre estes, o inspetor desenterrou a matriz de um livro de cheques de cor verde que havia resistido à ação do fogo. Atrás da porta, encontraram a outra metade da bengala; isto confirmava as suas suspeitas e o oficial reconheceu que estava encantado com a descoberta. Uma visita ao banco, onde averiguaram que havia vários milhares de libras na conta do assassino, encheu de satisfação o policial.

– O senhor pode estar certo de uma coisa – disse o advogado. – Tenho-o nas minhas mãos. Ele deve ter perdido a cabeça, caso contrário nunca teria deixado aqui a bengala nem, além do mais, teria queimado o livro de cheques. O dinheiro pode ser coisa de vida ou de morte para esse homem! Basta esperar que apareça no banco para lhe apresentar o mandato de captura.

Contudo, isso não se revelou de fácil realização. Mr. Hyde contava com muito poucos amigos ou conhecidos – o próprio patrão da criada testemunha do crime só o havia visto um par de

vezes – e em nenhuma parte se conseguiu encontrar rasto da família. Nunca fora fotografado e os poucos que conseguiram descrevê-lo diferiam consideravelmente uns dos outros, como é frequente entre observadores não profissionais. Apenas estavam de acordo num ponto: a obsessiva sensação de deformidade inexplicável que o fugitivo deixou gravada na memória de quantos o haviam observado.

A CARTA DE MR. HYDE

Anoitecia quando Utterson chegou a casa do Dr. Jekyll. Poole abriu-lhe de imediato a porta e conduziu-o escadas abaixo pela cozinha e através de um pátio que noutra tempos fora um jardim, até ao edifício que era designado indistintamente pelo nome de laboratório ou sala de dissecação. O doutor havia comprado a casa aos herdeiros de um cirurgião célebre e como o seu gosto pessoal se inclinava mais para a química do que para a anatomia, tinha alterado o piso primitivo do bloco construído ao fundo do jardim. Era a primeira vez que o seu amigo Jekyll o recebia naquela parte da vivenda e o advogado contemplou com curiosidade o tétrico edifício sem janelas; uma vez lá dentro, lançou um olhar à sua volta e experimentou uma desagradável sensação de estranheza ao cruzar a sala, anteriormente recheada de estudantes inquietos e agora vazia e silenciosa, as mesas abarrotadas de aparelhos de química, o solo coberto de palha e caixas de embalagens abertas e a luz descendo debilmente através de uma cúpula sombria. No outro extremo da sala, um lanço de escadas dava para uma porta tapada por um reposteiro vermelho e por ela entrou finalmente no gabinete do doutor. Era um aposento amplo, rodeado de armários de vidro e mobiliado, entre outras coisas, com um espelho de corpo inteiro e uma escrivaninha; tinha três janelas sujas de pó e gradeadas que davam para a sala. A lareira estava acesa e junto da chaminé havia uma lâmpada a funcionar, pois a espessa neblina começava a estender-se pelo interior das casas. Ali, junto do calor do lume, estava sentado o Dr. Jekyll, que parecia

extremamente enfermo. Não se levantou para ir receber o seu visitante, antes estendeu uma mão gelada e saudou-o com uma voz irreconhecível.

Assim que Poole os deixou a sós, Utterson perguntou:

– Soubeste as novidades?

O doutor estremeceu.

– Os ardinias têm estado a apregoá-la na praça – respondeu. – Ouvi-os na sala de jantar.

– Só quero dizer-te uma coisa – acrescentou o advogado. – Carew era um cliente meu, mas também tu o és e quero saber como proceder. Não terás sido suficientemente louco em ocultar aquele fulano?

– Utterson, tomo Deus por testemunha – exclamou com um grito. – Juro-te que nunca mais voltarei a vê-lo. Dou-te a minha palavra de honra que cortei com ele. Tudo já acabou. Claro que ele não precisava da minha ajuda. Tu não o conheces como eu. Ele está fora de qualquer perigo, completamente a salvo. Presta atenção às minhas palavras: nunca mais se voltará a ouvir falar nele.

O advogado escutava com tristeza. Não estava a gostar da exaltação febril do amigo.

– Pareces estar muito seguro do que afirmas – disse. – Para teu próprio bem, espero que tenhas razão. Se o caso for a julgamento, poderás ter de ser citado.

– Estou plenamente convencido – replicou Jekyll. – Tenho razões, a certeza total, mas não posso compartilhá-las com ninguém. Há uma coisa sobre a qual me podes aconselhar. Recebi uma carta e não sei se devo entregá-la à polícia. Gostava de deixar este assunto nas tuas mãos, Utterson. Tenho a certeza de que o resolverás como deve ser. Deposito toda a confiança em ti.

– Suponho que receias que esta carta dê lugar à sua detenção? – perguntou o advogado.

– Não – respondeu ele. – Não estou preocupado com o que possa acontecer a Hyde. Cortei por completo com ele. Estive a pensar na minha própria reputação, que este odioso assunto já desonrou o suficiente.

Durante alguns instantes, Utterson meditou naquelas palavras. A autoconfiança do amigo surpreendia-o e tranquilizava-o ao mesmo tempo.

– Muito bem – disse por fim. – Deixa-me ver essa carta.

A missiva estava escrita com uma letra singular, muito vertical e terminava com a assinatura “Edward Hyde”. De um modo bastante conciso, dava a conhecer ao seu benfeitor, o Dr. Jekyll, a quem tão indignamente havia pago a sua infinita generosidade, que não tinha que se preocupar com a sua segurança, porque ele possuía meios para escapar, nos quais confiava plenamente. O advogado gostou bastante desta carta: dava àquela estreita amizade um melhor aspecto do que esperava e recriminou-se por algumas das suas suspeitas passadas.

– Tens contigo o sobrescrito? – perguntou.

– Queimei-o sem querer – respondeu Jekyll. – Mas não trazia selo. Foi entregue em mão.

– Queres que a guarde e reflita sobre ela? – perguntou Utterson.

– Quero que decidas por mim – foi a resposta. – Perdi a confiança em mim próprio.

– Está bem, vou pensar no assunto – continuou o advogado. – Uma pergunta mais: foi Hyde quem ditou os termos do testamento sobre o teu possível desaparecimento?

Jekyll esteve prestes a desmaiar ou, pelo menos, assim lho pareceu. Apertou com força os lábios e fez que sim com a cabeça.

– Já o calculava – disse Utterson. – Propunha assassinar-te. Tiveste muita sorte em escapar.

– Aprendi algo de muito mais importante – declarou solenemente o doutor. – Aprendi uma lição. Santo Deus, Utterson, que lição!

E ocultou o rosto entre as mãos durante uns breves instantes.

O advogado deteve-se ao sair e trocou duas palavras com Poole.

– Certamente, Poole – disse-lhe – que trouxeram hoje uma carta em mão. Que aspecto tinha o correio?

O mordomo, contudo, disse estar certo de que nada havia chegado, a não ser o carteiro.

– E eram apenas circulares – acrescentou.

Esta última informação fê-lo sair com todos os seus temores renovados. Era evidente que a carta havia chegado pela porta do laboratório. Até era possível que tivesse sido escrita no gabinete. Se assim fosse, tinha que analisá-la de modo diferente e abordar o assunto com a maior das cautelas. Enquanto caminhava, ouviu os arduos a apregoar até enrouquecer:

– Edição especial! O horrível assassinio de um membro do Parlamento!

Aquela era a oração fúnebre de um amigo e cliente e não conseguiu deixar de sentir um certo temor de que o bom nome do outro amigo fosse também envolvido no redemoinho do escândalo. A decisão que tinha de tomar era, quando menos, delicada e, embora por uso e costume fosse um homem seguro de si próprio, começou a abrigar o desejo de se aconselhar com alguém; contudo, pensou que talvez fosse possível lográ-lo com uma certa astúcia e prudência.

Pouco depois, estava sentado em sua casa ao lado da lareira com Mr. Guest, o seu secretário; à sua frente, situado a meio caminho de ambos, uma garrafa de vinho velho especial que durante muito tempo guardara na garrafeira. Lá fora, o nevoeiro continuava a dominar a cidade, onde os lampiões brilhavam com uma luz trêmula, como pirilampos e, através daquelas nuvens baixas que a envolviam e sufocavam, a vida urbana prosseguia a correr pelas grandes artérias com um ruído semelhante ao de um vento impetuoso. Mas na casa, o resplendor do fogo tudo alegrava; na garrafa, os ácidos tinham-se dissipado havia muito tempo, o vermelho púrpura tinha-se suavizado e, como a cor dos vitrais, havia-se enriquecido com os anos e o brilho das tardes frescas de Outono nas vinhas da ladeira estava prestes a ser posto em liberdade e a dispersar assim a neblina londrina. Inconscientemente, o advogado começava a comover-se. Não havia ninguém em quem podia

confiar mais do que Guest e nem sempre estava seguro de lhe ter ocultado tudo quanto houvera desejado. Guest tinha estado com frequência em casa de Jekyll por causa de assuntos profissionais; conhecia Poole e seria de estranhar que não tivesse tido conhecimento da familiaridade com que Hyde era tratado na casa; poderia até ter já tirado as suas próprias conclusões. Nesse caso, não seria conveniente que visse a carta que explicava aquele mistério? E dado que Guest era um grande estudioso da escrita e um apaixonado pela grafologia, não consideraria a consulta natural e até elogiosa? Ademais, o seu secretário era um homem que sabia dar um bom conselho; seria muito estranho que lesse o documento sem fazer algum comentário que o pudesse ajudar a determinar o seu proceder futuro.

– Este assunto de Sir Danvers é lamentável – disse ele.

– Também o creio. Despertou uma grande indignação na opinião pública – respondeu Guest. – Esse homem devia estar louco.

– Gostava de saber a sua opinião sobre este assunto – prosseguiu Utterson. – Tenho aqui um documento escrito pelo seu punho, mas que isto fique entre nós, porque na realidade não sei o que fazer; na melhor das hipóteses, é uma questão muito desagradável. Aí o tem. Algo de totalmente relacionado com a sua paixão: o autógrafo de um assassino.

Os olhos de Guest iluminaram-se e de imediato pôs-se a estudar com entusiasmo o documento.

– Não, Mr. Utterson – disse por fim. – Não é de louco, mas antes uma letra estranha.

– Pelo que todos dizem, o autor é também muito estranho – acrescentou o advogado.

Nesse preciso instante, entrou um criado com um recado.

– É do Dr. Jekyll? – perguntou Guest. – Parece-me reconhecer a sua letra. Algo de confidencial, Mr. Utterson?

– Apenas um convite para ir jantar. Por quê? Quer vê-lo.

– Um momento, por favor. Obrigado, senhor Utterson.

O secretário colocou as duas folhas de papel uma ao lado da outra e comparou rapidamente o conteúdo de ambas.

– Mais uma vez, muito obrigado – disse ele devolvendo os dois papéis. – É um autógrafo muito interessante.

Fez-se silêncio durante o qual Mr. Utterson lutou consigo próprio.

– Porque as comparou, Guest? – perguntou de repente.

– Bem, é que possuem uma semelhança singular; em muitos aspectos, as duas escritas são idênticas. Só se diferenciam na inclinação das letras.

– Bastante curioso, não? – exclamou Utterson.

– Como o senhor diz, é bastante curioso – assentiu Guest.

– Sabe, Guest, gostaria que guardasse segredo sobre esta carta – comentou o advogado.

– Esteja descansado – afirmou o secretário. – Compreendo-o perfeitamente.

Mal ficou sozinho nessa noite, Utterson guardou a carta no cofre, onde permaneceria desde aquele dia em diante. “Como é possível”, pensou. “Henry Jekyll a falsificar por causa de um assassino!”. E sentiu o sangue a gelar-se-lhe nas veias.

A MORTE DO DR. LANYON

Os dias passaram. Ofereceram-se milhares de libras de recompensa, pois a morte de Sir Danvers foi sentida como uma injúria pública. Mas Hyde havia desaparecido, estava fora do alcance da polícia, como se nunca tivesse existido. Grande parte do seu passado foi desenterrado e tudo se revelou horrível: saíram à luz uma infinidade de histórias sobre a crueldade daquele homem, tão insensível como violento, a sua vida infame, as estranhas amizades, o ódio que parecia haver rodeado a sua existência; mas do seu paradeiro atual, nem um rumor. A partir do momento em que abandonou a casa no Soho na madrugada do crime, desvanecera-se por completo.

A pouco e pouco, à medida que o tempo passava penosamente, o advogado Utterson começou a recompor-se da sua inquietação e a sentir-se mais tranquilo consigo mesmo. Em seu entender, a morte de Sir Danvers estava mais que

compensada com o desaparecimento de Mr. Hyde. Afastado então daquela funesta influência, o Dr. Jekyll começou uma nova vida. Saiu do seu retiro, recuperou as relações com os amigos, voltou a ser outra vez seu hóspede ou anfitrião habitual e se até então havia sido conhecido pelas suas obras de beneficência, agora não se distinguia menos pela sua devoção. Estava sempre muito atarefado, fazia muito exercício ao ar livre e todo o bem que podia. O seu rosto parecia radiante e aliviado, como se no seu íntimo tivesse a consciência de ser útil. E durante mais de dois meses viveu em paz.

No dia 8 de Janeiro, Utterson comeu em casa do doutor com um pequeno grupo de convidados; Lanyon esteve também presente. O anfitrião olhava de um para o outro, como nos velhos tempos, quando os três eram amigos inseparáveis. Mas no dia 13, e novamente a 14, o advogado deu de caras com a porta fechada.

– O doutor está recolhido nos seus aposentos – disse-lhe Poole – e não quer receber ninguém.

No dia 15, voltou a procurá-lo e de novo foi-lhe negada a entrada. Habitado durante os dois últimos meses a ver quase diariamente o seu amigo, ficou chocado com este seu regresso à solidão. Cinco dias depois, convidou Guest a jantar consigo e ao sexto dirigiu-se a casa do Dr. Lanyon. Ali, pelo menos, a entrada não lhe era negada, mas ao encontrar-se com ele, admirou-se com a alteração que ocorrera com o aspecto do doutor. Na cara trazia escrita a sua sentença de morte. O homem de rosto rosado havia agora empalidecido, estava visivelmente mais magro, mais calvo e mais velho, mas o que mais chamou a atenção do advogado não foram tanto estes sinais de repentina decadência física, mas antes o semblante daqueles olhos e algo na conduta do seu amigo que parecia testemunhar o terror profundamente arreigado no seu espírito. Era pouco provável que o doutor tivesse medo da morte e, no entanto, foi precisamente disso que Utterson foi tentado a suspeitar. “Ele é médico”, pensou, “e deve conhecer o seu estado de saúde, sabe que tem os dias contados e esse conhecimento é mais do que aquilo que pode suportar”. Porém, quando Utterson lhe fez uma observação sobre o seu

mau aspecto, Lanyon reconheceu com grande firmeza que era um homem condenado à morte.

– Sofri um choque emocional de que jamais recuperarei – disse. – É tudo questão de semanas. Mas tudo bem! A vida tem sido agradável. Desfrutei dela, sim senhor, mas às vezes penso que se a conhecêssemos bem, ficaríamos satisfeitos por escapar a este mundo.

– Jekyll está também enfermo – observou Utterson. – Tem-no visto?

O semblante de Lanyon mudou de cor. Levantou uma mão trêmula e disse em voz alta e entrecortada.

– Não quero ver nem ouvir falar do Dr. Jekyll. Cortei totalmente com essa pessoa e rogo-te que me evites qualquer alusão a um indivíduo que, no que me diz respeito, está morto.

– Então, vamos lá... – disse Utterson, fazendo um gesto de reprovação, ao que se seguiu um longo silêncio. – Há alguma coisa que eu possa fazer, Lanyon? – perguntou. – Nós os três somos velhos amigos e já não temos tempo para fazer novas amizades.

– Não há nada a fazer – foi a resposta do doutor. – Pergunta-lhe.

– Ele não quer ver-me – afirmou o advogado.

– Isso não me surpreende. Um dia destes, Utterson, depois de eu já ter morrido, talvez venhas a descobrir a verdade e a mentira de todo este assunto. Mas não to posso revelar agora. Entretanto, se és capaz de te sentar e falar de outras coisas, por amor de Deus, fica e fá-lo, mas se não podes evitar deixar de falar desta maldita história, então, em nome de Deus, vai-te embora, porque não posso suportá-la.

Ao chegar a casa, Utterson sentou-se à mesa e escreveu uma carta a Jekyll, queixando-se de não ser recebido e perguntando-lhe qual a causa da sua ruptura com Lanyon. No dia seguinte, recebeu uma volumosa resposta, redigida com palavras muitas das vezes patéticas, e outras revestidas de um significado misterioso.

A disputa com Lanyon era irremediável. “Não culpo o nosso velho amigo”, escrevia Jekyll, “mas partilho a sua opinião

de que não nos devemos ver mais. A partir de agora, pretendo levar uma vida de extremo recolhimento. Não deves surpreender-te nem duvidar da minha amizade se com frequência a minha porta estiver fechada inclusive para ti. Tens de permitir que eu siga o meu próprio e obscuro caminho, porque atraí sobre mim um castigo e um perigo que nem sequer posso mencionar. E se sou o maior dos pecadores, sou também a maior das vítimas. Nunca imaginei que neste mundo houvesse lugar para tantos sofrimentos e tanto terror. Só há uma coisa que podes fazer, Utterson para tornares menos pesado este destino: respeitar o meu silêncio”.

O advogado ficou estupefato. A tenebrosa influência de Hyde havia desaparecido e o doutor havia regressado às tarefas e amizades do passado. Apenas uma semana atrás, o futuro sorria-lhe com a promessa de uma velhice alegre e honrada e agora, num momento, a amizade, a tranquilidade do seu espírito e a sua vida inteira iam a pique. Uma mudança tão importante e inesperada parecia indício de loucura mas, ao recordar-se da atitude e das palavras de Lanyon, devia haver alguma razão mais profunda.

Uma semana depois, o Dr. Lanyon caiu enfermo de cama e em menos de quinze dias morria. Após o enterro, Utterson visivelmente afetado e cabisbaixo com o sucedido, fechou-se à noite no seu escritório e, à luz da chama melancólica de uma vela, colocou à sua frente um sobrescrito selado e lacrado e escrito pelo punho do seu defunto amigo: “PESSOAL: para ser entregue em mãos UNICAMENTE a J. G. Utterson; caso ele morra antes de mim, deve ser destruído sem ser lido”. Era tal a ênfase daquelas palavras que o advogado temeu examinar o seu conteúdo. “Hoje enterrei um amigo” pensou. “E se isto me custar a perda de outro?” De imediato compreendeu que aquele medo era uma deslealdade e quebrou o selo. Dentro, havia outra carta anexa, ela também selada, com a seguinte inscrição no dorso: “Abrir apenas depois do falecimento ou desaparecimento do Dr. Henry Jekyll”. Utterson não podia crer no que viam os seus olhos. Desaparecimento, de novo aquela palavra, tal como no testamento; sim, como naquele disparatado testamento que há já

algum tempo tinha devolvido ao seu autor. Aqui e agora, a ideia de um desaparecimento e o nome de Henry Jekyll apareciam outra vez estreitamente unidos. Mas no testamento tal ideia nascera da sinistra sugestão hipnótica daquele indivíduo, Hyde, e estava ali colocada com um propósito tão evidente como horrível. Escrito por Lanyon, porém, que significava? Uma enorme curiosidade apoderou-se dele: quem lhe dera não ser o depositário da carta, olvidar a proibição e mergulhar de uma vez por todas até ao fundo daquele mistério, mas a ética profissional e a fidelidade ao amigo desaparecido eram obrigações inultrapassáveis, pelo que colocou o sobrescrito no recanto mais secreto do seu cofre.

Mas uma coisa era mortificar a curiosidade e outra vencê-la e duvido que a partir de agora, Utterson desejasse a companhia do seu amigo com a mesma ilusão que anteriormente. Sim, pensava nele com afeto, mas também com inquietação e temor. Claro que ia visitá-lo, mas sentia-se aliviado quando por vezes lhe negavam a entrada. Talvez no mais íntimo do coração preferisse conversar com Poole à soleira da porta, sentindo o ar e os ruídos da cidade ao seu redor, que entrar naquela casa de cativo voluntário e sentar-se a falar com o seu inescrutável recluso. De resto, Poole nunca tinha notícias muito agradáveis a contar-lhe. Parecia-lhe que o doutor se encerrava agora mais do que nunca no gabinete do laboratório, onde de resto chegava a dormir algumas noites. Estava abatido, desanimado, tornara-se muito silencioso e já não lia. Era como se tivesse algo sempre presente na mente. Utterson passou a habituar-se tanto ao caráter invariável destas notícias que, a pouco e pouco, foi diminuindo a frequência das suas visitas.

A JANELA DO PÁTIO

Aconteceu num Domingo. Utterson dava o seu habitual passeio dominical com Mr. Enfield quando ambos ao percorrerem outra vez a viela, chegando à frente da porta, a fitaram com atenção.

– Bom, pelo menos essa história já terminou – disse Enfield. – Nunca mais voltaremos a ver Mr. Hyde.

– Espero que não – comentou Utterson. – Conte-te que o vi uma vez e que experimentei a mesma sensação de repugnância que tu?

– Uma coisa era impossível sem a outra – prosseguiu Enfield. – A propósito, deves ter pensado que eu era um imbecil por não haver reconhecido que esta era uma porta traseira da casa do Dr. Jekyll! E, de certo modo, foi por tua culpa eu não o ter averiguado quando o fiz.

– Então também o averiguaste? – disse Utterson. – Assim, julgo que podemos entrar no pátio e dar uma espreitadela pelas janelas. A falar verdade, estou inquieto com o pobre Jekyll e parece-me que embora cá fora na rua, a presença de um amigo pode fazer-lhe muito bem.

O pátio estava muito frio e um pouco úmido e encontrava-se já mergulhado num crepúsculo prematuro, embora no céu, lá muito acima das nossas cabeças, brilhasse o Sol poente. Uma das três janelas, a do meio, encontrava-se entreaberta e, sentado muito próximo dela, a apanhar ar, com um semblante de infinita melancolia, como um prisioneiro sem esperança, Utterson viu o Dr. Jekyll.

– Como estás, Jekyll? – gritou-lhe. – Espero que melhor.

– Encontro-me muito fraco, Utterson – respondeu o doutor com tristeza. – Muito fraco mesmo. Não resistirei muito mais tempo, graças a Deus.

– Estás demasiado tempo em casa – comentou o advogado. – Devias sair, estimular a circulação, como eu e Enfield fazemos.

– Oh, perdão! Mr. Enfield, meu primo, o Dr. Jekyll – disse, apresentando-os. – Vamos lá, apanha o teu chapéu e vem daí dar uma volta conosco.

– São muito amáveis – respondeu Jekyll com um sussurro. – Gostaria muito, mas não, não, não, é completamente impossível. Não me atrevo. Mas folgo muitíssimo em ver-te, Utterson, acredita. É francamente um grande prazer. Convidar-te-

ia a ti e a Mr. Enfield a entrar, mas o lugar não é apropriado para...

– Nesse caso – disse afavelmente o advogado –, o melhor que podemos fazer é permanecer aqui em baixo e falar contigo.

– Era precisamente isso que me ia atrever a propor – replicou o doutor, com um sorriso.

Mal estas palavras haviam sido pronunciadas, quando o sorriso lhe desapareceu do rosto, substituído por uma expressão tal de terror e desespero que gelava o sangue. Aquela abjeta visão foi momentânea, porque a janela se fechou de imediato. Mas aquele vislumbre havia sido mais do que suficiente para os dois homens, que deram meia volta e saíram do pátio sem dizer palavra. Todavia, percorreram em silêncio a viela e só depois de chegarem a uma rua vizinha, tranquila e com poucos sinais de via, inclusive aos Domingos, é que Utterson se virou para fitar o seu companheiro. Ambos estavam pálidos e nos seus olhos via-se estampado o horror.

– Deus meu! Que Deus tenha misericórdia de nós! – exclamou Utterson.

Enfield limitou-se a acenar com a cabeça, muito preocupado e continuou a caminhar em silêncio.

A ÚLTIMA NOITE

Uma noite, depois de jantar, Utterson estava sentado junto da chaminé quando foi surpreendido com a visita de Poole.

– Caramba, Poole! Que o traz por cá? – exclamou. Depois, fitando-o mais detidamente, acrescentou:

– Que se passa? O doutor Jekyll está doente?

– Mr. Utterson – respondeu o mordomo – há qualquer coisa que não bate certo.

– Sente-se e beba um copo de vinho – disse o advogado, – Agora, acalme-se e diga-me com franqueza o que se passa.

– O senhor já conhece os hábitos do doutor – respondeu Poole – e como por vezes se fecha nos seus aposentos. Pois bem, voltou a encerrar-se no gabinete e desta vez a coisa não

me está a agradar. Não me agrada mesmo nada! Tenho medo, Mr. Utterson.

– Vamos lá, vamos lá, bom amigo – tranquilizou-o o advogado – Seja mais explícito. Está com medo de quê?

– Há uma semana que ando aterrorizado – prosseguiu Poole, obstinado, não fazendo caso da pergunta – e já não aguento mais.

O aspecto daquele homem corroborava amplamente as suas palavras. As suas feições haviam-se alterado e à exceção do momento em que declarara ao advogado o seu temor, não mais voltara a fitá-lo no rosto. Mesmo agora, estava sentado com o copo de vinho sem o provar, apoiado no joelho e o olhar fixo num canto da sala.

– Não consigo aguentar mais – repetia vez após vez.

– Muito bem – disse Utterson. – Vejo que deve ter alguma boa razão para estar assim, Poole, que se passa algo de muito grave. Mas tente dizer-me o que é.

– Acho que houve ali traição – afirmou Poole com voz rouca.

– Traição! – exclamou o advogado com um grito, bastante sobressaltado e em consequência, propenso à irritação. – Que traição? Que quer dizer com isso?

– Não me atrevo a dizer-lho, senhor – respondeu o criado. – Mas importa-se de vir comigo, para ver com os seus próprios olhos?

Por única resposta, Utterson ergueu-se, pegou no sobretudo e no casaco. Quando Poole o seguiu, verificou com assombro um grande alívio refletido no rosto do mordomo que nem chegara a provar o vinho.

Era uma noite fria e tempestuosa, própria do mês de Março, com uma lua pálida que parecia arrastada pelo vento e um caos de nuvens de textura diáfana como algodão, que sulcavam velozes o céu. Aquele vento dificultava a conversa e avermelhava o rosto. De resto, parecia haver varrido as ruas, insolitamente vazias de transeuntes, a ponto de Utterson pensar jamais haver visto tão deserta aquela parte de Londres. Oxalá tivesse sido de outra forma, porque nunca antes na sua vida

tinha sentido um desejo tão intenso de ver e tocar nos seus semelhantes. E embora lutasse ao máximo por o superar, sobre o seu espírito pesava o pressentimento assustador de uma calamidade.

Quando chegaram à praça, tudo era ventania e poeirada e as magras árvores do jardim curvavam-se como varas. Poole, que durante todo o caminho se conservara a um ou dois passos à frente, detinha-se agora a meio do passeio e, apesar do frio cortante, tirou o chapéu e enxugou o suor da testa com um lenço vermelho. Aquelas gotas de suor não eram consequência do esforço nem sequer da pressa da caminhada, mas antes da úmida angústia que o inundava. Tinha o rosto pálido de morte e a voz, ao falar, era áspera e entrecortada.

– Já chegamos, senhor – murmurou. – Queira Deus que nada de mal haja acontecido.

– Amém, Poole – contrapôs o advogado.

Ato contínuo, o criado bateu à porta muito ao de leve e ela abriu-se, ainda presa pela cadeia de segurança. Uma voz trêmula perguntou do interior.

– És tu, Poole?

– Sim – respondeu este. – Abram a porta.

Quando entraram, encontraram o vestíbulo totalmente iluminado, a lareira acesa e a totalidade dos criados, homens e mulheres, apinhados como um rebanho de carneiros. Ao ver Mr. Utterson, a criada rompeu num choro histérico e a cozinheira correu para ele de braços estendidos como que a abraçá-lo.

– Bendito seja Deus! – gritou. – É Mr. Utterson!

– Que se passa? Que fazem vocês aqui? – exclamou o advogado mal-humorado. – É muito “irregular”, não me parece correto. E julgo que isto não agrada ao vosso patrão.

– Estão atemorizados, Mr. Utterson – disse Poole. Ninguém protestou e seguiu-se um profundo silêncio, unicamente interrompido pela voz da criada, que agora chorava com mais força.

– Cala-te – ordenou-lhe Poole num tom ríspido, que traía o estado de críspação dos seus nervos.

Na verdade, todos haviam estremecido quando a rapariga levantara bruscamente o tom da sua lamentação e viraram a cara com temerosa expectativa para a porta que dava para o interior da casa.

– Vamos lá a ver – prosseguiu o mordomo, dirigindo a palavra ao moço de cozinha –, traz-me uma lanterna e acabemos de vez com este assunto.

A seguir, pediu a Utterson que o acompanhasse e mostrou-lhe o caminho do jardim das traseiras.

– Agora, senhor– sussurrou –, siga-me tão silenciosamente como puder. Quero que o senhor escute mas sem ser ouvido. E por favor, se por casualidade ele lhe pedir que entre, não lhe obedeça.

Ante essa inesperada condição, os nervos de Utterson sofreram tal abalo que por pouco não perdia o equilíbrio, mas apelando a toda a sua coragem, seguiu o mordomo ao interior do edifício do laboratório, através da sala de cirurgia, com as suas embalagens e frascos amontoados, até junto da escada. Ali, Poole indicou-lhe com a mão que se pusesse de lado e escutasse, enquanto ele, depois de colocar no chão a lanterna, e de fazer um evidente esforço por se decidir, subia os degraus e batia um tanto hesitante na porta acolchoada a vermelho do gabinete.

– Senhor, Mr. Utterson deseja vê-lo – disse em voz alta, ao mesmo tempo que, uma vez mais, fazia sinais ostensivos ao advogado para que apurasse o ouvido.

– Diga-lhe que não quero ver ninguém – respondeu do interior uma voz queixosa.

– Obrigado, senhor – disse Poole, com um certo tom de triunfo.

Pegou de novo na lanterna e voltou a conduzir Utterson através do jardim do pátio até à enorme cozinha, onde a luz estava apagada e as baratas corriam pelo chão.

– Senhor – perguntou, fitando Utterson nos olhos –, acha que aquela era a voz do meu patrão?

– Pareceu-me muito alterada – respondeu o advogado, muito pálido, mas sem desviar os olhos.

– Alterada? Sim, claro, suponho que sim – prosseguiu o mordomo. – Mas o senhor acredita que depois de ter estado vinte anos em casa deste homem possa enganar-me a respeito da sua voz? Não, não senhor. Mataram-no! Mataram-no há oito dias, quando o ouvimos invocar aos gritos o nome de Deus e quem ali está dentro em seu lugar e porque lá permanece são perguntas que clamam aos céus, Mr. Utterson.

– Essa é uma história muito estranha, Poole; uma história bastante disparatada, caro amigo – disse Utterson mordiscando a ponta do dedo indicador. – Aceitemos por hipótese que haja acontecido o que afirma; suponhamos que o Dr. Jekyll haja sido... bom, assassinado. Que poderia induzir o assassino a permanecer aqui? Isso não é lógico; não me parece razoável.

– Bem, Mr. Utterson, o senhor é um homem difícil de ser convencido, mas apesar de tudo, tentarei – assegurou Poole. – Fique então a saber que durante a semana passada inteira ele, ou aquilo, ou seja lá o que vive nesse gabinete, esteve a clamar dia e noite por um certo tipo de remédio que não consegui arranjar. Por vezes, ele, isto é, o meu patrão, tinha o costume de escrever os recados numa folha de papel que deixava no topo da escada. Pois bem, nesta última semana, não vimos outra coisa senão papéis e uma porta fechada e até a própria comida, que deixávamos aqui fora, ele introduzia-a às escondidas, quando ninguém o via. Diariamente, sim, e até duas e três vezes no mesmo dia, choviam ordens e reclamações e mandava-me a toda a pressa a todas as drogarias que há na cidade. E de cada vez que regressava trazendo-lhe a substância que me pedia, havia outro papel a mandar-me devolver a anterior, porque não era pura e outro pedido para uma drogaria diferente. Necessita desesperadamente dessa droga, senhor, sabe-se lá para quê.

– Tem consigo algum desses papéis? – perguntou Utterson. Poole procurou nos bolsos e retirou uma folha amachucada que entregou ao advogado; este, aproximando-se da luz da lanterna, examinou cuidadosamente o bilhete. O seu conteúdo era o seguinte: “O Dr. Jekyll apresenta os seus cumprimentos aos Srs. Maw e garante-lhes que a sua última amostra do produto solicitado é impura e, portanto, de nada

serve para o fim a que se destina. No ano de mil oitocentos..., o Dr. Jekyll comprou aos Srs. Maw uma quantidade bastante importante do citado produto. Agora, pede-lhes que procurem com o máximo cuidado possível entre a sua existência e, se lhes sobrou um pouco da mesma qualidade, que lhe seja enviado imediatamente, sem olhar a gastos. Não exagero a importância que isso representa para o Dr. Jekyll”. Até aqui, a carta estava redigida com bastante calma mas ao chegar a este ponto, com um repentino garatujar da pena, as emoções do autor alteravam-se: “Por amor de Deus”, tinha acrescentado, “arranjem-me um pouco daquela remessa antiga”.

– Que recado estranho – comentou Utterson. De seguida, acrescentou com um tom de voz severo: – E está aberta. Como explica isto?

– O empregado de Maw ficou muitíssimo irritado ao lê-la e devolveu-a com desprezo, como se fosse algo de repugnante – respondeu Poole.

– Não há dúvida de que é a letra do doutor, não acha? – continuou o advogado.

– Assim me parece – disse o criado, algo irritado; depois, acrescentou com outro tom de voz: – Mas que importa a letra. Eu vi-o.

– Viu-o? – repetiu Utterson. – E depois?

– É verdade! – disse Poole. – Foi assim: entrei de repente no laboratório ido do jardim. Ele havia saído furtivamente para ir procurar essa droga, ou seja lá o que for, porque a porta do gabinete estava aberta e ele encontrava-se no fundo da sala, remexendo entre os caixotes das embalagens. Quando entrei, levantou os olhos, deu um grito e subiu velozmente as escadas, refugiando-se no interior do gabinete. Não o vi mais do que um instante, mas fiquei com os cabelos em pé. Senhor, se aquele era o meu patrão, porque tinha um máscara a tapar-lhe o rosto? Se aquele era o doutor, porque guinchou como uma ratazana e fugiu de mim? Tenho-o servido durante muitos anos. E neste momento...

O mordomo fez uma pausa e passou a mão pelo rosto.

– Apesar de todas essas circunstâncias que me conta serem muito estranhas, julgo que começo a ver as coisas mais distintamente – disse Utterson. – Não há dúvidas, Poole, de que o seu patrão foi assaltado por uma dessas enfermidades que ocasionalmente torturam e deformam a vítima; daí, suponho eu, a alteração da voz, a máscara e o fato de se ocultar dos amigos, bem como a sua ânsia em arranjar esse remédio, por meio do qual o pobre homem conserva ainda alguma esperança de vir a restabelecer-se. Deus queira que me engane! Essa é a minha explicação para o caso, Poole; bastante triste, sim, e espantosa, mas evidente e lógica; encaixa-se perfeitamente com os fatos e liberta-nos de todos estes exagerados temores.

– Senhor, essa coisa aí não é o meu patrão – disse o mordomo, assomando-lhe ao rosto uma intensa palidez. – É a pura verdade. – Ao chegar a este ponto, olhou à sua volta e começou a falar num sussurro: – o meu patrão é um homem alto e bem proporcionado e o tipo que ali está dentro não passa de um anão.

Utterson tentou protestar.

– Oh, senhor – lamentou-se Poole –, acha que não conheço o meu patrão ao fim de vinte anos de serviço? Acha que não sei a que altura da porta do gabinete fica a cabeça dele, tendo-o visto ali todas as manhãs da minha vida? Não, senhor, aquela coisa com a máscara nunca foi o Dr. Jekyll. Deus sabe o que era, mas nunca o Dr. Jekyll, com toda a certeza. Creio de todo o meu coração que se praticou aqui dentro um assassinio.

– Se você afirma isso, Poole – respondeu o advogado – o meu dever é verificá-lo. Por muito que deseje não ferir os sentimentos do seu patrão, por muito perplexo que esteja com esta carta, que parece provar estar ele vivo, considero que o meu dever é forçar esta porta.

– Ah, Mr. Utterson, assim mesmo é que se fala! – exclamou o mordomo.

– E agora vem a segunda questão – prosseguiu Utterson.
– Quem vai fazê-lo?

– Como? O senhor e eu, naturalmente – foi a rotunda resposta do criado.

– Muito bem, Poole – agradeceu o advogado. – Suceda o que suceder, garanto-lhe que não sairá prejudicado de tudo isto.

– Na sala de dissecação está um machado – indicou Poole. – O senhor pode levar o atizador da cozinha.

O advogado segurou entre as mãos aquele rude e pesado instrumento e depois de lhe tomar o peso, disse erguendo os olhos:

– Dá-se conta de que nos vamos colocar numa posição um tanto perigosa?

– É verdade, senhor! – respondeu o mordomo.

– Pois bem, Poole, sejamos francos – observou Utterson. – Ambos pensamos mais do que aquilo que dissemos. Falemos com franqueza! Em relação a essa figura mascarada que você viu, reconheceu quem era?

– Bem, tudo aconteceu tão depressa e aquela criatura ia tão curvada que dificilmente o poderia jurar – confessou Poole. – Mas se com isso quer dizer que era Mr. Hyde... Pois bem, creio que era ele! Veja: tinha mais ou menos a mesma envergadura, assim como a mesma rapidez e agilidade: de resto, que outra pessoa poderia ter entrado pela porta do laboratório? Esqueceu-se, senhor que quando ocorreu o assassinio de Sir Carew, ele ainda tinha a chave? Mas isso não é tudo. Ignoro, Mr. Utterson, se alguma vez se cruzou com Mr. Hyde.

– Sim. Uma vez até falei com ele – respondeu o advogado.

– Então já deve saber, como os restantes de nós, que esse “cavalheiro” tinha algo de estranho, algo que nos impressionava. Não sei bem como descrevê-lo, senhor. É como se sentíssemos um gelo a penetrar-nos até à medula dos ossos.

– Confesso que foi um pouco isso que senti – reconheceu Utterson.

– Compreendo-o perfeitamente, senhor – prosseguiu Poole. – Quando aquela coisa mascarada saltou como um macaco de entre as embalagens de produtos químicos e se introduziu rapidamente no gabinete, um frio gelado percorreu-me a coluna. Claro, sei que isso não serve de modo nenhum como evidência, Mr. Utterson. Tenho lido o suficiente para saber isso.

Mas todos nós temos os nossos pressentimentos e juro-lhe que se tratava de Mr. Hyde!

– Sim, sim. Compartilho da sua opinião e temores – disse enfaticamente o advogado. – Receio que nada de bom pode resultar dessa relação nefasta. É isso que penso. O pobre Harry foi assassinado e o seu assassino (só Deus sabe com que propósito) ainda se encontra escondido nos aposentos da sua vítima. Pois bem, vamo-nos vingar. Chame Bradshaw.

O criado acorreu ao chamamento, extremamente pálido e nervoso.

– Anime-se, Bradshaw! – exclamou o advogado. – Sei que este estado de tensão os está a afetar a todos, mas a nossa intenção é acabar com esta situação. Poole e eu vamos entrar pela força no gabinete. Se não acontecer nada, tenho os ombros suficientemente largos para arcar com toda a responsabilidade. Entretanto, se algo não correr bem ou se algum “malfeitor” pretender fugir pela porta traseira, o senhor e o moço de cozinha dêem a volta à esquina e ponham-se junto da entrada do laboratório com um bom par de cacetes. Têm dez minutos para se colocarem nos seus postos.

Assim que Bradshaw partiu, o advogado consultou o relógio e disse:

– E agora, Poole, vamos ao trabalho!

Colocou o atizador debaixo do braço e indicou o caminho em direção ao pátio.

As nuvens, levadas pelo vento, tinham-se amontoado diante da lua e agora estava tudo escuro. A brisa, que penetrava a espaços naquele edifício que se assemelhava a um poço escuro, fazia oscilar a cada momento a luz da lanterna até chegarem ao abrigo do laboratório, em cujo interior se sentaram silenciosamente à espera. Londres fervia de atividade por todos os lados, mas ali dentro o silêncio da noite só era interrompido pelo ressoar de passos que iam e vinham ao longo do piso do gabinete.

– Passeia-se assim durante todo o dia – sussurrou Poole – e também durante a maior parte da noite. Só ocorre uma certa interrupção quando chega uma nova amostra da farmácia. A sua

má consciência é como um inimigo para o seu descanso! Em cada uma das suas passadas há sangue vilmente derramado! Mas escute de novo, aproxime-se um pouco mais e apure o ouvido, Mr. Utterson, e diga-me: acha que é assim que o doutor anda?

As passadas ressoavam ligeiras e estranhas, com uma certa cadência rítmica, muito pausada. Era deveras muito diferente do andar forte e ruidoso de Henry Jekyll.

– Mais nada? – perguntou Utterson num sussurro. Poole fez um gesto com a cabeça.

– Uma vez – disse -, uma vez ouvi-o a chorar.

– A chorar? Por quê? – exclamou o advogado com um súbito estremecimento de horror.

– Chorava como uma criança, como uma alma penada respondeu o mordomo. – Saí dali com o coração todo apertado. Era desesperante.

Os dez minutos de prazo haviam-se esgotado já. Poole desenterrou o machado que se encontrava debaixo de um monte de palha; colocou a lanterna sobre a mesa mais próxima para os alumiar durante o ataque de surpresa e, contendo a respiração, aproximaram-se do local onde ainda se ouviam os passos enfiados num vaivém constante, no silêncio da noite.

– Jekyll! – gritou Utterson, erguendo a voz. – Quero falar-te sem tardança. – Calou-se por instantes, mas não obteve resposta. – Aviso-te com toda a seriedade – prosseguiu –; estamos com sérias suspeitas a teu respeito e estou disposto a ver-te, a bem ou a mal, com o teu consentimento ou pela força.

– Utterson, pelo amor de Deus – ouviu-se atrás da porta –, tem piedade!

– Ah, essa não é a voz de Jekyll – exclamou Utterson. – É a de Hyde! Derrube a porta, Poole!

O mordomo ergueu o machado até ao ombro e assestou um golpe que fez tremer todo o edifício; a porta acolchoada de vermelho saltou juntamente com a fechadura e os gonzos. Um triste queixume de animal aterrorizado ecoou pelo gabinete. Uma e outra vez o machado se levantou, fazendo erguer o caixilho. Por quatro vezes o ferro se enterrou na madeira, mas esta era

sólida e de excelente manufatura. Só ao quinto golpe é que a fechadura saltou e então os restos estilhaçados da porta tombaram no interior da habitação sobre o tapete.

Horrorizados pelo estrépito causado e pelo silêncio perturbador que se seguiu, ambos os atacantes recuaram e olharam fixamente para o interior do quarto. Estava iluminado pela suave luz de uma lâmpada; um fogo vivo ardia e crepitava na lareira e a chaleira silvava com a água a ferver; no solo, havia uma ou duas caixas abertas; sobre a secretária, papéis e documentos dispostos com cuidado e, junto ao fogão, as coisas preparadas para tomar chá. Era o aposento mais tranquilo e, se não fossem os armários de vidro cheios de produtos químicos, dir-se-ia ser também o mais vulgar e sossegado da noite londrina.

Precisamente a meio do gabinete, jazia o corpo de um homem, a contorcer-se de dores e que ainda se mexia espasmodicamente. Aproximaram-se dele cautelosamente, fizeram-no voltar de costas e viram o rosto de Edward Hyde.

Estava vestido com uma roupa demasiado grande para ele, concretamente com um fato do tamanho do doutor. Os músculos do rosto ainda se contraíam, aparentemente vivos, mas a vida havia já abandonado aquele corpo e pela ampola partida que segurava numa das mãos e o penetrante cheiro a amêndoas que pairava no ar, Utterson percebeu que estava a contemplar o cadáver de um suicida.

– Chegamos demasiado tarde – disse gravemente – e não sei se para o salvar, se para o castigar. Hyde morreu e só nos resta encontrar o cadáver do seu patrão, Poole.

A sala de dissecação ocupava a maior parte daquele edifício e quase todo o piso térreo; a luz entrava por cima e pelo gabinete, que formava na outra extremidade da sala um segundo piso. Um corredor unia a sala à porta que dava para a viela e, por sua vez, comunicava separadamente com o gabinete por um segundo lanço de escadas. De resto, havia alguns pequenos quartos, muito escuros e um amplo sótão. Tudo isso foi examinado minuciosamente. Os cubículos só precisaram de uma vista de olhos porque estavam vazios e, a julgar pelo pó que caía

das suas portas a um simples movimento, havia muito tempo que não eram abertas. O sótão estava abarrotado de trastes velhos, na sua maioria pertencentes ao cirurgião que antecederara o Dr. Jekyll; no preciso instante em que abriram a porta, soltou-se dela uma teia de aranha enorme e emaranhada que durante muitos anos havia sido tecida à entrada e que os alertou para a inutilidade de procurarem mais. Em nenhum lado se via rasto de Henry Jekyll, vivo ou morto.

Poole bateu com os pés nas lajes do corredor.

– Tem de estar enterrado aqui – disse, escutando a ressonância.

– Ou pode ter fugido – comentou Utterson.

De imediato foram examinar a porta da viela. Estava fechada e sobre uma laje encontraram a chave, manchada já pela ferrugem.

– Não tem sinais de haver sido usada – observou o advogado.

– Usada! – repetiu Poole com assombro. – Não vê, senhor, que está partida? Como se alguém a tivesse pisado.

– É verdade – confirmou Utterson – e no sítio por onde se partiu está também oxidada...

Os dois homens fitaram-se inquietos.

– Não estou a perceber nada, Poole – disse o advogado. – Voltemos para o gabinete.

Subiram a escada em silêncio e não sem lançarem de vez em quando um olhar temeroso ao cadáver, continuaram a examinar mais detidamente o conteúdo da casa. Numa mesa encontraram vestígios de um trabalho químico: diversos montículos de uma espécie de sal branco, colocados em pratos de vidro. Era como se alguma coisa tivesse impedido o infeliz de terminar uma experiência.

– Era esta a droga que lhe trazia – afirmou Poole. Subitamente, a chaleira começou a apitar com um ruído assustador e isto atraiu-os à chaminé. A poltrona fora colocada perto do fogo e o serviço do chá disposto e preparado perto de um dos seus braços, juntamente com o açúcar na taça. Numa prateleira, havia alguns livros, mas um deles estava aberto ao

lado da bandeja de chá. Utterson ficou estupefato ao descobrir tratar-se de uma obra piedosa pela qual várias vezes Jekyll havia manifestado possuir grande estima e que se encontrava agora cheia de anotações blasfemas escritas pelo seu próprio punho.

Depois, prosseguindo a sua busca, os dois homens pararam diante do espelho de corpo inteiro e ao olharem para ele, viram refletidos nos seus rostos pálidos e temerosos, um horror involuntário, marcado pelo resplendor rosado do fogo que dançava no teto e nas chamas cem vezes repetidas pelos vidros dos armários.

– Este espelho testemunhou coisas muito estranhas, senhor – murmurou Poole.

– Certamente, mas nada me parece mais estranho que este mesmo espelho – disse o advogado num sussurro. – Por que, para quê queria Jekyll... – ao ouvir-se a si mesmo pronunciar esse nome, estremeceu; de seguida, dominou-se e prosseguiu: – para que precisava ele disto?

– Talvez o senhor saiba explicar! – exclamou Poole.

A seguir, dirigiram-se ao escritório. Entre a série de papéis cuidadosamente arrumados havia, bem em evidência, um sobrescrito grande endereçado pelo doutor a Mr. Utterson. O advogado abriu-o e várias cartas anexas caíram ao chão. A primeira era um documento redigido nos mesmos termos que o escrito devolvido por ele seis meses antes, que serviria de testamento em caso de morte e da ata de doação em caso de desaparecimento, mas em lugar do nome de Edward Hyde, viu com assombro que o beneficiário era desta vez Gabriel John Utterson. Fitou Poole, depois olhou para os papéis e, por último, para o corpo sem vida do malfeitor que jazia sobre o tapete.

– Tenho a cabeça às voltas e não percebo nada – disse por fim. – Durante todos estes dias, tem estado nas mãos deste patife que não tinha razões para gostar de mim. Pelo contrário, devia estar furioso por ver-se substituído por mim; e, no entanto, não destruiu este documento.

Pegou na segunda carta; era um bilhete curto escrito pelo doutor e datado do mesmo dia.

– Poole! – gritou o advogado. – Ele estava vivo e hoje estive aqui! Não podem ter feito desaparecer o seu corpo em tão pouco tempo. É possível que ainda esteja vivo e que haja fugido! Mas, então, porque fugir? E como? E no caso de ser... podemos arriscar-nos a classificá-lo de suicídio? Temos de ser prudentes. Ainda podemos vir a envolver o seu patrão num escândalo desagradável.

– Porque não lê a carta, senhor? – perguntou Poole.

– Porque tenho medo – respondeu gravemente o advogado. – Deus queira que os meus temores sejam infundados.

Dito isto, fitou fixamente o bilhete e leu o seguinte:

“Meu caro Utterson:

Quando esta carta te chegar às mãos, eu terei desaparecido. Não sei em que circunstâncias, que tão-pouco posso prevêê-las, mas o meu instinto e tudo quanto rodeia a minha infame situação dizem-me que o fim é certo e que deve estar muito próximo. Lê a narrativa que Lanyon me informou ir-te confiar.

Se queres saber mais, atende a confissão do teu indigno e desditoso amigo,

Henry Jekyll”

– Há uma terceira carta? – perguntou Utterson.

– Aqui está ela, senhor – respondeu Poole, entregando-lhe um volumoso sobrescrito lacrado em diversos sítios.

O advogado enfiou-o no bolso do casaco e disse:

– Não falarei deste documento a ninguém, Poole. Se o seu patrão fugiu ou morreu, ao menos salvemos-lhe a reputação. São dez horas. Tenho de regressar a casa para ler estes documentos com calma, mas voltarei antes da meia-noite e então chamaremos a polícia.

Saíram fechando atrás de si a porta da sala e Utterson, deixando outra vez a criadagem reunida à volta da lareira do vestíbulo, regressou ao seu escritório, caminhando com

dificuldade. Esperava que a leitura daqueles documentos lhe esclarecesse definitivamente o mistério.

O RELATO DO DOUTOR LANYON

No dia 9 de Janeiro, faz hoje dias, recebi pelo correio da tarde uma carta registrada escrita pelo meu colega e antigo condiscípulo Henry Jekyll. Surpreendi-me bastante, porque não tínhamos o costume de trocar correspondência. Tinha-o visto e, inclusive, havia jantado com ele na noite anterior e não podia imaginar nada que justificasse a formalidade de um registro. O seu conteúdo aumentou a minha surpresa. O texto dizia assim:

“10 de Dezembro de 18...

Meu caro Lanyon:

És um velho amigo meu, talvez um dos mais antigos e embora por vezes tenhamos divergido em questões científicas, não posso recordar-me, pelo menos da minha parte, de nenhuma ruptura na nossa amizade e afeto mútuo. Jamais duvidaria em sacrificar a minha fortuna ou a minha mão direita para te ajudar, se algum dia me houvesse dito: ‘Jekyll, a minha vida, a minha honra, o meu juízo dependem de ti’. Lanyon, a minha vida, a minha honra, o meu juízo estão todos à tua mercê. Se me abandonares esta noite, estou perdido. Certamente suporás, depois deste prefácio, que vou pedir-te algo de desonroso. Julga por ti mesmo. Quero que adies qualquer outro compromisso que tenhas para esta noite mesmo que te chamem à cabeceira do rei. Se o teu coche não estiver disponível, aluga um e com esta carta na mão, para a consultar em caso de dúvida, vem imediatamente a minha casa. Poole, o meu mordomo, tem ordens concretas. Encontrá-lo-ás à espera que chegues, na companhia de um serralheiro. Forçareis a porta do meu gabinete; entrarás tu sozinho, abrirás o armário de vidro (letra E) colocado à esquerda, rebentando a fechadura se ela estiver trancada e retirarás, com todo o seu conteúdo e tal como a encontrares, a quarta gaveta a

contar de cima ou, o que vai dar ao mesmo, a terceira a contar de baixo. Na minha extrema perturbação, tenho um receio mórbido de te transmitir uma informação errada, mas ainda que me engane, poderás saber que é a gaveta correta pelo seu conteúdo: uns pós, um frasco e um caderno. Suplico-te que leves essa gaveta contigo até à praça Cavendish, tal como a encontrares.

Esta é a primeira coisa que quero que faças. Vamos à segunda:

Se assim que receberes este bilhete te puseres imediatamente a caminho, estarás de volta muito antes da meia-noite. Mas deixo-te essa margem de tempo, não só por receio de ocorrer algum desses obstáculos que não se podem nem evitar nem prever, como também porque para o que falta fazer é preferível uma altura em que os teus criados estejam já recolhidos. À meia-noite, pois, estarás sozinho no teu consultório, abrirás tu mesmo a porta da casa a um indivíduo que se apresentará em meu nome e entregar-lhe-ás a gaveta do meu gabinete. Nesse momento, terás desempenhado a tua parte às mil maravilhas e merecerás a minha eterna gratidão. Cinco minutos mais tarde, embora exijas uma explicação, terás compreendido que estas estranhas disposições eram de capital importância e que, omitindo alguma delas, por mais fantástico que te pudesse parecer, podias tornar-te no responsável pela minha morte ou loucura.

Embora esteja confiante que atenderás o meu pedido com a maior seriedade, o meu coração fica destroçado e a minha mão treme só de pensar na possibilidade de não o fazeres. Pensa que neste momento estou num local desconhecido, lutando com uma negra angústia, dificilmente imaginável, consciente, contudo, de que se cumprires pontualmente as minhas ordens, as minhas preocupações acabarão. Ajuda-me, meu caro Lanyon, salva a minha alma.

Teu amigo,
Jekyll.”

“P.S. – Ia já terminar quando urna nova dúvida me assaltou. É possível que se atrase a recolha ou a entrega do

correio e que esta carta só te chegue às mãos amanhã pela manhã. Nesse caso, caro Lanyon, faz o que te peço assim que te for mais conveniente, mas durante o dia, e espera o meu mensageiro à meia-noite. Talvez seja já demasiado tarde. Se nessa noite não receberes notícias minhas, não voltarás a ver Henry Jekyll”.

A leitura daquela missiva criou em mim a ideia de que o meu colega enlouquecera, mas para que não ficasse com dúvidas, senti-me forçado a fazer o que me pedia. Quanto menos percebia daquela trapalhada, menos me via em posição de apreciar a sua importância, mas não podia deixar de atender a um pedido de socorro assim expresso sem assumir uma grave responsabilidade. Desse modo, levantei-me da mesa, peguei numa carruagem e dirigi-me diretamente a casa de Jekyll. O mordomo estava à minha espera: ele próprio havia recebido pelo mesmo correio que eu uma carta registrada com as instruções e de seguida havia mandado chamar o serralheiro e um carpinteiro. Enquanto falávamos do assunto, chegaram ambos os artesãos e como um só homem dirigimo-nos ao teatro anatômico do velho Dr. Denman, de onde (como sem dúvida saberás) se pode entrar comodamente no gabinete privado de Jekyll. A porta era muito sólida e a fechadura excelente.

O carpinteiro confessou que encontraria sérias dificuldades e que faria um grande estrago se tivesse de utilizar a força. O serralheiro esteve prestes a desesperar, mas era um sujeito hábil e após duas horas de trabalho, lá conseguiu abrir a porta. O armário de vidro assinalado com a letra E não estava fechado à chave. Retirei a gaveta, enchi-a de palha e depois de a envolver numa mortalha, regressei com ela à praça Cavendish.

Uma vez ali, procedi ao exame do seu conteúdo. Os pós estavam empacotados com todo o esmero, mas não com a meticulosidade de um farmacêutico, de modo que era evidente que fora o próprio Jekyll que os havia preparado. Abri um dos invólucros e descobri o que me pareceu ser sal cristalizado de cor branca. Logo de seguida, concentrei a minha atenção no frasco: estava cheio quase até metade de um líquido

sanguinolento, de cheiro muito áspero e picante, que parecia conter fósforo e algum éter muito volátil. Quanto aos demais ingredientes, não podia fazer conjecturas. O caderno era uma encadernação vulgar que apenas tinha anotado uma série de datas, mas estas abarcavam um período de muitos anos e observei que os apontamentos se interrompiam de imediato cerca de um ano antes. Em vários locais, junto de uma data havia uma correspondente breve observação que no geral consistia de uma única palavra: “duplicar”. Em centenas de datas, isso ocorria talvez umas seis vezes. Só numa ocasião, no início da lista, aparecia uma estranha observação entre pontos de exclamação: um completo fracasso!!! Embora tudo isso me despertasse a curiosidade, nada me dizia de concreto. Continha ainda um frasco com um pouco de tinta, um pacote de papel com algo parecido com sal e as anotações de uma série de experiências que não haviam conduzido (como tantas outras investigações de Jekyll) a nenhum resultado de utilidade prática. Como é que a presença de qualquer destes objetos em minha casa podia afetar a honra, o juízo ou a vida do meu caprichoso colega? E se o seu mensageiro podia ir ter aqui, porque não a outro lugar qualquer? E ainda supondo que houvesse algum impedimento, porque tinha eu de receber esse indivíduo em segredo? Quanto mais pensava no assunto, tanto mais convencido ficava de que se tratava de um caso de enfermidade mental. Dei autorização aos criados para se recolherem, mas carreguei o meu velho revólver para não ficar sem nenhum meio de defesa.

Os sinos de toda a Londres acabavam de dar as doze quando a aldraba da porta tocou de mansinho. Fui abrir de imediato e dei de caras com um homem de baixa estatura, encostado aos pilares do pórtico.

– O senhor vem da parte do Dr. Jekyll? – perguntei-lhe.

Respondeu-me que sim com um gesto constrangido e quando o convidei a entrar não o fez sem antes lançar um penetrante olhar para trás, para as sombras da praça. Não muito longe, um guarda passeava com a sua lanterna acesa; ao

vislumbrá-lo, creio que o meu visitante se sobressaltou e apressou-se a entrar.

Confesso que todos estes pormenores me impressionaram tão desagradavelmente que não tirei a mão do revólver enquanto o conduzia até ao meu consultório. Ali, tive por fim a oportunidade de o ver à claridade. Tinha a certeza de que era a primeira vez que lhe punha a vista em cima. Como já disse, era de baixa estatura, mas o que me surpreendeu foi a espantosa expressão do seu rosto, a singular combinação de hiperatividade muscular e uma evidente debilidade física e, por último, embora nem por isso menos importante, a inquietante perturbação que a sua presença me provocou; algo semelhante a uma rigidez cadavérica, acompanhada por uma nítida sensação de baixa de pulsação. Na altura, atribuí isso a uma aversão pessoal e idiossincrática e só me espantei com a agudeza dos sintomas. Depois disso, tenho tido motivos suficientes para crer que a causa era muito mais profunda, que se encontrava na própria natureza do homem e que dependia de algo mais nobre do que o mero sentimento de ódio.

Desde esse primeiro instante, aquele indivíduo despertou em mim uma espécie de curiosidade mal sã. Estava vestido de tal maneira que o resultado era de um tremendo ridículo; o seu fato era formado por um tecido sóbrio e caro, mas desproporcionado: as calças, demasiado grandes, dançavam-lhe nas pernas e tinha-as arregaçadas para evitar que rojassem pelo chão. O corte do casaco ficava-lhe abaixo da cintura e a gola alargava-se até aos ombros. Mas, por estranho que pareça, esta absurda indumentária estava longe de me provocar o riso. Pelo contrário, havia algo de anormal, de informe, na natureza daquela criatura, algo que atraía, assombrava e repelia ao mesmo tempo: uma nova disparidade que parecia encaixar-se com a sua personalidade e reforçá-la. Deste modo, ao interesse que em mim provocou a sua natureza e o seu carácter, juntou-se então a curiosidade de conhecer a sua origem, vida, fortuna e posição social neste mundo.

Todas estas considerações, que tanto espaço e tempo me levaram a pôr por escrito, foram, no entanto, obra de poucos

segundos. O meu visitante parecia estar em brasas, preso de uma obscura excitação.

– Tem aqui as coisas? – gritou. – Tem-nas consigo?

A sua impaciência era tão viva que chegou até a pôr-me as mãos em cima e a tentar sacudir-me.

– Que é isto – disse eu, repelindo-o. – Porventura, esquece-se que não tenho o prazer de o conhecer? Sente-se, por favor.

Para dar o exemplo, sentei-me na minha cadeira habitual e procurei imitar a conduta que teria tido com qualquer dos meus pacientes, tanto quanto me permitia o avançado da hora, a natureza das minhas preocupações e o horror que me inspirava aquele ser sinistro.

– Perdoe-me, Dr. Lanyon – disse ele, procurando ser cortês. – Tem razão. Fiz gala da minha impaciência e não cuidei dos meus modos. Venho a pedido do seu colega, o Dr. Henry Jekyll, por causa de um assunto de certa importância e soube que... – fez uma pausa, levou a mão à garganta e pude perceber que, apesar das suas maneiras aparentemente calmas, estava a lutar contra os primeiros sintomas de um ataque de histeria. – Soube – prosseguiu – que há uma gaveta...

Compadecido da sua ansiedade e talvez também da minha própria expectativa, não pude conter-me e exclamei:

– Está ali dentro – e apontei para o local onde colocara no chão a gaveta, atrás de uma mesa, ainda coberta com a mortalha.

Levantou-se de um salto, para logo se deter e levar a mão ao coração.

Ouvi-o a ranger os dentes pela ação convulsiva dos maxilares e vi que tinha o rosto de uma palidez tão cadavérica que cheguei a recear tanto pela sua vida como pela sua sanidade.

– Tranquelize-se – disse-lhe alarmado.

Olhou-me de soslaio com um sorriso horrível nos lábios e, com a decisão que dá o desespero, arrancou de um só gesto a mortalha. Ao ver o conteúdo da gaveta, proferiu um tal suspiro de

alívio que fiquei petrificado no meu assento. Um momento depois, tinha-se acalmado e perguntava:

– Tem um copo graduado?

Fiz um esforço por me levantar e entreguei-lhe o que me pedia.

Ainda sorridente, esboçou um gesto de agradecimento com a cabeça, depois pegou numa pequena quantidade da tinta vermelha e acrescentou-lhe os pós. A mistura, de um tom avermelhado a princípio, começou a assumir uma cor mais brilhante à medida que os cristais se dissolviam, a entrar em efervescência e a exalar umas pequenas nuvens de vapor. De repente, a ebulição cessou e o composto ficou púrpura escuro que, lentamente, foi cedendo o passo a um verde aquoso. O meu estranho visitante observava toda aquela metamorfose com um olhar intenso. De novo com um trejeito nos lábios, pousou o vaso em cima da mesa, virou-se para mim e fitou-me com ar perscrutador.

– E agora – disse –, vamos ao que resta fazer. Importa-se de me acompanhar o raciocínio? Permitir-me-ia pegar neste copo e sair de sua casa sem mais palavra? Ou está já demasiado dominado pela curiosidade? Pense bem antes de responder, porque faremos o que decidir. De acordo com a sua decisão, tudo ficará como estava e o senhor nem mais rico nem mais sábio (a menos que ajudar um amigo em perigo de morte possa ser considerado como uma espécie de riqueza espiritual) ou, pelo contrário, novos horizontes de conhecimento e novos caminhos para a fama e o poder se lhe abrirão e aqui, nesta casa, neste mesmo instante, perante os seus olhos, terá lugar um prodígio que faria tremer de incredulidade o próprio Satanás.

– O senhor – retorqui-lhe, aparentando um sangue frio que estava longe de possuir – fala de uma maneira tão enigmática que não se deve espantar por me parecer impossível acreditar em si. Mas já que foi tão longe nos meus “serviços inexplicáveis”, quero ver o final de toda esta encenação.

– De acordo, Lanyon – respondeu. – O que vais ver, deve ficar no segredo da tua profissão: lembra-te do teu juramento. E agora, tu, que durante tanto tempo te limitaste a seguir as ideias

mais mesquinhas e materiais, que negaste à medicina a virtude do transcendente, que ridicularizaste todos quantos te superavam em saber, olha bem!

Subitamente, levou a beberagem aos lábios e engoliu-a de um trago. Emitiu um grito lancinante, cambaleou, procurou agarrar-se à mesa e ali se ficou, fitando fixamente o vazio, com os olhos injetados de sangue e respirando com dificuldade. Perante os meus olhos atônitos, teve então lugar uma brusca transformação: o seu rosto começou a inchar e as feições pareciam alterar-se a ponto de desaparecerem. Nesse mesmo instante, ergui-me de um pulo e recuei até à parede com o braço erguido como um escudo, aterrorizado ante semelhante prodígio e gritando sem parar:

– Meu Deus! Meu Deus!

Diante de mim, pálido e a tremer, prestes a desmaiar, avançando a custo como um ressuscitado, estava Henry Jekyll.

Quanto ao que me disse depois, durante a hora seguinte, sinto-me mentalmente incapaz de o transcrever. Vi o que vi, ouvi o que ouvi e o meu espírito encheu-se então de náuseas. Agora, porém, quando aquela cena se desvaneceu perante os meus olhos, interrogo-me se creio nele e não sei que responder.

A minha vida foi abalada até às raízes; o sono abandonou-me e estou possuído de um temor de morte a todas as horas do dia e da noite. Sinto que tenho os dias contados, que não tardarei a morrer e, contudo, morrerei incrédulo. Não posso recordar-me da vileza moral que aquele homem me revelou ainda com lágrimas nos olhos sem um estremecimento de horror. Só te direi mais uma coisa, Utterson, e se fores capaz de acreditar nela, será mais que suficiente: Jekyll confessou-me que o indivíduo que se dirigira naquela noite a minha casa era conhecido pelo nome de Hyde e que era procurado em todo o país como o assassino de Carew.

Hastie Lanyon.

A CONFISSÃO DE HENRY JEKYL

“Nasci no ano de 18..., herdeiro de uma grande fortuna e dotado de resto de excelentes qualidades. Inclinado por natureza para o trabalho, gozei de pronto do afeto e do respeito das pessoas mais instruídas e bondosas entre os meus semelhantes. Foi assim que tudo fazia supor um futuro com todas as garantias, eminente e honroso. A falar verdade, o pior dos meus defeitos era a impaciência e uma certa propensão para o divertimento que, contudo, fez muitos felizes, mas que se tornou difícil reconciliar com o meu arrogante desejo de me apresentar em público com a cabeça erguida e aspecto sisudo. Daí ter chegado quase a dissimular as minhas emoções, a ocultar os meus pequenos prazeres e que, quando atingi a idade da reflexão, em que um homem começa a olhar à sua volta, a fazer o inventário dos seus progressos e a considerar a sua posição social, já me encontrava profundamente comprometido numa vida dupla. Para muitos, as “irregularidades” de que eu era culpado teriam sido, inclusive, motivo de jactância, mas não para mim que, desde o momento dos ideais antes traçados, não podia senão vê-las e ocultá-las com uma sensação de vergonha. Foi, pois, a exigência das minhas aspirações e não o meu particular desregramento que me fez ser tal como era e o que separou no meu íntimo, com um fosso mais profundo que na maioria dos homens, essas duas regiões do bem e do mal em que se divide a natureza humana. Obrigado pelas circunstâncias, refletia intensa e repetidamente nessa dura lei da vida que é a própria essência de toda a religião e que é uma das fontes mais abundantes de dor. Embora a minha dualidade fosse tão profunda, não me sentia um hipócrita, porque os meus dois rostos eram totalmente verdadeiros. Eu era o mesmo quando, abandonando toda a moderação, me atirava para os braços da desonra, ou quando, trabalhando à luz do dia, promovia a ciência para aliviar a dor e o sofrimento.

A casualidade quis que os meus estudos científicos, que se orientavam por completo para o místico e para o transcendente, estimulassem e produzissem na minha consciência uma intensa luz sobre a luta constante das minhas duas personalidades. Dia a dia, com a moral e com o intelecto, aproximava-me a passos firmes dessa verdade, por cuja

descoberta incompleta fui condenado a tão espantoso naufrágio: o homem não é autenticamente um, mas sim dois. E digo dois, porque o meu próprio conhecimento não foi mais além. Outros seguirão o meu exemplo, outros me superarão e atrevo-me a profetizar que no fim o homem será reconhecido como um ser habitado por seres múltiplos, incongruentes e autônomos. Da minha parte, e devido às características da minha existência, avançava forçosamente numa única direção. Aprendi a reconhecer a primitiva dualidade do homem na minha própria pessoa. As duas naturezas que lutavam na minha consciência eram minhas, porque eu era em essência ambas. Desde o início, ainda antes das minhas descobertas científicas começarem a sugerir-me a possibilidade de tal milagre, dediquei-me a pensar placidamente, como se se tratasse de um sonho querido, na possibilidade de separar esses dois elementos. Se cada um deles, dizia eu, pudesse habitar em identidades diferentes, a vida libertar-se-ia do que hoje se me afigura insuportável; o injusto poderia seguir o seu caminho, despojado das aspirações e do remorso do seu irmão gêmeo, mais reto; e o justo avançaria com segurança e firmeza pela sua senda ascendente, realizando as boas obras nas quais encontra prazer e sem se expor às desgraças e à penitência provocadas por esse espírito perverso e desconhecido. Esta era a maldição da humanidade: o fato desses dois ramos incongruentes estarem unidos com tanta força, que – nas agonizantes entranhas da consciência – estes gêmeos opostos lutavam continuamente entre si. Então, como dissociá-los?

Estava tão absorto nas minhas reflexões quando, como disse, da mesa do laboratório surgiu um débil raio de luz que começou a iluminar o horizonte. Comecei a perceber, cada vez mais profundamente como jamais poderia imaginar, a temerosa imaterialidade, a transparente inconsistência deste corpo aparentemente tão sólido em que estamos aprisionados. Dei-me conta de que certos elementos possuíam a capacidade de alterar e arrancar essa vestimenta carnal, do mesmo modo que qualquer sopro de vento agita o toldo de uma loja. Não entrarei em profundidade no aspecto científico da minha confissão. Primeiro,

porque acabei por perceber que o homem está ligado indissoluvelmente ao seu destino e à carga da sua própria vida e quando procura libertar-se desse peso, regressa novamente a ele com uma pressão maior e mais terrível. Segundo, porque, aí, como o evidenciará o meu relato, as minhas descobertas eram incompletas. Bastará dizer que não só fui capaz de separar o meu corpo material da emanção de certos poderes que formam o meu espírito como também logrei elaborar uma droga graças à qual a supremacia desses poderes foi destronada e suplantei o meu aspecto com uma segunda aparência, não menos natural para mim, já que era a expressão dos mais baixos componentes da minha alma e tinha em si a sua marca.

Durante largo tempo estive na dúvida, antes de pôr em prática esta teoria. Sabia que corria perigo de morte, porque uma droga com tal capacidade de controlo sobre o mais íntimo da identidade poderia igualmente – por um simples erro de dose ou pelas circunstâncias em que é ministrada – aniquilar de todo esse tabernáculo imaterial que eu pretendia modificar. Mas, finalmente, a tentação de levar a cabo uma experiência tão singular e profunda conseguiu vencer todos os meus temores. Havia já algum tempo que tinha preparado a tinta. De seguida, adquiri numa empresa de produtos químicos uma grande quantidade de um sal especial que, graças a experiências anteriores, sabia ser o último ingrediente de que necessitava; e, a altas horas de uma noite maldita, misturei todos os elementos, vi-os a fundirem-se juntos e fumegarem no vaso e, quando a fervura cessou, enchi-me de coragem e ingeri a poção.

Em resultado, fui abalado por umas sacudidelas atrozes, por um ranger de ossos, um enjoo mortal e um horror de espírito que os momentos do nascimento e da morte não podem superar. Depois, essa agonia começou a desvanecer-se suavemente e voltei a mim como se estivesse a convalescer de uma terrível enfermidade. Havia algo de estranho nas minhas sensações, algo de indescritivelmente novo e, pela sua novidade, indescritivelmente agradável.

Sentia-me mais jovem, mais leve, fisicamente mais feliz. Enquanto exteriormente experimentava uma poderosa

fogosidade, pela minha imaginação cruzavam-se imagens sensuais e desordenadas que avançavam em louca correria; reparava como se dissolviam os vínculos que me atavam às minhas obrigações, como a minha alma se submergia numa liberdade desconhecida e inocente. Ao respirar o primeiro alento desta nova vida, soube-me mais perverso, dez vezes mais perverso, como se fosse um escravo vendido à minha maldade original; e naquele momento, o mero pensamento desse fato atraía-me e deleitava-me como se se tratasse de um vinho especial. Espreguicei-me, exultante, pela frescura destas sensações e no ato dei-me conta de que a minha estatura havia minguado.

Na altura, não tinha qualquer espelho no gabinete; o que se encontra a meu lado enquanto escrevo agora, trouxe-o depois, precisamente devido a estas transformações. Contudo, a noite havia-se transformado em madrugada e esta, negra como era, estava prestes a ceder o passo ao dia: os moradores da minha casa estavam ainda mergulhados no mais profundo do sono; e, incentivado como estava pela esperança e pelo triunfo, decidi-me a aventurar-me até ao meu quarto revestido da minha nova forma. Atravessei o pátio, onde as constelações me contemplaram com assombro lá do alto, pois era a primeira criatura desse tipo que se apresentava à sua insone vigilância; deslizei pelos corredores como se fosse um estranho em minha própria casa e, ao chegar ao quarto, vi pela primeira vez qual a aparência de Edward Hyde.

Aqui, devo falar apenas teoricamente, dizendo não o que sei mas antes o que considero mais provável. O lado perverso da minha natureza, a que agora havia concedido uma forma corporal, era menos forte e estava menos desenvolvido que o lado bom de que acabava de se separar. De certo modo, era lógico, pois no decorrer da minha vida que, afinal, havia sido na sua quase totalidade uma vida dedicada ao esforço, à virtude e à renúncia, havia-o exercitado e esgotado muito menos. Calculei que essa era a razão de Edward Hyde ser muito mais baixo, magro e jovem que Henry Jekyll. Enquanto o bem brilhava no semblante de um, o mal estava clara e amplamente escrito no

rosto do outro. De resto, esse mal (que todavia devo considerar como o aspecto mortífero do homem) havia deixado no seu corpo uma marca de deformidade e degeneração. Não obstante, ao ver refletido esse feio ídolo do espelho, não sentia asco, mas apenas um arrebatamento de alegria. Esse também era eu. Parecia-me natural e humano. Apresentava-se a meus olhos como uma imagem mais vivida do meu espírito, mais expressiva e simples que o semblante imperfeito e dividido que até então me havia habituado a chamar meu. E nisso, sem dúvida, não estava enganado. Observei que, sob a aparência de Edward Hyde, ninguém podia aproximar-se de mim sem experimentar um visível tremor na sua carne. Creio que isto se devia ao fato de todos os seres humanos com quem tratamos serem uma mistura do bem e do mal; e entre os membros da humanidade, Edward Hyde era o único que representava o mal em estado puro.

Admirei-me ao espelho apenas por um instante: contudo, ainda faltava realizar a segunda e decisiva experiência: faltava saber se a perda da minha identidade era irremediável e se teria de fugir antes de amanhecer daquela casa que jamais seria minha. E assim, regressei precipitadamente ao meu gabinete, preparei de novo a mistura e bebi o conteúdo do copo: uma vez mais, sofri os abanões da desagregação e de novo voltei a mim com a personalidade, a estatura e o rosto de Henry Jekyll. Naquela noite, havia chegado a uma encruzilhada fatal. Se me tivesse aproximado da minha descoberta com um espírito mais nobre, se me tivesse arriscado a experimentar sob o império de aspirações generosas ou piedosas, tudo teria sido diferente e dessas agonias de nascimento e morte teria surgido um anjo em vez de um demônio. A droga não tinha capacidade discriminatória; não era nem diabólica nem divina; apenas abria as portas do cárcere do meu âmago; e como os prisioneiros de Filipos^[5], quem estivesse dentro escapava. Assim, a minha virtude sucumbia; a minha perfídia, despertada pela ambição, mantinha-se alerta, disposta a aproveitar a oportunidade e o que aparecia não era outra coisa senão Edward Hyde. Daí que, apesar de possuir agora duas personalidades, bem como duas aparências, uma era por completo o mal, enquanto a outra

continuava a ser o antigo Henry Jekyll, essa mistura incongruente de cuja capacidade para se modificar e melhorar eu havia já desesperado. Assim, pois, o passo que havia dado encaminhava-se para o pior de mim mesmo.

Nessa data, todavia, não tinha conseguido dominar a minha aversão pela aridez de uma vida dedicada ao estudo. Continuava a possuir uma predisposição bastante desenfadada e dado que os meus prazeres eram (na melhor das hipóteses) pouco dignos e não só era conhecido e respeitado como também seria o que se diz um homem de idade, a contradição tornava-se a cada dia mais insuportável. Neste ponto, o meu novo poder tentou-me até converter-me em seu escravo. Não tinha mais que pegar no copo, abandonar o corpo do conhecido professor e assumir, como se se tratasse de uma grossa capa, o de Edward Hyde. Sorri ante a ideia que então me dava graça e comecei os meus preparativos com o maior cuidado. Aluguei e mobíliei a casa do Soho, até onde a polícia seguiu Hyde e contratei como criada uma criatura com fama de discreta e pouco escrupulosa. Por outro lado, anunciei aos meus serviçais que um tal Mr. Hyde (a quem descrevi) gozaria, a partir de então de plena liberdade de movimentos em minha casa e, para prevenir contratempos, apresentei-me nela com o alvo de me tornar familiar sob a minha segunda personalidade. Redigi depois dois testamentos, a que tanto objetaste, de modo que se me sucedesse algo na pessoa de Jekyll, poderia refugiar-me na de Hyde sem por isso sofrer perdas pecuniárias. E considerando-me protegido, assim o queria, em todos os aspectos, comecei a beneficiar da estranha imunidade fornecida pela minha posição.

Há homens que contratam bandidos para cometerem crimes em seu lugar, sem sofrerem uma beliscadura nem na sua reputação nem na sua pessoa. Eu fui o primeiro que o fiz por puro prazer. Fui o primeiro que pôde aparecer ante os olhos do público carregado de respeitabilidade e, ato contínuo, como um colegial, despojando-se daquela capa, para me lançar de cabeça no mar da liberdade. Mas para mim, com um manto impenetrável, a segurança era completa. Pensa nisto: nem sequer existia! Bastava atravessar a porta do meu laboratório,

gastar um ou dois segundos a preparar a mistura, que tinha sempre à mão, bebê-la de um trago e, fosse o que fosse que tivesse feito, Edward Hyde desapareceria com a mesma facilidade de um sopro num espelho. E ali, em seu lugar, à luz das lâmpadas do seu escritório, estaria Henry Jekyll, um homem que podia permitir-se ao luxo de se rir de qualquer suspeita.

Como já disse, os prazeres que me apressei a procurar com tal disfarce eram indignos e dificilmente posso utilizar um termo mais forte. Mas nas mãos de Edward Hyde, de imediato se tornaram monstruosos. Ao regressar das minhas passeatas, costumava submergir-me no assombro ante a perversidade experimentada pelo outro. Este parente, que havia emergido da minha própria alma e que eu enviava à procura do prazer, era um ser intrinsecamente maligno e infame; todos os seus atos e pensamentos centravam-se apenas em si, bebendo o prazer causado pela tortura alheia, com uma avidez brutal, desapiadado como um homem de pedra. Por vezes, Henry Jekyll ficava assombrado ante os atos de Edward Hyde, mas tratava-se de uma situação tão distante das leis normais que, insidiosamente, relaxava o poder da consciência. Afinal, Hyde, e apenas Hyde, era o culpado. Jekyll, não era pior; de novo despertava as suas boas qualidades aparentemente intactas e, por vezes apressava-se, se tal fosse possível, a reparar o mal causado por Hyde. Deste modo, foi adormecendo a sua consciência.

Não desejo entrar em pormenores sobre as infâmias de que, de certo modo, fui cúmplice (pois nem mesmo agora posso garantir que as tenha cometido). Só quero assinalar as advertências e os passos sucessivos que me conduziram ao castigo. Uma vez ocorreu um incidente que me limitarei a mencionar, já que não trouxe maiores consequências. Um ato de crueldade, na pessoa de uma menina, atraiu as iras de um transeunte, a quem no outro dia pude reconhecer como um parente teu; o doutor e a família da menina seguiram-no e houve momentos em que cheguei a temer pela minha vida. Finalmente, para aplacar a sua justa indignação, Edward Hyde viu-se obrigado a levá-los até à porta de sua casa e a pagar-lhes com um cheque sacado em nome de Henry Jekyll. Depois de alterar a

minha própria caligrafia e de fornecer ao meu duplo uma assinatura, julguei estar já fora do alcance do destino.

Uns dois meses antes do assassinato de Sir Danvers, voltava uma noite a casa, depois de uma das minhas aventuras quando na manhã seguinte ao despertar reparei numa estranha sensação. Em vão olhei à minha volta, em vão fixei a atenção nos excelentes móveis e no alto teto da casa, em vão reconheci o padrão das cortinas da minha cama e o desenho da sua estrutura de mogno. Algo me dizia com insistência que não estava onde estava, que não havia acordado onde parecia encontrar-me; mas sim no pequeno quarto do Soho, onde costumava dormir, sob a aparência de Edward Hyde. Sorri e, segundo o meu próprio estilo psicológico, comecei a analisar preguiçosamente os diversos elementos que formavam esta ilusão, submergindo-me num agradável torpor, enquanto o ia fazendo. Estava assim ocupado quando de repente, num dos momentos em que me encontrava mais desperto, o meu olhar caiu sobre uma das minhas mãos. As mãos de Henry Jekyll (como tu próprio observaste a miúdo) são as de um profissional, tanto pelo seu tamanho como pela sua forma: grandes, firmes, brancas e proporcionadas. Mas a mão que agora tinha diante dos olhos e que via claramente à luz amarelada da manhã londrina, a mão que repousava meio fechada sobre a roupa da cama, era seca, nervosa, nodosa, de uma palidez cinzenta e coberta por uma espessa camada de pelos. Era a mão de Edward Hyde. Devo ter ficado a contemplá-la durante cerca de meio minuto, paralisado como estava pela estupidez do assombro, antes do terror me inundar o peito, súbito e avassalador como um repicar de sinos. Saltei da cama e corri para o espelho. Perante o que os meus olhos contemplavam, o sangue tornou-se fluido e gelado. Sim, tinha-me deitado como Henry Jekyll e acordava como Edward Hyde. Como explicar o fenómeno?— interroguei-me. E, ato contínuo, com outro calafrio de terror: “como remediá-lo? A manhã ia já bastante avançada, os criados estavam já todos acordados, as drogas encontravam-se todas no gabinete e até lá chegar, paralisado como estava pelo terror, tinha de descer dois lanços de escadas, atravessar o pátio e a sala de operações.

Claro que podia ocultar o rosto mas de que me valeria isso se não podia modificar a minha estatura? E então, com uma poderosa sensação de agradável alívio, dei conta de que a criadagem estava habituada às idas e vindas do meu segundo eu. Vesti-me o mais depressa possível com um fato do meu tamanho e atravessei toda a casa, cruzando-me com Bradshaw que, ao ver-me, recuou surpreendido por encontrar-se com Mr. Hyde a semelhante hora e com semelhante vestimenta; dez minutos depois, o Dr. Jekyll havia regressado à sua forma e estava sentado à mesa, de cenho franzido, a fingir que tomava o pequeno-almoço.

A verdade é que tinha pouco apetite. Este incidente inexplicável, esta imersão da minha aparência anterior, à semelhança do dedo na parede de Babilônia, parecia a manifestação da minha sentença. E comecei a refletir, com mais seriedade que nunca, nas consequências e possibilidades da minha dupla existência. Essa parte de mim mesmo que possuía o poder de se projetar tinha-se exercitado e nutrido ultimamente de maneira excessiva. Parecia-me que o corpo de Hyde havia crescido como se (quando me encontrava sob a sua forma) tivesse consciência de que o meu sangue fluía mais generosamente; comecei a vislumbrar o perigo: caso este estado de coisas se prolongasse, o equilíbrio da minha natureza poderia alterar-se definitivamente, desapareceria o poder de mudar à minha vontade e a personalidade de Edward Hyde converter-se-ia irremediavelmente na minha. O poder da droga não se manifestara sempre da mesma maneira. Certa vez, muito no início da minha carreira, falhou por completo; desde então, vi-me obrigado, em mais de uma ocasião, a duplicar a dose e até a triplicá-la, com grande risco para a minha própria vida; até à data, essas raras ocasiões eram a única sombra que pairava sobre o êxito conseguido. Contudo, agora, à luz do incidente ocorrido nessa manhã, comecei a dar-me conta de que, se a princípio a dificuldade consistia em me livrar do corpo de Jekyll, agora começava a suceder o contrário, de forma gradual, mas nem por isso menos decidida. Tudo parecia confluir no seguinte: ia

perdendo a pouco e pouco o controlo sobre o meu ser original e melhor, para me incorporar lentamente no meu segundo e pior.

Sentia que agora seria preciso escolher entre os dois. As minhas duas naturezas tinham em comum a memória, mas as outras faculdades estavam repartidas desigualmente entre ambas. Jekyll (que era um complexo) planeava e gozava os prazeres e as aventuras de Hyde, umas vezes com prudente apreensão, outras com inusitado desejo. Quanto a Hyde, olhava Jekyll com indiferença ou apenas o recordava como o bandido recorda o esconderijo em que se oculta da perseguição. Jekyll mostrava um interesse mais que paternal; Hyde manifestava uma indiferença maior que a de um filho sem amor. Unir-me definitivamente a Jekyll era o mesmo que deixar morrer aqueles apetites a que me havia entregue longa e secretamente e que por fim havia logrado saciar.

Unir-me definitivamente a Hyde equivalia a deixar morrer para sempre os meus interesses e aspirações e converter-me de imediato e para sempre num ser desprezado e sem amigos. O pacto talvez pareça desigual, mas ainda faltava uma outra hipótese a colocar na balança, porque enquanto Jekyll sofreria, abrasando-se nas chamas da abstinência, Hyde nem sequer repararia no que havia perdido. Por estranhas que fossem as minhas circunstâncias, os termos desta escolha são tão velhos e comuns como o homem. Semelhantes tentações e inquietações decidem a sorte de qualquer pecador temeroso; e assim, como sucede à imensa maioria dos meus semelhantes, optei por escolher a melhor parte ainda que me visse sem a força necessária para manter a minha decisão.

Sim, preferi o médico maduro e descontente, rodeado de amigos e que acalentava esperanças honestas; e disse um adeus resolutivo à liberdade, à juventude relativa, aos impulsos repentinos e aos prazeres secretos, a tudo quanto havia desfrutado sob o disfarce de Hyde. Mas talvez tenha feito esta escolha com alguma reserva inconsciente, pois não prescindí da casa no Soho nem destruí os fatos de Edward Hyde que continuavam guardados dentro do meu guarda-fatos. Contudo, durante dois meses permaneci firme na minha determinação;

levava uma vida tão severa como nunca antes; desfrutava das compensações que oferece uma consciência satisfeita. Mas, finalmente, o tempo começou a fazer-me esquecer a frescura da minha inquietação; os louvores à minha consciência começaram a desenvolver-se como coisa corrente; comecei a torturar-me com anelos e desejos, como se Hyde estivesse a lutar pela sua liberdade. E, por fim, numa hora de debilidade moral, misturei e ingeri de novo a dose transformadora.

Não creio que quando o ébrio discute consigo mesmo sobre o seu vício se deixe convencer, sequer uma vez entre quinhentas, dos perigos a que o conduz a sua brutal insensibilidade. Tão-pouco eu, apesar de haver considerado tão grandemente a minha situação, havia tido em conta a absoluta insensibilidade moral e a insensata permissividade para com o mal que caracterizavam especialmente Edward Hyde. E, contudo, foi precisamente esse o meu castigo. O meu demônio havia estado encerrado demasiado tempo. Agora escapava-se rugindo. Inclusive, quando tomava a dose, dei-me conta de que a sua tendência para o mal era ainda mais violenta, mais desenfreada. Deve ter sido isso, suponho, que desencadeou no meu espírito aquela tempestade de impaciência com que escutei os cumprimentos da minha desgraçada vítima. Declaro, perante Deus, que nenhum homem moralmente sã podia ser declarado culpado desse crime por uma tão insignificante provocação; e que assestei os golpes com a mesma sem razão com que uma criança enferma despedaça o seu brinquedo. Mas involuntariamente tinha-me libertado de todos os instintos equilibradores, graças aos quais até o pior dos homens prossegue o seu caminho por entre as tentações com um certo grau de firmeza. No meu caso, deixar-me tentar, ainda que ligeiramente, era o equivalente a cair.

Instantaneamente, o espírito do inferno despertou dentro de mim e levantou-se furioso. Transportado pelo júbilo, mutilei aquele corpo indefeso, saboreando o prazer de cada golpe; só quando o cansaço me começou a vencer é que me dei conta de que, no auge do meu delírio, o meu coração estava a ser trespassado por um calafrio de terror.

A neblina dissipou-se. Vi a minha vida perdida e fugi daquele cenário de tão grandes excessos, ao mesmo tempo temeroso e exultante, a minha lascívia gratificada e estimulada, o meu amor pela vida exacerbado sem limites. Corri à minha casa no Soho e (para redobrar a minha segurança) destruí todos os meus documentos; voltei a sair para as ruas iluminadas com o mesmo êxtase contraditório na minha alma, deliciando-me no crime, inventando alegremente outros novos para o futuro, mas temendo, e inclusive ouvindo, no meu caminho os passos do vingador. Hyde tinha uma canção nos lábios enquanto misturava a poção e, antes de a ingerir, brindou à sua vítima. Mas as dores da transformação ainda mal o haviam abandonado e já Henry Jekyll, com abundantes lágrimas de gratidão e remorso, caía de joelhos e elevava a Deus as mãos entrelaçadas. O véu da auto-indulgência tinha-se rasgado de alto abaixo e vi a minha vida como um filme: acompanhei-a desde os dias da minha infância quando passeava de mãos dadas com meu pai e através das privações e fadigas da minha profissão até chegar, uma e outra vez, com o mesmo sentimento de irrealidade, aos malditos horrores daquela noite. Podia ter gritado, mas procurei suavizar com lágrimas e súplicas a multidão de sons e de horríveis imagens que a memória lançava contra mim, mas entre súplicas e súplicas, o rosto repugnante da minha iniquidade continuava a fitar fixamente o meu espírito. À medida que a intensidade do remorso ia morrendo, fui sendo inundado por uma sensação de gozo. Tinha resolvido o problema da minha conduta. A partir daquele momento, Hyde seria impossível. Querendo ou não, estava confinado à parte melhor da minha existência. Oh! Como me alegrei com esse pensamento! Com que voluntária humildade abracei outra vez as restrições da vida natural! Com que sincera renúncia fechei a porta pela qual tantas vezes entrava e saía, calcando a chave com os pés! No dia seguinte, tive notícias de que alguém havia presenciado o crime, que a culpabilidade de Hyde era evidente para todo o mundo e que a vítima era homem de grande estima pública. Não se tratava apenas de um crime, havia sido também uma trágica loucura. Julgo que me alegrei ao sabê-lo; creio que me alegrei com o fato dos meus melhores

impulsos ficarem assim apoiados e protegidos pelos terrores da força. Agora Jekyll era a minha cidadela; bastaria que eu deixasse que por um só um instante Hyde assomasse à luz do dia para que as mãos de todos os homens se lançassem contra ele para acabarem com a sua vida.

Decidi que a minha conduta futura consistiria em redimir o passado. Posso dizer que a minha resolução deu fruto. Tu mesmo sabes muito bem como trabalhei durante os últimos meses do ano passado para aliviar os sofrimentos; sabes o muito que fiz pelo próximo e que os dias se escoavam com calma, quase com felicidade. Tão-pouco posso dizer que me aborrecia com essa vida inocente e benfazeja; pelo contrário, julgo que cada dia a desfrutava com mais intensidade; mas continuava a padecer com a minha dualidade de propósitos e assim que se dissipou o primeiro impulso de penitência, o meu lado mais baixo, tanto tempo à solta, tão recentemente agrilhado, começou a grunhir para sair. Não é que houvesse sonhado em ressuscitar Hyde; só de pensar nisso ficava frenético: não.

Foi na minha própria pessoa, onde padecia a tentação de jogar com a minha consciência e como um vulgar e secreto pecador, que sucumbi por fim aos assaltos da tentação.

Mas tudo tem um fim: a medida de maior capacidade acaba por se encher e esta breve condescendência para com o mal destruiu finalmente o equilíbrio do meu espírito. E, contudo, na altura não me senti alarmado; a queda pareceu-me natural, como um regresso aos velhos dias anteriores à minha descoberta. Era um dia de Janeiro, belo e límpido, a geada a derreter-se e a sentir-se a umidade debaixo dos pés, mas sem uma única nuvem no céu. Regent's Park fora invadida pelos gorjeios inverniais e pelos agradáveis aromas da Primavera. Sentei-me num banco a apanhar sol; o animal que havia em mim roía os ossos da minha memória; o lado espiritual, um pouco diminuído, prometia a penitência subsequente, mas não tomava a iniciativa de a começar. Afinal, pensei, era como todos os demais e então sorri, comparando-me aos outros homens, comparando a minha ativa boa vontade com a negligente crueldade do seu abandono. E nesse mesmo momento em que

me vangloriava com estes pensamentos, fui invadido por um mal-estar, seguido de um enjoo horrível e de um terrível estremeção. Isso passou e quando recuperei, sentia-me fraco; quando a fraqueza estava a desaparecer, dei-me conta de que se estava a operar uma alteração na disposição dos meus pensamentos, uma maior audácia, um desprezo pelo medo e uma dissolução dos vínculos que representava qualquer obrigação. Olhei-me de alto abaixo: o fato caía disforme sobre os meus membros encolhidos e a mão que repousava sobre o meu joelho era nodosa e peluda. Uma vez mais, transformara-me em Edward Hyde. Apenas um instante antes, estava confiante pelo respeito que todos me tinham, era rico, estimado e a mesa estava preparada à minha espera na sala de jantar de minha casa. Agora, era uma vítima vulgar da humanidade, um perseguido sem lar, um assassino conhecido, condenado à forca.

A razão vacilou-me, mas não me abandonou por completo. Mais de uma vez havia observado que, na minha segunda personalidade, as minhas faculdades se agudizavam e as minhas energias se mostravam mais tensamente elásticas. Assim, onde provavelmente Jekyll teria sucumbido, Hyde estava à altura das circunstâncias. As minhas drogas estavam num dos armários do meu gabinete. Como ir buscá-las? Essa era a questão que, apertando a cabeça entre as mãos, me dispus a resolver. Havia fechado à chave a porta do laboratório. Se tentasse entrar em casa, os meus próprios criados entregariam-me à forca. Vi que era preciso encontrar uma solução e pensei em Lanyon. Como chegar até ele? Como convencê-lo? Supondo que não me apanhassem na rua, como poderia encontrar-me com ele? E como é que eu, um visitante desconhecido e horripilante, iria convencer o famoso médico a saquear o gabinete do seu colega, o Dr. Jekyll? Então lembrei-me que da minha personalidade original ainda restava uma parte: podia escrever em meu próprio nome e com a minha letra. Uma vez concebida a brilhante ideia, o caminho que se lhe seguiria pareceu-me iluminado do princípio ao fim.

Assim, compus o melhor que pude o fato, chamei uma carruagem e dei-lhe a direção de um hotel da Rua Portland, cujo

nome consegui recordar. Perante a minha aparência (à partida cômica, apesar do trágico destino que ocultava), o cocheiro não conseguiu esconder um sorriso. Rangi-lhe os dentes com uma fúria tão diabólica que o riso desapareceu-lhe do rosto, felizmente para ele e para mim, porque se tivesse voltado a sorrir, tê-lo-ia deitado abaixo do banco. Ao entrar no hotel, olhei à minha volta com um tão negro semblante que os empregados estremeceram; não trocaram nem um olhar à minha frente, antes obedeceram servilmente às minhas ordens; levaram-me para um quarto privado e trouxeram-me o material necessário para escrever.

Hyde, em perigo de vida, revelava-se-me uma criatura completamente nova: sacudido por uma cólera pouco comum, decidido até ao limite do crime e ansioso por provocar estragos. Mas, sobretudo, uma criatura astuta: dominou a sua ira com um grande esforço de vontade e escreveu duas importantes cartas, uma a Lanyon e outra a Poole e, para ter a certeza plena de que haviam sido postas no correio, mandou que as registrassem.

A partir de então, passou todo o dia sentado junto do fogo do seu quarto privado, roendo as unhas. Ali jantou a sós com os seus temores, enquanto o criado de quarto se mostrava visivelmente amedrontado só de o olhar. Assim que a noite chegou, escondeu-se num canto de uma carruagem fechada e assim se passeou pela ruas da cidade. “Ele”, pois não posso dizer “eu”. Essa criatura infernal não tinha nada de humano, apenas era habitado pelo ódio e pelo medo. E quando, por fim, com medo de despertar as suspeitas do cocheiro, despediu a carruagem e se aventurou a calcorrear as ruas, ataviado com a sua indumentária desalinhada, chamando obrigatoriamente a atenção de todos os transeuntes noturnos, essas duas paixões enfureceram-se no seu íntimo como uma tempestade. Avançava depressa, perseguido pelos seus temores, falando consigo mesmo, escondendo-se para não ser visto, contando os minutos que ainda o separavam da meia noite. Uma mulher aproximou-se dele para lhe oferecer, julgo eu, uma caixa de fósforos. Esbofeteou-a e a mulher fugiu.

Quando voltei a mim em casa de Lanyon, o horror manifestado pelo meu velho amigo talvez me tenha afetado um pouco. Não sei. Em todo o caso foi apenas uma gota no oceano de horrores que foram aquelas horas. Uma mudança havia-se operado em mim. Já não era o medo da força mas sim o horror de me converter de novo em Hyde. Recebi as censuras de Lanyon como num sonho, como num sonho regressei a minha casa e deitei-me. Após o abatimento daquele dia, dormi tão profundamente que nem sequer os pesadelos que me torturaram durante toda a noite lograram interrompê-lo. Despertei pela manhã, agitado e débil, mas repousado. Continuava a odiar e a temer a imagem da besta que dormia dentro de mim e, naturalmente, não havia esquecido os espantosos perigos do dia anterior; mas, uma vez mais, encontrava-me em casa, em minha própria casa e próximo das minhas drogas; a gratidão que sentia por haver logrado fugir brilhava com tanta força na minha alma que quase rivalizava com a luminosidade da esperança.

Passeava com calma pelo pátio, depois de ter tomado o pequeno-almoço, bebendo com deleite a frescura do ar, quando de novo fui assaltado por essas indescritíveis sensações precursoras da transformação; tinha o tempo suficiente para chegar junto dos armários do meu gabinete, antes de me sentir novamente enfurecido e gelado pelas paixões de Hyde. Nessa ocasião, precisei de uma dose dupla para recuperar a minha personalidade e, aí, seis horas mais tarde, quando estava sentado a olhar tristemente o fogo da lareira, voltaram as dores e tive de me administrar de novo a droga.

Em resumo, daquele dia em diante, foi apenas graças a um esforço supremo quase ginástico e sob o estímulo imediato da droga que pude conservar a aparência de Jekyll. A todas as horas do dia ou da noite, via-me assaltado pelo calafrio premonitório; sobretudo, se dormia ou se tosquenejava na cadeira, despertava com a aparência de Hyde. Ante a tensão desta condenação constante e da insônia a que eu próprio me obrigava e que ultrapassava tudo quanto pensava possível num ser humano, converti-me, sob a minha própria aparência, numa criatura devorada e consumida pela febre, languidescente de

debilidade física e espiritual e obcecada por um único pensamento: o horror do meu outro eu. Mas quando dormia, ou quando a força da droga diminuía, voltava quase sem transição (pois as dores da transformação eram a cada dia mais leves) a ser presa de um pesadelo carregado de imagens de terror, de um espírito que se agitava em ódios sem causa e de um corpo que não parecia bastante forte para conter as raivosas energias daquela vida.

Os poderes de Hyde pareciam ter aumentado com a enfermidade de Jekyll. E o ódio que agora os dividia era igual em ambas as partes. No caso de Jekyll, era um instinto vital. Agora, havia visto toda a deformidade daquela criatura que compartilhava consigo alguns dos fenômenos da consciência e seria co-herdeira da sua morte. Para além desses vínculos, que em si constituíam a parte mais patética da sua desgraça, considerava Hyde e toda a sua energia vital como algo não só de infernal, mas também de inorgânico. E essa era a coisa mais espantosa: que a lama da tumba pudesse emitir gritos e vozes, que o pó amorfo gesticulasse e pecasse, que o que estava morto e sem forma usurpasse as funções da vida. E, sobretudo, ter consciência de que esse horror que surgia lhe estava ligado de um modo mais íntimo que uma esposa, mais que os seus próprios olhos, encerrado na sua própria carne, onde o sentia a gemer e a lutar por renascer. E a cada momento de fraqueza, na confiança do sonho profundo, prevalecia sobre ele, despojando-o da vida. O ódio de Hyde para com Jekyll era de natureza diferente. O terror da força levava-o continuamente a suicidar-se temporariamente e a regressar à sua condição subordinada de parte em vez de pessoa; mas detestava essa necessidade, detestava esse desânimo em que Jekyll estava agora mergulhado e ressentia-se com o desprezo com que este o olhava. Daí os gestos simiescos com que me obsequiava, escrevendo com o meu punho e letra blasfêmias nas páginas dos meus livros, queimando cartas de meu pai e destruindo o seu retrato. Claro que se não tivesse sido por medo da morte, há já muito tempo que teria procurado a sua própria ruína com a única finalidade de me arrastar a mim também. Mas o seu amor pela

vida é formidável: irei mais longe: eu, que fico doente e que sinto um frio terrível só de pensar nele, quando recordo o seu apego abjeto e apaixonado à vida, quando me dou conta de como ele receia o poder que eu possuo para o eliminar mediante o suicídio, sinto pena dele no mais profundo do meu coração.

Além de me faltar angustiantemente o tempo, seria inútil prolongar esta descrição; basta dizer que ninguém sofreu tormentos semelhantes. E, contudo, o hábito de sofrer supõe, senão um alívio, pelo menos um certo endurecimento do espírito, uma certa aquiescência no desespero. O meu castigo poderia ter-se prolongado durante anos, se não tivesse sido esta última calamidade que agora me sobreveio e que, finalmente, me despojou do meu próprio rosto e natureza. A minha provisão de sais, que não havia renovado desde o dia da minha primeira experiência, começou a esgotar-se. Pedi uma nova remessa e preparei a poção; entrou em ebulição e sofreu a primeira mudança de cor, mas não a segunda. Saberás por Poole, como percorri toda a cidade de Londres à procura desse sal; tudo foi em vão e, por fim, tenho agora a certeza de que a primeira remessa que obtive era impura e que foi precisamente essa impureza desconhecida que tornara eficaz a poção.

Passou quase uma semana e agora termino esta confissão sob a influência da última dose dos antigos pós. A menos que aconteça um milagre, esta será, pois, a última vez que Henry Jekyll poderá expressar os seus próprios pensamentos e ver refletido no espelho o seu rosto (agora tão tristemente alterado!). Não quero prolongar por mais tempo o final deste escrito, pois se até agora tenho conseguido fugir à destruição, isso sem dúvida tem sido devido a uma estranha combinação de prudência e boa sorte. Se a agonia da transformação me assaltasse no momento em que escrevo esta carta, Hyde fá-la-ia sem dúvidas em pedaços. Mas se decorrer algum tempo desde a sua conclusão até à mudança provável, o seu extraordinário egoísmo e capacidade para se limitar a viver o momento presente é capaz de a salvar do seu ódio simiesco. A verdade é que o fado que se abate sobre nós dois já o modificou e aplacou. Dentro de meia-hora, quando adotar de novo e para

sempre essa odiosa personalidade, sei que me deixarei ficar sentado na minha cadeira, a tremer e a chorar, ou que continuarei a percorrer esta casa de cima abaixo (o meu último refúgio terreno), atacado por um êxtase de tensão e terror, atento a qualquer ruído ameaçador. Morrerá Hyde no patíbulo? Ou encontrará o valor suficiente para se libertar de si mesmo no último instante? Só Deus sabe. A mim isso já não interessa. Esta é a verdadeira hora da minha morte e o que acontecer daqui em diante só a mim diz respeito.

Assim, pois, ao pousar a pena e ao assinar a minha confissão, ponho fim à vida deste desventurado.

– Henry Jekyll”

OLALLA

– Por agora – disse o médico –, a minha parte está feita. E posso dizer que bem feita. Do que precisa é sair desta cidade fria e doentia e ir gozar dois meses de ar puro e tranquilidade. Este último é de sua conta. No primeiro caso, julgo poder ajudá-lo. Acontece que há apenas alguns dias encontrei o pároco no campo. Somos velhos amigos, apesar das nossas profissões serem opostas e pediu-me que o ajudasse num assunto que afetava alguns dos seus fiéis. Trata-se de uma família... mas certamente o senhor ignora como é a Espanha e apenas conhece o nome dos nossos nobres. Por isso, basta dizer que noutra tempo foram pessoas importantes e que presentemente se encontram à beira da ruína. Na atualidade, não lhes resta mais do que a residência e umas quantas léguas de terreno desértico em que nem uma cabra consegue sobreviver. Mas a casa é um velho local muito bonito que se ergue a grande altura entre os cerros. Um lugar muito saudável. Enquanto escutava a história que o meu amigo me contava, lembrei-me de si. Disse-lhe que conhecia um oficial ferido pela boa causa, que poderia produzir uma mudança naquela família; e propus-lhe que os amigos dele o recebessem a si como hóspede. Como havia previsto, o rosto do pároco entristeceu-se de imediato. “Isso é impossível”, disse ele, ao que lhe respondi: “Então deixe-os morrer de fome. Não tenho nenhuma simpatia pelo orgulho andrajoso”. Pouco depois, separavamo-nos não muito contentes um com o outro. Mas ontem, para meu grande espanto, o pároco apareceu e fez-me uma proposta. “A dificuldade”, disse ele, “verifiquei ser menor do que temia. Por outras palavras, essa gente orgulhosa engoliu o seu orgulho”. Fechei o acordo pendente da sua aprovação e reservei um quarto para si na casa dos senhores. O ar dessas montanhas renovar-lhe-á certamente o sangue e a quietude em que ali viverá vale mais do que todos os remédios do mundo.

– Doutor – respondi-lhe –, o senhor tem sido verdadeiramente o meu anjo da guarda. O seu conselho é uma

ordem para mim. Mas, por favor, fale-me um pouco dessa família com a qual vou viver.

– Muito bem – respondeu o meu amigo. – Existe uma dificuldade. Esses mendigos, como lhe disse, descendem de uma alta linhagem e estão inchados com a mais infundada vaidade. Viveram durante várias gerações num crescente isolamento, afastando-se dos ricos, que consideravam muito elevados para eles, e dos pobres, a quem consideravam demasiado baixo. Mesmo hoje, quando a necessidade os obrigou a abrir as portas a um hóspede, não o fazem sem colocarem a mais desagradável das condições: o senhor terá de permanecer, dizem eles, como um estranho. Servi-lo-ão, mas negam-se desde o primeiro momento à mais ligeira intimidade.

Não negarei que isto me magoou; mas talvez tenha sido esta sensação que me aumentasse o desejo de ir, pois acreditava que poderia derrubar a barreira que me levantavam.

– Não há nada de ofensivo nessa condição – disse eu – e até simpatizo com os sentimentos que a inspiram.

– A verdade é que nunca o viram antes – comentou cortesmente o doutor – e se eles soubessem que o senhor tem uma tão boa aparência e que é o homem mais bem disposto que veio da Inglaterra – onde, segundo me disseram, são vulgares os homens com boa aparência, mas não tanto os agradáveis –, dar-lhe-iam as boas-vindas com o maior agrado. Mas já que o senhor aceita tão descontraidamente as coisas, isso carece de importância, embora quanto a mim me pareça uma descortesia. Assim, só terá a ganhar e a família não constituirá para si uma tentação demasiado grande. Uma mãe, um filho e uma filha; a primeira, uma velha que, no dizer das pessoas é meio tonta; o filho, um patego; e a filha, uma menina do campo a quem o seu confessor tem em alta estima; pelo que deduzo – comentou o médico com uma risada – há-de ser pouco atraente para poder conseguir cativar um brilhante oficial.

– E, no entanto, o senhor diz que são de alta linhagem – objetei.

– Bem, a esse respeito, tenho de fazer uma distinção – respondeu o Doutor. – A mãe é-o, mas o mesmo não acontece

aos filhos. A mãe é a última representante de uma estirpe principesca que degenerou tanto no seu aspecto humano como na sua fortuna. O pai não foi apenas pobre, como também estava louco e a menina cresceu descuidadamente pela mansão afora em vida do progenitor. Quando este morreu e com ele grande parte da fortuna, a menina foi criada ainda com menos cuidados, até que finalmente se casou, sabe Deus com quem. Uns dizem que com um arrieiro; outro que com um contrabandista, embora haja quem defenda que não houve casamento e que Felipe e Olalla não passam de bastardos. A união, qualquer que ela tenha sido, dissolveu-se tragicamente há já alguns anos; mas viviam em tal isolamento e o país nessa altura atravessava uma desordem tal que a forma exata como o homem morreu apenas a sabe o padre, se é que porventura a conhece.

– Começo a acreditar que vou viver estranhas aventuras – comentei.

– Não diria que fosse o senhor – replicou o Doutor. – Temo que vá dar com gente vulgar e de baixa formação. O Felipe, por exemplo, já o vi e posso dizer que é muito rústico, tosco e simplório; os outros provavelmente serão parecidos. Não, senhor comandante, o senhor terá de arranjar uma companhia que esteja à sua altura nas paisagens das nossas montanhas. Estas, pelo menos, se o senhor for amante das obras da natureza, garanto-lhe que não o defraudarão.

No dia seguinte, Felipe veio buscar-me num carro mal aparelhado puxado por uma mula; e um pouco antes de soarem as doze, despedia-me do médico, do hospedeiro e de todas aquelas almas boas que haviam sido meus amigos durante a minha enfermidade e pusemo-nos a caminho, saindo da cidade pela porta do Leste e de imediato começamos a subir a serra. Eu fora um prisioneiro durante tanto tempo, desde o momento em que me abandonaram para morrer quando perdi o comboio, que agora, só de sentir o cheiro da terra, isso me fazia sorrir. A região que atravessávamos era selvagem e rochosa, parcialmente coberta por bosques densos, uma vez de sobreiros, outras de castanheiros, frequentemente percorridos por torrentes que desciam da montanha. O sol brilhava e o vento sussurrava

alegremente. Tínhamos avançado alguns quilômetros e a cidade começara a encolher-se até se converter num ponto imperceptível sobre a planície que se estendia atrás de nós, quando comecei a fixar a atenção no meu companheiro de viagem. À primeira vista, parecia um camponês mesquinho e rude. Era bem parecido, forte, vivaz e ativo, mas totalmente oco culturalmente, tal como o médico o havia descrito. Para qualquer observador, esta primeira impressão seria definitiva. O que começou a chamar-me a atenção foi a sua conversa familiar e vulgar, tão estranhamente em desacordo com as condições em que eu devia ser recebido. Também me surpreendeu a incorreção da sua pronúncia, assim como a incoerência do tema da sua conversa que eu tinha dificuldade em acompanhar. É verdade que já havia falado anteriormente com pessoas de configuração mental parecida, das que apenas parecem viver dos sentidos, arrastadas e possuídas pelo que ocorre a cada momento e incapazes de libertar a mente do puramente sensorial. O tipo de conversa parecia próprio dos arrieiros que passam muito tempo num grande vazio intelectual, percorrendo vez após vez as paisagens de uma terra que lhes é familiar. Mas não era este o caso de Felipe, dado que era ele quem sustentava a casa.

– Quem me dera estar ali – disse ele, olhando para uma árvore perto da estrada para logo de seguida mudar bruscamente a conversa e dizer que certa vez havia visto um corvo entre os seus ramos.

– Um corvo? – repeti, estranhando o tom da observação, julgando haver percebido mal.

Mas ele já estava noutra ideia, escutando com ar absorto, com a cabeça inclinada para um lado e a testa franzida. De imediato, fez-me um gesto indicando que parasse. Sorriu e sacudiu a cabeça.

– Que foi que ouviste? – perguntei.

– Oh, não é nada – disse ele, começando a incitar a mula com gritos que o eco das paredes da montanha devolvia com um som que não parecia humano.

Fitei-o com mais atenção. Tinha uma excelente figura: escoreito e forte; as suas feições eram corretas: os seus olhos dourados eram muito grandes, embora talvez pouco expressivos. Fitando-o em conjunto era um moço de aspecto agradável, a que não lhe faltava uma tez morena e aveludada, duas características que me desagradavam. Era, porém, a sua mente que me enchia de confusão e que me atraía. A expressão do médico: “um simplório”, voltou-me à lembrança e pensei nela enquanto a carroça começava a descer para o leito estreito e nu de uma torrente cheia de encanto. As águas troavam tumultuosamente no fundo do barranco que se enchia dos seus sons, de água pulverizada e dos golpes sonoros com que o vento a acompanhava na sua descida. A cena era realmente impressionante. Naquela zona, a estrada era ladeada por fortes muros e a mula avançava com regularidade, pelo que achei estranho detectar uma palidez medrosa na cara do meu acompanhante. A voz daquele rio selvagem não era constante; ora se fundia mais abaixo como se estivesse enfastiada, ora redobrava o seu clamor. Avenidas momentâneas pareciam aumentar-lhe o volume, precipitando-o pela garganta, bramando e rebentando contra as paredes que o aprisionavam. Observei que era em cada um destes aumentos do barulho que o meu condutor fazia um gesto de recuo e empalidecia intensamente. Algumas ideias de superstição escocesa sobre os espíritos malignos dos rio cruzaram-me a mente. Pensei que talvez em toda aquela parte da Espanha se encontrassem também essas superstições e, voltando-me para Felipe, procurei sondá-lo.

– Que se passa? – perguntei-lhe.

– Oh, tenho medo! – respondeu.

– Medo de quê? – repliquei. – Este parece-me ser um dos sítios mais seguros desta estrada perigosa.

– É que há muito barulho – disse com uma simplicidade tal que me devolveu a tranquilidade.

O moço não era mais do que uma criança em inteligência. A sua mente era como o seu corpo, ativa e rápida, mas retardada no seu desenvolvimento, e a partir de então comecei a fitá-lo com

um certo grau de compaixão e a escutar a sua conversa incoerente, primeiro com indulgência, depois até com gosto.

Por volta das quatro da tarde, tínhamos passado o cume da montanha; havíamos nos despedido do sol que se ia ocultando e começávamos a descer pelo outro lado, ladeando a margem de vários barrancos e avançando através da sombra de bosques umbrosos. Por todos os lados ouvia-se a voz da água que caía. Não agrupada e formidável como na garganta do rio, mas espaçada, quase musical e alegre, ao saltitar de cova em cova. Aqui, o ânimo do meu condutor melhorou e começou a cantar com voz de falsete, mas com uma singular falta de afinação, sem se ajustar um único momento ao tom da melodia, antes vagando à sua vontade, mas, de certo modo, com um efeito que se tornava natural e agradável, como o canto dos pássaros. À medida que o crepúsculo aumentava, eu ia ficando cada vez mais encantado com este indisciplinado cantarolador e, escutando-o, aguardava alguma melodia articulada que nunca acabava por chegar. Quando por fim lhe perguntei que estava a cantar, disse:

– Oh, o que eu faço é cantar – e repetia incansavelmente uma mesma nota a curtos intervalos. Mas não se tornava monótono como se poderia pensar ou, pelo menos, não se revelou desagradável; respirava com maravilhosa alegria o ambiente que o rodeava, da mesma maneira que nos agrada pensar na atitude expressiva dos árabes ou na quietude das águas.

A escuridão da noite chegou antes de havermos desembocado num planalto. Pouco depois, chegávamos perto de um vulto mais escuro que, por dedução, pensei tratar-se da residência. Aqui, o meu guia, descendo do carro, gritou e assobiou durante um bom pedaço sem resultado, até que, por fim, um velho camponês se nos dirigiu, vindo de algum sítio da escuridão que nos rodeava.

Trazia uma vela na mão. À sua luz, consegui perceber uma arcada em estilo árabe. Estava fechada com grandes portas pregueada a ferro. Numa das suas portadas, Felipe abriu uma portinhola. Enquanto o camponês levava o carro para um dos

edifícios do exterior, o meu guia e eu cruzamos a portinhola que se fechou atrás de nós. À luz da vela, atravessamos o pátio e subimos uma escada de pedra; passamos por um patamar que dava para outras escadas até que por fim chegamos à porta de um apartamento grande e vazio. Este aposento, que percebi ir ser o meu, tinha três grandes janelas forradas com uma madeira lustrosa, dispostas em placas e forradas com peles de animais selvagens. Um fogo brilhante ardia na chaminé, lançando uma luz cambiante. Perto das chamas, haviam colocado uma mesa, com o jantar servido e no extremo mais distante, havia uma cama aparelhada e feita. Agradaram-me todos estes preparativos e disse-o a Felipe. Ele, com a mesma simplicidade de maneiras que eu já havia notado, fez um caloroso eco dos meus elogios.

– Um quarto muito bonito – disse. – Um quarto muito bonito. E o fogo também. O fogo aquece-nos os ossos. E a cama – continuou dizendo enquanto dirigia a vela em sua direção – olhe, que lençóis tão bonitos, tão macios, tão suaves!... – e passava a mão uma e outra vez pelo tecido. Depois, apoiou a cabeça e roçou a cara com uma satisfação grosseira que, por alguma razão, me ofendeu. Tirei-lhe a vela da mão, pois temia que pegasse fogo à cama e virei-me para a mesa onde estava o jantar, juntamente com um jarro de vinho. Enchi um copo e disse-lhe que se aproximasse e bebesse. Pôs-se de imediato em pé e correu para mim com uma expressão de esperança; mas quando viu que era vinho, estremeceu ligeiramente.

– Oh, não – disse –, isso não. Isso é para o senhor. Detesto.

– Muito bem, senhor – respondi –, então beberei à tua saúde e à prosperidade da tua casa e família. A propósito acrescentei depois de ter bebido –, não vou ter o prazer de conhecer a senhora tua mãe?

Mas com estas palavras, a expressão infantil desapareceu-lhe do rosto e foi substituída por outra de indescritível espanto e mistério. Ao mesmo tempo, recuou, afastando-se de mim como se eu fora um animal prestes a saltar sobre a sua presa ou alguém que o estivesse a ameaçar

perigosamente com uma arma. Ao chegar perto da porta, fitou-me ameaçador, com as pupilas contraídas:

– Não – disse, por fim, desaparecendo de imediato do quarto. Ouvi os seus passos ligeiros como a chuva a afastar-se em direção ao piso de baixo, até que o silêncio tombou sobre a casa.

Depois de jantar, afastei a mesa, aproximando-a da cama e comecei a preparar-me para me deitar; mas na nova posição da luz, notei a presença de um quadro na parede que representava uma mulher ainda jovem. A julgar pelo seu traje e pela doce harmonia de toda a pintura, devia ter morrido havia muito tempo. Pela vivacidade do rosto, olhos e feições, pareceu-me estar a contemplar a imagem da vida refletida num espelho.

A sua figura era esbelta e forte e bem proporcionada; uma abundante cabeleira ruça produzia os efeitos de uma coroa sobre a sua fronte. Os olhos, de um castanho muito dourado, apoderaram-se de mim com o seu fitar; e o rosto, que tinha uma forma perfeita, mostrava-se contudo desfigurado por uma tosca expressão de crueldade. Algo na sua fisionomia e porte, estranhamente intangível como o eco de um eco, recordava as feições e o porte do meu guia. Senti-me um tanto desagradavelmente atraído pelo quadro e pus-me a pensar na singularidade da semelhança. A vulgaridade carnal da estirpe daquela raça, que originalmente havia assumido a sua forma de altas damas como a que me mirava a partir da tela, havia tombado nos mais baixos misteres, utilizando trajes de camponeses, sentando-se na lança de um carro e segurando as rédeas das mulas para levar um hóspede até casa. Talvez subsista ainda algum vínculo atual. Talvez algum escrúpulo daquela carne delicada, que um dia se vestiu de cetim e brocado como a dama do quadro, tenha agora que retroceder até ao rude contacto da estamemha como a que Felipe agora veste.

As primeiras luzes da manhã iluminaram o retrato. Do leito, pois ainda não me havia erguido, contemplei-o com crescente complacência. A sua beleza penetrava-me insidiosamente no coração, acalmando os meus escrúpulos, uns atrás dos outros; e embora visse que amar uma tal mulher seria

assinar e selar a sentença da degeneração, dei-me conta de que, se estivesse viva, a amaria. Dia após dia, o duplo conhecimento da sua perversidade e da minha debilidade foi-se tornando mais nítido. Passou a ser a heroína de muitos dos meus sonhos despertos, aos quais me conduziam aqueles olhos que eram recompensa suficiente até para o crime e aquela mulher estendia sobre a minha mente uma sombra escura. Quando estava no exterior, respirando o bendito ar da natureza, fazendo enérgicos exercícios físicos que renovavam saudavelmente o meu sangue, tornou-se para mim um pensamento consolador saber que a minha sedutora estava segura no seu túmulo, com a varinha de condão da sua formosura desfeita, com os seus lábios fechados em silêncio e com o filtro do seu encanto derramado por terra. E, contudo, deixava-me uma certa sensação de terror de que talvez não estivesse morta mas antes ressuscitada no corpo de alguma descendente.

Felipe servia-me as refeições no meu quarto. A sua semelhança com o retrato obcecava-me. Em certos momentos, não se assemelhava, mas noutros, ao produzir-se alguma mudança de atitude, um gesto, uma expressão, a sua parecença surgia perante os meus olhos como um fantasma. Mas era sobretudo nos momentos de mau-humor que a sua semelhança triunfava. Não havia dúvidas de que eu lhe agradava. Tinha orgulho na atenção que eu lhe prestava, a qual ele procurava reter por meio de ardis simples e infantis. Agradava-lhe muito sentar-se perto da lareira do meu quarto enquanto tagarelava incoerentemente ou trauteava as suas estranhas e intermináveis canções sem letra. Às vezes, passava a mão pela minha roupa em forma de carícia e de afeto. Isso, porém, deixava-me de certo modo embaraçado. Mas, apesar de tudo, algumas vezes tinha repetidos e imotivados assomos de cólera e acessos de persistente hostilidade. Devido a uma palavra de reprovação tinha-o visto a revirar a bandeja da minha comida, não subrepticamente, mas antes em ar de desafio. De igual modo se comportava quando lhe fazia perguntas. A minha curiosidade era natural, encontrando-me como estava num local desconhecido e rodeado de gente estranha, mas, ao menor assomo de uma

pergunta, encolhia-se ameaçador e perigoso. Nesses momentos e por uma fração de segundo, aquele moço tosco bem podia ter sido o irmão da dama do quadro. Mas esses arrebatamentos passavam muito rapidamente e a sua presença morria com eles.

Nos primeiros dias, não vi ninguém para além de Felipe, à exceção do retrato; e dado que o rapaz era débil mental e como tal tinha os seus momentos de paixão, o melhor que podia fazer era suportar com calma a sua perigosa proximidade. Como é lógico, tudo isto tornava-se fastidioso; mas passado não muito tempo, aconteceu algo de imprevisto, com o que passei a obter sobre ele um domínio tão completo que as minhas inquietações desapareceram.

Foi assim: ele era por natureza indolente e tinha muito de vagabundo; contudo, servia em casa e não só atendia aos meus pedidos como todos os dias trabalhava no jardim ou pequeno quintal que havia a sul da residência. Ali se juntava ao camponês que havia visto na noite da minha chegada e que vivia num extremo da herdade, a quase um quilómetro de distância, numa dependência rústica; mas reparei claramente que, dos dois, o que mais trabalhava acabava, por ser Felipe, embora algumas vezes o tenha visto largar a enxada e pôr-se a dormir debaixo de alguma árvore. A sua constância e energia eram admiráveis por si mesmas, mais ainda quando tinha a certeza de serem alheias à sua maneira de ser e produto de um esforço ingrato. Mas enquanto o admirava, pensava:

“Que será que deu a este rapaz de imaginação tão irrequieta, um sentido de dever tão duradouro? O que será que o impele e até que ponto prevalece sobre os seus instintos?”

Possivelmente o seu inspirador seria o padre. Este apareceu um dia. Da colina em que costumava sentar-me para escrever os meus apontamentos, observei-o quando se aproximava: mais de uma hora depois, foi-se embora. Durante todo o tempo em que estiveram juntos, Felipe não interrompeu o seu trabalho.

Por fim, com má intenção da minha parte, decidi relaxar os bons propósitos do rapaz e, encontrando-o junto da porta,

abordei-o. Consegui facilmente convencê-lo a acompanhar-me num passeio. Era um lindo dia e o bosque aonde me dirigi estava verde, agradável e cheio de vida com o zumbido dos insetos. Aqui, revelou-se possuído de uma extrema boa disposição, com uma alegria tal cuja razão não conseguia perceber. Dele emanava uma energia e graça de movimentos que deleitavam quem o observasse. Saltava, corria à minha volta, olhava, escutava. Parecia beber a natureza como se esta fosse algum licor e às tantas, repentinamente, trepava a uma árvore e empoleirava-se, fazendo cabriolas como se estivesse em sua própria casa. Apesar do pouco que falou e mesmo isso de escassa importância, poucas vezes havia desfrutado de uma companhia tão estimulante. A contemplação da sua alegria foi para mim um banquete ininterrupto. A sua vivacidade e precisão de movimentos agradavam-me profundamente. Poderia ter sido tão irrefletido e fazer destes passeios um hábito se a casualidade não houvesse preparado um brusco fim ao meu deleite. Com a sua rapidez e destreza habituais, o rapaz capturou um esquilo na copa de uma árvore. Estava naquele momento um pouco mais à frente que eu, mas vi-o deixar-se cair no solo e agachar-se dando gritos de prazer como uma criança. As suas exclamações atraíram a minha simpatia; eram tão frescas e inocentes! Mas quando apressei o passo para me aproximar, os guinchos do esquilo destroçaram-me o coração. Tenho visto e ouvido muito da crueldade dos rapazes e acima de todos a dos camponeses, mas o que contemplei naquele momento cegou-me de ira. Afastei o sujeito para o lado, arranquei-lhe o pobre bicho das mãos e com repentina compaixão matei-o. Depois, inundado pela indignação, virei-me para o torturador e falei-lhe com dureza, insultando-o, coisa que pareceu não o envergonhar. Depois, apontando para a residência, ordenei-lhe que se fosse embora e me deixasse, pois queria estar com homens e não com vermes desprezíveis. Ao ver a minha atitude, caiu de joelhos e as palavras correram-lhe com mais clareza que o costume, brotando numa torrente de comoventes súplicas, mendigando a misericórdia do meu perdão e pedindo-me que esquecesse o que havia feito.

– Oh, comandante – terminou dizendo –, perdoa desta vez o Felipe. Nunca voltarei a ser bruto.

Então, muito mais comovido do que aquilo que queria aparentar, deixei-me persuadir e por fim lá demos as mãos, fazendo as pazes. Obriguei-o a enterrar o esquilo, falando-lhe da beleza do pobre animal, das dores que deveria ter sofrido e da baixeza que pressupõe o abuso da força.

– Olha, Felipe – disse-lhe –, és realmente forte, mas nas minhas mãos és tão indefeso como o pobre animalzinho das árvores. Põe a tua mão na minha. Não a consegues tirar. Agora, supõe que eu seria tão cruel como tu e sentisse prazer na tua dor. Basta apertar a mão para ver como sofres.

Deu um grito; o rosto ficou pálido e encheu-se de pequenas gotas de suor. Quando o soltei, caiu no chão e começou a afagar a mão, gemendo como um bebê. Mas aprendeu bem a lição; e seja pelo que havia dito, seja pela noção mais clara que agora tinha da minha força, a verdade é que a sua anterior afeição transformou-se na adoração e fidelidade de um cachorro.

Entretanto, ia recuperando rapidamente a saúde. A residência erguia-se na parte mais alta de uma meseta pedregosa, ladeada de montanhas por todos os lados. Somente do telhado, onde havia uma guarita de sentinela, se podia ver, entre os picos e a grande distância, um pedaço de azul puro. O ar naquelas alturas movia-se livremente. Grandes nuvens afluíam ali e eram arrastadas pelo vento, deixando os seus farrapos no cume dos cerros. De todos os lados vinha o retumbar áspero mas débil das torrentes. Ali podia-se estudar as rudes personagens da natureza na sua força mais primitiva. Desde o início da minha estada aquele vigoroso cenário me encantou.

Era agradável viver na antiga e arruinada mansão em que me encontrava. Tinha uma configuração quadrada, flanqueada em dois cantos opostos por salientes em forma de bastiões, um dos quais dominava a porta e ambos com seteiras. O piso inferior não possuía janelas pelo que, estando defendido, o edifício só podia ser conquistado através da artilharia. No interior havia um pátio com romeiras de onde partia um lanço de largas escadas

de mármore que conduziam a um alto patamar aberto que o circundava e era apoiado por esbeltas colunas. Deste patamar, várias outras escadas conduziam aos pisos superiores da casa que, desta maneira, eram cortados em diversos lanços. Tanto as janelas orientadas para dentro como as que davam para o exterior tinham guarda-ventos. Haviam já caído porções da cantaria das partes altas. Num dos pontos, o telhado fora destruído por um desses vendavais que tão frequentes são nestes montes. Toda a casa, sob o forte sol, erguendo-se sobre o seu horto de sobreiros raquíuticos fortemente carregados e descoloridos pela poeira, parecia um palácio encantado adormecido. O pátio, em particular, com o arrulho rouco das pombas que rondavam os seus beirais, e estando ao abrigo do vento, parecia uma morada de sonho. Mas quando o vento soprava forte, a poeira das montanhas caía ali tão compactamente como a chuva cobrindo as flores vermelhas das romeiras. Era cercado por janelas com fortes guarda-ventos, portas fechadas de muitas adegas e arcos vazios da galeria. Durante o dia, o sol produzia perfis abertos sobre os quatro flancos e criava uma sequência das sombras das colunas sobre o chão da galeria. Contudo, ao nível do pátio havia uma entrada com colunas que mostrava sinais da presença humana. Embora aberta à frente, virada para o pátio estava, porém, encimada por uma chaminé na qual ardia sempre alegremente um fogo de lenha. Os ladrilhos estavam cobertos de peles de animais.

Foi precisamente nesse local que vi a minha anfitriã pela primeira vez. Tinha tirado uma das peles e estava sentada ao sol apoiada numa coluna. Foi o seu vestido que me chamou a princípio a atenção, pois era rico e de cores brilhantes. Destacava-se naquele pátio poeirento produzindo um contraste parecido com o das flores vermelhas das romeiras. O que mais me atraiu foi a sua beleza pessoal que se apoderou de mim. Sentada, com os braços atirados para trás, fitando-me com olhos distraídos, com uma expressão ao mesmo tempo satisfeita, de bom-humor e quase imbecil, rebelava uma perfeição de feições e uma atitude de serena nobreza superiores às de uma estátua. Tirei o chapéu ao passar junto dela e franziu a testa surpresa, tão

fugaz e rapidamente como um lago quando a brisa sopra sobre ele, mas não prestou atenção ao meu gesto cortês. Continuei o meu passeio habitual um pouco desanimado. A sua impassividade de ídolo obcecava-me. Quando regresssei, embora estivesse aproximadamente na mesma posição, fiquei surpreso por ver que se tinha mudado para a coluna seguinte também banhada pelo sol. Desta vez, porém, dirigiu-me uma saudação trivial, bastante cortês, emitida num tom profundo, confuso e seco que, como a de seu filho, teria deformado a maior delicadeza que pudesse dizer. Respondi um tanto à sorte, pois não percebera com precisão o que me teria querido dizer, mas repentinamente mostrou-me uns olhos que me perturbaram. Eram extraordinariamente grandes, com a íris dourada como os de Felipe, mas naquele momento tinham as pupilas tão dilatadas que pareciam negros. O que mais me impressionou não foi o seu tamanho mas sim a singular falta de significado do seu olhar. Nunca antes havia visto um olhar tão estúpido. Fez-me baixar os olhos enquanto me falava e continuei o meu caminho em direção ao meu quarto, com uma sensação ao mesmo tempo de desencanto e de perturbação. Contudo, ao chegar ao quarto, o rosto do retrato recordou-me uma vez mais o milagre da parecença. A minha anfitriã era realmente mais idosa e mais gorda; os seus olhos tinham uma cor diferente; o seu rosto não possuía a perversidade do quadro que ao mesmo tempo me ofendia e me atraía e era vazio do bem e do mal. Uma expressão em branco no tocante à moral; literalmente zero; e, contudo, havia uma semelhança mais de essência do que de expressão; mais de conjunto do que de feições em particular. Era como se quando o pintor pintou a tela, tivesse captado não apenas a imagem de uma mulher sorridente e de olhos com uma expressão de falsidade, como também tivesse estampado a qualidade essencial de uma raça.

A partir daquele dia, tanto ao sair como ao entrar, tinha a certeza de ir encontrar a senhora sentada ao sol, apoiada na coluna ou estirada sobre uma almofada junto ao fogo. Algumas vezes instalava-se no degrau mais alto da escada de pedra, onde se recostava com indiferença, cruzando-se no meu caminho. Em

todos esses dias, não dei por que despendesse o menor gasto de energia para além do necessário para alisar o seu espesso cabelo cor de cobre ou para ciciar com a sua voz rouca a habitual saudação indolente que me fazia quando eu passava. Esses eram os seus principais prazeres para além da mera quietude. Parecia mostrar-se sempre orgulhosa das suas observações, como se tivessem sido subtis; e realmente, embora fossem bastante ocas, como era corrente na conversa de muitas pessoas respeitáveis, que giravam à volta de uma estreita gama de temas, nunca se revelavam isentas de significado ou coerência; mais ainda, tinham uma certa beleza própria, pois respiravam a mais completa satisfação. Ora falava do calor que apreciava tanto como o filho; ora das flores das romeiras, das pombas brancas ou das andorinhas de grandes asas que agitavam o ar do pátio. Estes pássaros, que vagueavam pelos beirais nos seus rápidos voos ou passavam rasantes a seu lado com a velocidade do vento, excitavam-na. Algumas vezes animava-se, endireitando-se, parecendo despertar de um torpor de satisfação. Mas a maior parte do dia deixava-se estar confortavelmente como que submergida num mar de preguiça e prazer. A sua invencível satisfação preocupou-me a princípio, mas gradualmente comecei a achar repousante aquele espetáculo. Tornou-se para mim um hábito sentar-me a seu lado quatro vezes por dia, tanto na ida como na vinda e pôr-me a falar com ela sonolentemente de não sei exatamente o quê. Começou ficar contagiado pela sua preguiça quase animal e a sua beleza e simplicidade acalmavam-me e divertiam-me. O gosto era recíproco; ela apreciava a minha presença meio inconscientemente, tal como uma pessoa em meditação profunda pode gozar o murmúrio de um regato. Nem posso dizer que o seu rosto se iluminava quando eu me aproximava pois a satisfação estava permanentemente escrita no seu rosto, como acontece com o de algumas estátuas de expressão simples; mas dei-me conta do prazer que lhe produzia, por meio de uma comunicação mais íntima que a da vista. Um dia, quando estava sentado perto dela no patamar de mármore, ergueu bruscamente uma mão e deu umas palmadinhas na minha. Feito isso, voltou

de novo à sua atitude habitual, antes que a minha mente tivesse tido tempo de apreciar a carícia; e quando voltei a fitar-lhe o rosto, não pude perceber nela nenhuma expressão sentimental. Tornou-se claro que não dava nenhuma importância ao gesto, pelo que me envergonhei do meu estado de ansiedade. A visão e a amizade da mãe confirmaram a ideia que eu havia formado do filho. O sangue da família tinha-se empobrecido com a prolongada procriação sem mistura que, segundo os meus conhecimentos, era um erro comum entre os orgulhosos e exclusivos. Indubitavelmente, não se podia encontrar deficiência alguma no corpo que havia passado para as gerações sucessivas sem estrago, com a mesma força e forma idênticas. Os rostos de hoje haviam sido cunhados com a mesma subtileza que o rosto de há dois séculos que me sorria do retrato. Mas a inteligência, aquela herança mais preciosa, degenerara. O tesouro de recordação ancestral havia caído muito baixo e exigido o cruzamento vigoroso e plebeu de um arrieiro contrabandista das montanhas, para converter o que já era quase idiotice na mãe, na qualidade ativa do filho. Contudo, dos dois, era a mãe quem eu preferia. Quanto a Felipe, vingativo uma vez e fácil de aplacar outras, cheio de ousadias e de timidez, inconstante como uma lebre, eu concebia-o como uma criatura daninha em potência. Da mãe, não tinha outros pensamentos para além da sua amabilidade e como os espectadores são propensos, por ignorância, a assumir partido, também fui-me tornando partidário daquela inimidade. A verdade parecia-me estar sempre do lado da mãe. Quando o filho se aproximava, ela retinha a respiração e as suas pupilas inexpressivas contraíam-se de horror ou de medo. Emoções como estas vinham muito à superfície e tornavam-se contagiosas. Esta repulsa latente nela ocupava a minha imaginação, levando-me a pensar qual a sua base e se realmente o filho tinha alguma culpa.

Estava já há alguns dias na residência quando se levantou um vento forte e desagradável que arrastava nuvens de poeira. Vinha dos paus carregados de malária passando sobre as serras nevadas. Os nervos daqueles que eram açoitados por este vento ficavam tensos e destrambelhados. Os olhos irritavam-se

dolorosamente com a poeira, as pernas doíam só de ter de suportar o peso do corpo e o contacto de uma mão sobre a outra tornava-se odioso. O vento que soprava pelos barrancos dos cerros bramava à volta da casa com um grande zumbido sibilante, perturbador ao ouvido e deprimente para o espírito. Não soprava em rajadas, mas constante como uma catarata, de tal maneira que enquanto durou, não deu tréguas ao mal estar provocado. Mas lá em cima, nos montes, a sua força provavelmente seria diferente, com acessos de fúria, pois algumas vezes soava até nós um gemido distante, tremendamente doloroso. Outras vezes começava num dos altos socalcos dos montes e de seguida dispersava-se numa torrente de pó como o fumo de uma explosão.

Assim que acordei, dei-me conta da depressão e do estado do tempo. Os seus efeitos foram aumentando durante o dia. Era inútil resistir-lhe. Em vão me pus a caminho do meu passeio matutino quotidiano. A fúria irracional e inalterável da tempestade abateu de imediato as minhas forças, destroçando a minha calma e regressei a suar com um calor seco e sujo de pó. O pátio tinha ar de abandono. De vez em quando, aparecia um raio de sol. Outras vezes, o vento descia sobre as romeiras, agitando as suas flores, enquanto fazia golpear os guarda-ventos das janelas contra a parede. Na entrada do pátio, a senhora passeava-se de um lado para o outro com o rosto congestionado e os olhos brilhantes; parecia falar sozinha, como se estivesse encolerizada. Quando lhe dirigi palavra para a cumprimentar como de costume, respondeu-me com um gesto brusco e continuou a cirandar. O vento tinha indisposto esta criatura impassível pelo que, quando subi ao andar superior, envergonhei-me da minha própria agitação.

O vento continuou durante todo o dia. No meu quarto, procurei ler, passeando de um lado para o outro, mas o ruído surdo que se produzia no telhado impedia-mo. Caiu a noite e não tinha nem uma vela para me iluminar. Desejando companhia, desci até ao pátio que estava submerso no azul da primeira escuridão, mas a entrada encontrava-se iluminada com a cor avermelhada do fogo que haviam acendido num alto montão de

lenha e mostrava-se coroadado de compactas chamas que a tiragem da chaminé agitava de um lado para o outro. Envolta neste resplendor cambiante, a senhora continuava a passear de parede a parede com gestos desabridos, apertando as mãos, abrindo os braços para a frente e atirando a cabeça para trás como se estivesse a invocar o céu. Com estes movimentos desordenados, a beleza e a graça da mulher eram mais claramente nítidos. Mas havia nos seus olhos uma luz que me produziu uma impressão desagradável. Fitei-a um pouco em silêncio e aparentemente sem ser observado e depois voltei às apalpadelas para o meu quarto.

Quando Felipe me trouxe o jantar e luz, tinha os nervos destroçados; e se o rapaz tivesse chegado tal como eu estava habituado a vê-lo, tê-lo-ia retido, inclusive pela força se tal fosse necessário, a fim de evitar o enervante da minha solidão desagradável. Mas também em Felipe o vento havia exercido a sua perniciosa influência, deixando-o durante todo o dia num estado febril. Agora que a noite havia tombado, encontrava-se com um humor tão desagradável, oprimido e trêmulo que piorou o meu. A visão do seu rosto espantado, os seus sobressaltos e palidez, os seus gestos de quem se põe repentinamente a escutar, enervavam-me; quando lhe caiu um prato ao chão, partindo-se, levantei-me literalmente de um salto da cadeira.

– Acho que hoje estamos todos tontos – disse-lhe, afetando rir.

– É o vento negro – respondeu tristemente. – Sentimo-nos como se tivéssemos alguma coisa que fazer, mas sem saber o quê.

Dei-me conta da exatidão da sua descrição. Realmente, por vezes Felipe com as suas expressões conseguia interpretar com palavras as sensações do corpo.

– A tua mãe também – disse eu – parece ficar muito afetada com este tempo. Não receias que ela adoença?

Sobressaltou-se um pouco ao ouvir-me e respondeu quase desafiador:

– Não – e logo de seguida, erguendo a mão, irrompeu em lamentos contra o vento e o ruído que, segundo dizia, davam-lhe

volta à cabeça como as rodas de um moinho.

– A quem é que este vento faz bem? – gritou.

Realmente, eu não podia senão fazer eco da pergunta, pois também me sentia bastante incomodado. Deitei-me cedo. Fatigado com aquela intranquilidade que durara o dia inteiro, mas a natureza venenosa daquele vento e o seu rugir desapiedado e ininterrupto não me permitiram conciliar o sono. Estava deitado, mas muito agitado, com os nervos em franjas. De vez em quando, adormecia e tinha sonhos horríveis que me faziam despertar. Estes intervalos de inconsciência confundiram-me quanto ao tempo. Mas a noite já devia ir avançada quando fui de repente sacudido por uma série de gritos lamentosos. Saltei da cama, pensando estar a sonhar, mas os gritos continuavam a encher a casa. Gritos de dor, pensei, mas também de raiva; tão selvagens e dissonantes que me despedaçavam o coração. Não se tratava de uma ilusão. Algum ser vivo, algum louco ou animal selvagem estava a ser brutalmente torturado. A recordação de Felipe e do esquilo passou-me fugazmente pela imaginação. Dirigi-me à porta e dei com ela fechada à chave do lado de fora. Bem a podia abanar – estava feito prisioneiro. Os gritos continuaram a fazer-se ouvir durante algum tempo mais, embora diminuindo de intensidade até se converterem num gemido inarticulado. Então convenci-me de que se tratava de um ser humano. Novamente rasgaram a noite enchendo a casa com uma fúria própria do inferno. Pus-me a escutar atrás da porta até desaparecerem por completo. Um bom pedaço depois, ouvia-os na minha imaginação, misturados com o rugir do vento e quando por fim cessaram de todo e voltei para a cama, estava cheio de um sombrio horror.

Era natural que não conseguisse dormir mais. Porque me tinham fechado à chave? Que havia sucedido? Quem havia dado aqueles gritos horríveis? Era inconcebível. Uma fera? Os gritos eram realmente animais, mas que animal que não fosse do tamanho de um leão ou de um tigre poderia sacudir daquela maneira as sólidas paredes da residência? Enquanto dava desta maneira volta aos elementos do mistério, recordei-me que ainda não havia visto a filha da casa. Seria possível que a filha da

senhora e irmã de Felipe estivesse louca? Ou que aquela gente ignorante e meio imbecil procurasse domar pela violência aquela desgraçada? Essa podia ser a solução; e, contudo, quando me recordava dos gritos – o que me produzia sempre um calafrio – parecia-me que esta resposta seria totalmente insuficiente. Nem a mais refinada crueldade poderia arrancar tais gritos da loucura. Mas de uma coisa estava seguro: de que não podia viver numa casa como aquela sem procurar investigar até ao fim e, se necessário, intervir para evitar tal procedimento.

Na manhã seguinte, o vento havia cessado. Nada acontecia que me fizesse recordar o ocorrido na noite anterior. Felipe veio e aproximou-se da minha cama com evidente jovialidade. Ao atravessar o pátio para dar o meu passeio quotidiano, a senhora estava a apanhar sol com a sua habitual imobilidade e quando cruzei a entrada, toda ela era sorrisos. O céu mostrava-se azul e puro, semeado de grandes ilhas de nuvens e as encostas das montanhas como mapas com províncias de luz e sombra.

Um curto passeio fez-me bem e renovou a minha decisão de esclarecer o mistério e quando, da posição dominante do outeiro em que me encontrava, vi Felipe passar direito ao seu trabalho na horta, regressei à residência, disposto a pôr em prática um plano. A senhora parecia imersa no seu acostumado torpor; estive um pedaço a observá-la, mas ela nem se moveu. Embora o meu plano fosse indiscreto, tinha pouco a temer de semelhante guardiã. Afastei-me dela, subi à galeria e comecei a explorar a casa.

Durante toda a semana, andei de porta em porta, entrando em quartos espaçosos e descoloridos, alguns com os seus poderosos guarda-ventos fortemente fechados, outros recebendo plenamente a luz do dia, mas todos eles vazios e desagradáveis. Era uma casa rica a que o tempo havia retirado o brilho e o pó semeado a sua desilusão. As aranhas balanceavam-se aqui e ali e a gorda tarântula escapulia-se por entre as cornijas. Nos grandes salões, viam-se carreiros de formigas. A varejeira grande e suja que vive da carniça e é em geral mensageira de morte, havia construído o seu ninho na madeira apodrecida e

zumbia opressivamente pelos quartos. Aqui e ali, um ou dois tamboretos, um sofá, uma cama, um grande cadeirão talhado, surgiam como ilhotas no soalho nu, como testemunhas de terem sido usados pelo homem. Por todos os lados, as paredes estavam repletas de retratos dos mortos e pelas suas efígies deterioradas podia julgar-se a grandeza da raça que uma vez ali morara. Muitos dos varões afivelavam no peito as insígnias de grandes ordens e possuíam o porte de nobres oficiais e as mulheres estavam todas ricamente ataviadas. A maioria eram telas de pintores famosos. Mas não foram estes testemunhos de grandeza que me impressionaram, apesar do contraste que faziam com os atuais moradores da casa e a sua decadência. Era antes a parábola da vida da família que eu lia naquela sucessão de rostos belos e corpos bem formados. Nunca me havia dado conta como então do milagre da raça que perdura. A criação e a recriação, o fazer e o desfazer, o mudar e o entregar às gerações seguintes os componentes da carne; que uma criança nasça de sua mãe, que cresça, que se revista (não sabemos como) de humanidade, que adquira a aparência herdada, que meneie a cabeça com o gesto de um antepassado, ou que dê a mão com o mesmo gesto que outro, são maravilhas que nos enfadam por repetidas. Mas a singular unidade de aspecto, as feições e porte comuns de todas aquelas gerações pintadas nas paredes da residência produzindo o efeito de um só olhar, eram algo de miraculoso. Obcecado, encontrei nas minhas andanças um antigo espelho em que me detive durante um largo pedaço a ler as minhas próprias feições, seguindo o rasto tanto dos traços da minha origem, como o dos vínculos da minha família.

Continuando as minhas investigações, abri a porta de uma sala que tinha sinais de estar habitada. Era de grandes proporções e encontrava-se orientada para norte, onde as montanhas tinham um aspecto mais bravio. As brasas de um fogo ardiam na lareira junto da qual haviam colocado uma cadeira; contudo, o aspecto da sala mostrava-se ascético, a roçar a severidade. A cadeira não era almofadada; as paredes e o chão estavam nus e à exceção algum livro abandonado aqui e

ali, não havia nenhum instrumento de trabalho ou de entretenimento. A visão de livros em casa de semelhante família surpreendeu-me sobremaneira. Comecei apressadamente, e em alguns momentos com medo de ser interrompido, a inspecioná-los uns atrás dos outros, para ver de que tipo eram. Havia-os de diversos gêneros, de devoção, históricos e científicos, mas na sua maioria escritos em latim, e muito antigos. Alguns mostravam sinais de serem utilizados constantemente, mas outros encontravam-se rasgados e postos de lado como se houvessem sido desdenhados. Por fim, indo de um lado ao outro da sala, descobri sobre a mesa, próximo da janela, uns papéis escritos a lápis. A curiosidade levou-me a pegar num. Tinha uns versos em castelhano com uma rima grosseira e diziam assim:

O prazer aproximava-se com dor e vergonha
E a dor vinha com uma coroa de lírios.
O prazer mostrava ao Sol toda a sua beleza,
Deus meu, como brilhava tão docemente!
A dor com a sua mão descarnada apontava
Para Ti, Deus meu, para a Tua grandeza.

Fui assaltado ao mesmo tempo pela vergonha e pela confusão e, largando o papel, saí apressadamente da sala. Nem Felipe nem a mãe podiam ter lido aqueles livros nem escrito aqueles versos toscos mas sentidos. Considerava que havia pisado com pés sacrílegos o quarto da filha da casa. Deus sabe como o meu próprio coração me castigou por essa imprudência. O pensamento de me haver introduzido furtivamente no lugar reservado e íntimo de uma menina, situado com tanto secretismo, e o medo que ela de algum modo se pudesse inteirar da minha intromissão, oprimiu-me como um delito. De resto, considere-me culpado das minhas suspeitas da noite anterior, ao pensar como pude atribuir aqueles lamentos horríveis a alguém que agora considerava como uma santa, de rosto espectral, consumida pela vigília, apegada à prática de uma devoção e vivendo num grande isolamento de alma com os seus incongruentes familiares. Mais tarde, apoiado à balaustrada da

galeria, contemplando o pátio das romeiras e vendo aquela mulher sonolenta vestida de garridas cores, que naquele momento se espreguiçava lambendo delicadamente os lábios com a sensualidade da indolência, o meu pensamento comparou esta cena com o quarto frio em que vivia a filha.

Naquela mesma tarde, quando me encontrava no alto do outeiro, vi o padre entrar pela porta principal da residência. A revelação do caráter da filha da casa havia penetrado no mais fundo do meu pensamento e quase apagado os horrores da noite anterior, mas ante a visão deste homem, essa recordação reavivou-se. Desci do outeiro e, dando uma volta pelo bosque, coloquei-me à beira do caminho à espera que ele passasse. Quando apareceu, saí-lhe ao encontro e apresentei-me como hóspede da residência. Tinha uma cara de honradez e vigor, em que era fácil ler-se a mescla de emoções com que me fitava: um forasteiro, um herege e, contudo, alguém que havia sido ferido pela boa causa. Falou-me com reserva da família da residência e quando lhe referi que ainda não havia visto a filha, fitou-me meio de soslaio. Por fim, ganhei coragem para lhe contar as coisas que me haviam inquietado durante a noite. Escutou-me em silêncio, parando e dando quase meia volta como para me fazer ver que se despedia.

– Aceita um pouco de tabaco em pó? – perguntou, oferecendo-me a sua tabaqueira. Como recusasse, acrescentou: – Sou um homem já de idade e posso recordar-lhe que o senhor é um hóspede naquela casa.

– Então – respondi com bastante firmeza, embora corando por causa da sua repreensão implícita –, tenho a sua autorização para deixar as coisas seguirem o seu curso, sem ser necessário eu intervir?

Respondeu que sim e, com uma saudação, foi-se embora deixando-me onde estava. Mas havia logrado duas coisas: despertar a minha delicadeza e deixar a minha consciência tranquila. Fazendo um grande esforço, uma vez mais consegui deixar de lado as recordações da noite anterior, pondo-me de novo a pensar na minha santa poetisa. Mas não conseguia esquecer que me tinham trancado no quarto. Por isso, quando

naquela noite Felipe me trouxe o jantar, abordei-o com cautela, referindo os dois pontos que me interessavam.

– Nunca vi a tua irmã – disse-lhe com indiferença.

– Oh não, ela é uma rapariga muito boa.

– Suponho que a tua irmã seja religiosa – perguntei, depois de uma pausa.

– É uma santa – exclamou – é ela quem me dá forças.

– Tens muita sorte. A maioria – e temo que eu esteja entre eles – prefere deixar-se arrastar pela corrente.

– Senhor – respondeu Felipe, com seriedade –, eu não diria isso; o senhor não deve tentar Deus. Se alguém se deixa levar pela corrente, aonde irá parar?

– Felipe, não imaginava que fosses pregador e posso dizer que dos bons. Suponho que isso seja também obra da tua irmã.

Ele assentou com a cabeça e esbugalhou os olhos.

– Então – prossegui –, ela ter-te-á sem dúvida censurado o teu pecado de crueldade.

– Muitas vezes – respondeu –, e disse-lhe que também o senhor me havia reprovado. E ela gostou de o saber.

– Diz-me uma coisa, Felipe. Que gritos foram aqueles esta noite? Tenho a certeza que eram de alguma criatura em sofrimento.

– Era o vento – respondeu, fitando-me fixamente nos olhos.

Peguei-lhe na mão e, assumindo esse gesto como uma carícia, sorriu com um resplendor de alegria tal que quase conseguia deitar por terra a minha decisão. Mas rejeitei com energia a minha fraqueza.

– O vento – repeti – e, no entanto, acho que foi esta mão – e levantei-a – que fechou à chave a porta do meu quarto.

O rapaz estremeceu visivelmente mas não disse palavra.

– Bom, eu sou um estranho e um hóspede nesta casa. Não me compete intrometer-me nem julgar os teus atos. É melhor aconselhares-te com a tua irmã que, tenho a certeza, te será de grande ajuda. Mas no que a mim diz respeito, nunca serei teu prisioneiro e exijo a chave.

Meia-hora mais tarde, abria-se a porta de repente e a chave embatia no chão, atirada com força do lado de fora.

Um ou dois dias mais tarde, quando regressava de um passeio um pouco antes do meio-dia, encontrei a senhora recostada a dormir placidamente no umbral da entrada do pátio. As pombas que dormiam debaixo do telheiro pareciam flocos de neve. A casa estava imersa no profundo feitiço daquela hora aprazível e só um vento suave que soprava das montanhas e se escoava por entre as galerias, sussurrava entre as romeiras e agitava graciosamente as sombras. Havia uma quietude que convidava à meditação. Atravessei em silêncio o pátio e subi a escadaria de mármore. Quando tinha o pé sobre o último lanço, abriu-se uma porta e dei de caras com Olalla. A surpresa paralisou-me e o seu encanto chegou-me ao coração. Parecia irradiar luz no meio da profunda sombra da galeria; era como uma pedra preciosa colorida. Os seus olhos pousaram nos meus, ficando neles presos, enlaçando-nos como se nos tivéssemos dado as mãos. Esses momentos que ficamos à frente um do outro foram sacramentais. Foi a união das nossas almas. Fiquei como que em êxtase e quando consegui raciocinar, fazendo uma vênia precipitada, continuei a subir os últimos lanços da escada. Ela não se mexeu e deixou-se ficar a mirar-me com os seus grandes olhos ansiosos. Quando desaparecia da minha vista, pareceu-me que empalidecia.

Já no meu quarto, abri a janela e olhei para fora. Não dei que mudança se pôde operar naquele austero campo montanhoso para que daquela maneira cantasse e brilhasse. Tinha-a visto.

– Olalla! – gritei. E os barrancos pedregosos responderam: “Olalla!” e até mesmo o silencioso e insondável azul respondeu: “Olalla!”.

A santa pálida dos meus sonhos havia desaparecido e em seu lugar contemplava aquela donzela em que Deus havia sido pródigo dos mais belos encantos e das mais exuberantes forças da vida, fazendo-a ágil como uma corça, esbelta como um junco e em cujos olhos havia acendido as tochas da sua alma. A emoção da sua jovem vida que vibrava como a de um animal

selvagem, tinha entrado em mim. A força da sua alma que lhe havia assomado aos olhos, tinha conquistado a minha, envolvendo o meu coração, fazendo brotar uma canção dos meus lábios. Tinha-se metido no meu sangue, fazendo dos dois um todo único.

Não posso dizer que o meu entusiasmo declinasse. Melhor diria que a minha alma continuava em êxtase e como numa fortaleza estava sitiada por considerações frias e dolorosas. Não duvidava de que me havia apaixonado por ela à primeira vista e desde o primeiro momento, com um ardor trêmulo que nunca antes havia sentido. Que se iria passar? Era descendente de uma estirpe castigada, filha da senhora, irmã de Felipe. Isto via-se claramente na sua beleza, pois possuía a ligeireza e a rapidez de um, veloz como uma flecha e suave como o orvalho e, como a outra, brilhava ante o fundo pálido do mundo com o esplendor das flores. Mas eu não podia chamar irmão àquele moço meio tonto, nem mãe àquele imóvel e belo pedaço de carne com um sorriso bobo que agora me vinha ao pensamento como algo de odioso. E se não podia casar-me com ela, que aconteceria? Estava desamparada e sem proteção. Os seus olhos naquele longo olhar que havia sido a nossa única comunicação, tinham-me confessado a sua debilidade, que era igual à minha. O coração dizia-me que era ela a estudiosa da fria sala da fachada norte, a escritora dos versos tristes e o conhecimento deste fato desarmaria um bruto.

Fugir era algo superior às minhas forças, pelo que prometi manter-me numa discrição vigilante.

Quando saí da janela, os meus olhos pousaram no retrato que havia perdido a sua luz como uma vela quando brilha o sol. Reconhecia a sua parecença e espantava-me a tenacidade com que persistiam as características daquela raça que declinava. Recordava que no início me tinha parecido inacessível à realidade, algo mais criado pela fantasia do pintor que retirado da natureza. Deleitava-me pensar em Olalla. Havia visto belezas que não me tinham cativado e fora atraído por mulheres que unicamente a mim pareciam belas; mas em Olalla encontrava-se tudo quanto desejei e que não me havia atrevido a imaginar.

No dia seguinte, não a vi. O coração doía-me e os meus olhos ansiavam por ela como aquele que vive em trevas deseja a luz. Mas no outro dia, quando regressei do meu passeio habitual, lá estava ela na galeria. Ter-me-ia aproximado para lhe falar se algo muito forte que me empurrava como um íman não o houvesse impedido. Só consegui fazer uma ligeira vênia e continuei o meu caminho. Ela não correspondeu à minha saudação, mas acompanhou-me com o olhar.

Tinha de tal maneira a sua imagem na lembrança que quando estudava as suas qualidades, me parecia como se lesse no mais íntimo do seu coração. Trajava com um pouco de vaidade e bom gosto, com as mesmas cores fortes que a mãe. O seu traje, que se notava dever ter sido confeccionado pelas suas próprias mãos, cingia-se-lhe ao corpo com uma graça maliciosa. De acordo com o estilo daquela região, o corpete tinha no centro uma grande abertura e nela, apesar da pobreza da casa, via-se uma medalha de ouro que, pendendo do pescoço por um fio, repousava sobre o seu peito moreno. Estas eram provas, se tivessem sido necessárias, do seu gosto inato pela vida e pelo seu encanto. No mais profundo dos seus olhos, que se cravaram nos meus, pude ler a paixão e a tristeza, luzes de poesia e de esperança, negrimes de desespero e de pensamentos que se despegam da terra. Tinha um corpo maravilhoso e a sua alma era mais que merecedora daquela morada. Teria eu de deixar aquela flor incomparável que murchava sem que ninguém a visse, entre aquelas agrestes montanhas? Deveria desprezar o grande presente que me era oferecido no eloquente silêncio dos seus olhos? Ali havia uma alma prisioneira. Não teria eu de forçar a sua prisão? Qualquer outra consideração era para desprezar. Ainda que tivesse sido a própria filha de Herodes, tê-la-ia feito minha. Naquela mesma noite, fiz o propósito, com uma mescla de sentimento de traição e de vergonha, de ganhar o irmão. Talvez o visse com melhores olhos; talvez o pensamento da sua irmã despertasse as melhores qualidades naquela alma imperfeita; mas ele nunca havia parecido tão amável e a sua semelhança com Olalla, ao mesmo tempo que me molestava, enternecia-me.

Um terceiro dia se passou em vão como um vasto deserto de horas. Não queria perder uma oportunidade possível. Vaguei toda a tarde pelo pátio onde, para ter um pretexto, me pus a falar com a senhora. Deus sabe que estudava-a agora com o interesse mais terno e sincero. Antes em Felipe e agora na mãe, notava um crescente sentimento de tolerância. Contudo, estranhava que mesmo quando falava com ela dormitasse, cabeceando ligeiramente para logo despertar sem se perturbar. Este sangue frio irritava-me. Outras vezes, quando reparava que mudava ligeiramente de posição, saboreando e deleitando-se no prazer corporal de cada momento, pensava na profundidade que era aquela sensualidade passiva. Vivia tão dependente do seu corpo que a sua consciência estava fundida e disseminada pelos seus membros, nos quais habitava com satisfação. Por último, tenho de dizer que nunca consegui habituar-me ao seu olhar. Sempre que virava para mim aqueles grandes e belos olhos que não refletiam nenhum pensamento e que mantinha muito abertos para o mundo, mas fechados a toda a indagação humana, sempre que tinha ocasião de observar as rápidas alterações das suas pupilas que se dilatavam e se contraíam com num suspiro, ficava desconcertado. Não conseguia encontrar nome para as sensações, mistura de desilusão, enfado e desgosto que faziam vibrar os meus nervos. Testei-a com diversos assuntos sem conseguir captar-lhe o interesse. Por fim, decidi falar sobre a filha; mas até nisso se mostrou indiferente. Disse que era bonita e nessa frase concentrou todos os seus elogios, mas foi incapaz de qualquer outro pensamento mais elevado. Quando a adverti para o fato de Olalla parecer silenciosa, a única coisa que fez foi rir-se-me na cara e dizer que a palavra não tinha grande utilidade quando não se tinha nada de importante para dizer.

– As pessoas falam muito, muitíssimo – acrescentou, fitando-me com as pupilas dilatadas e voltando a rir-se, mostrando uma boca muito delicada.

Deixando-a no seu descanso ininterrupto, dirigi-me ao meu quarto para me sentar diante da janela aberta, fitando as montanhas sem as ver e procurando escutar com a imaginação o tom da voz que nunca havia ouvido.

Na quinta semana, despertei saturado de pressentimentos que pareciam desafiar o destino, leve de coração e do corpo e resolvi pôr imediatamente o meu amor em contacto com a realidade. Não devia permanecer durante mais tempo sob a escravidão do silêncio, refreando o meu amor com os sentidos como se fosse um irracional; era preciso que o meu espírito se soltasse com a intimidade de uma entrevista. Pensei nisso com uma louca esperança, como uma viagem ao Eldorado, ao desconhecido e maravilhoso país de sonho que era a sua alma. Não tremi mais perante a aventura. Contudo, quando me encontrei com ela na realidade, a mesma força da paixão caiu sobre mim, ensombrando-me os pensamentos. O dom da palavra pareceu abandonar-me e aproximei-me dela da mesma forma que aquele que está aturdido se acerca do precipício. Afastou-se um pouco de mim quando me aproximava, mas os seus olhos não se separavam dos meus e isso induziu-me a avançar. Por fim, quando se encontrava ao meu alcance, parei. As palavras negavam-se a sair. Se desse um passo mais, a única coisa capaz de fazer seria estreitá-la em silêncio contra o meu coração e tudo quanto era sensatez em mim e ainda não havia sido vencido, revolveu-se contra tal pensamento. Assim, ficamos à frente um do outro durante uns segundos, com toda a nossa vida nos olhos disparando descargas de atração, mas resistindo ambos. Depois, com grande esforço da vontade e consciente ao mesmo tempo da amargura do desengano, dei a volta e afastei-me sem haver pronunciado uma única palavra. Que poder domava a minha vontade que me impedia de falar? E ela? Porque estava também tão silenciosa? Porque se afastou de mim, muda e com olhos de fascínio? Seria amor? Seria uma mera atração brutal, instintiva e inevitável como a existente entre o íman e o ferro? Nunca antes havíamos falado um com o outro. Éramos totalmente estranhos e, no entanto, uma influência enorme como a garra de um gigante nos empurrava para nos aproximarmos em silêncio. Estava repleto de impaciência, mas consciente de que ela era digna de todo o respeito. Havia visto os seus livros e lido os seus versos, adivinhando assim a alma da minha amada; mas aquela situação deixou-me frio. Só conhecia

de mim o atrativo corporal. Dirigia-se para mim como as coisas caem ao chão. As leis que governam a natureza guiavam-na sem seu consentimento até à minha presença. O pensamento de semelhante união fazia-me retroceder e comecei a sentir-me zeloso de mim mesmo. Não era esta a forma em que queria ser amado. E comecei a sentir uma grande pena da rapariga.

Pensava quão doloroso e mortificante seria para aquela jovem solitária, guia espiritual do irmão, se tivesse de confessar a sua humilhante fraqueza por um homem com quem nem sequer uma palavra havia trocado. Ante essa crescente compaixão, todos os restantes pensamentos se anulavam e só anelava voltar a vê-la para a consolar e tranquilizar, para lhe dizer até que ponto o seu amor era correspondido por mim e como a sua escolha, ainda que feita às cegas, não era indigna.

O dia seguinte amanheceu com um tempo maravilhoso. Um azul profundíssimo embelezava as montanhas. O sol iluminava tudo, tornando as sombras quase imperceptíveis. O vento por entre as árvores e as muitas torrentes que caíam das montanhas enchiam o ambiente de uma música delicada e irreal. E, no entanto, sentia-me invadido pela tristeza. O meu coração chorava por ver Olalla, como um bebê chora pela mãe.

Encontrava-me sentado numa pedra situada à beira do extremo norte da meseta. Daquele ponto elevado, contemplava um vale estreito e profundo a que ninguém tinha conseguido chegar e por ele corria um regato. Na disposição de ânimo em que me encontrava, era comovedor contemplar aquela paisagem desabitada. Só faltava Olalla. Pensava na dita e na glória de toda uma vida passada junto dela, naquelas paragens abruptas e maravilhosas, com aquele ar puríssimo, a princípio com desejo de chorar, mas depois com uma ardente alegria que foi crescendo em força e tamanho como um Sansão.

Subitamente, dei-me conta de que Olalla se aproximava. Saía de um bosque de sobreiros e vinha em minha direção. Levantei-me e aguardei. O seu caminhar parecia o de uma criatura com tanta vida, fogo e ligeireza que me maravilhou. E no entanto, caminhava tranquila e repousadamente. A sua energia estava na sua lentidão, mas sentia-a como se tivesse querido

correr, como se tivesse desejado voar para mim. Ao aproximar-se, manteve os olhos fixos no solo e quando chegou perto, falou-me sem me haver dirigido um único olhar. A primeira nota da sua voz sobressaltou-me; era o que eu havia estado a esperar, a prova convincente do seu amor. O seu sotaque era correto e claro, sem cícios nem palavras cortadas como fazia a família e a sua voz, embora mais grave que o normal numa mulher, era juvenil e feminina. Falava com um tom harmonioso; a sua voz era dourada, de contralto e misturava-se com um certa rouquidão, da mesma maneira que os cabelos ruços o faziam com os de cor castanha das suas tranças. Não era apenas uma voz que me falava diretamente ao coração, como também falava de si mesma. Mas as suas palavras mergulharam-me de novo no desespero.

– O senhor vai-se embora hoje – disse-me.

O seu exemplo rompeu os laços do meu mutismo e senti-me aliviado de um peso que se tivesse desfeito. Não sei com que palavras respondi, mas de pé à sua frente, derramei todo o ardor do meu amor, dizendo-lhe que vivia do seu pensamento, que dormia sonhando com a sua beleza e que alegremente renegaria à minha pátria, à minha língua e aos meus amigos só para viver sempre a seu lado. Depois, dominando-me e mudando de tom, tranquilizei-a e confortei-a. Disse-lhe que havia adivinhado nela um espírito religioso e heróico de que conhecia todo o seu valor e que anelava compartilhar.

– A voz da natureza – disse-lhe – é uma ordem de Deus a que não podemos desobedecer sem correremos um grave perigo. Se formos atraídos em silêncio pelo milagre do amor, isso quer dizer que existe uma correspondência divina entre as nossas almas; e que não podemos ser loucos rebeldes contra Deus, desobedecendo às Suas ordens.

Ela negou com a cabeça:

– O senhor partirá hoje – repetiu; e depois corrigiu repentinamente com um tom de voz agudo: – Não. Hoje, não, amanhã.

Com este sinal de fraqueza, as minhas forças retornaram como uma maré. Estendi os braços para ela e chamei-a pelo

nome. De um salto, abraçou-se-me. As montanhas trepidaram à nossa volta e a terra vacilou sob os nossos pés. Um estremecimento percorreu o meu ser, deixando-me cego e desvanecido. E um instante depois, afastando-me, desprendeuse rudemente dos meus braços e fugiu por entre as árvores com a rapidez de uma corça.

Em vão clamei aos montes pedindo o seu regresso. Depois, mais tranquilo, regressei à residência com a sensação de andar pelo ar.

Tinha-me dito que me fosse embora e, no entanto, não fiz mais do que chamá-la pelo nome para que viesse. Esta era uma prova da fraqueza da mulher da qual ela não estava isenta. Que me fosse embora? Oh, não! Eu, não, Olalla, minha Olalla! Um pássaro cantava nas cercanias embora fosse uma estação em que havia muito poucos. O seu canto levantou-me o ânimo e uma vez mais, todo o aspecto da natureza, desde os montes pesados e austeros à folha mais leve e ao mais pequeno inseto que voava fugaz por entre as sombras dos barrancos, começaram a agitar-se perante mim, assumindo traços de vida e apresentando o rosto de uma enorme alegria. A luz do sol tombava sobre os montes com a força de um martelo sobre uma bigorna, fazendo-os estremecer. A terra, sob aquele sol vigoroso, produzia aromas penetrantes. Os bosques pareciam incandescentes sob a luz brilhante. Sentia que um estremecimento de afã e de delícia percorria a terra. Algo elementar, algo rude, violento e selvagem no amor que cantava em meu coração era como uma chave que abria os segredos da natureza. As mesmas pedras que soavam debaixo de meus pés pareciam vivas e amigáveis. Olalla! O seu contacto havia-me reavivado e renovado, dando-me o tom do velho concerto da terra rugosa, enchendo-me a alma de bem-estar e de alegria. O amor ardia em mim como a ira. A minha ternura tornava-se colérica. Odiava-a e adorava-a; lamentava-a e reverencia-a com êxtase. Parecia uma corrente que me unia às coisas mortas por um lado e ao Deus puro e misericordioso por outro. Algo de brutal, divino e semelhante ao mesmo tempo à inocência e às forças telúricas da natureza. Com a cabeça às voltas, entrei no pátio da residência. A visão da mãe

impressionou-me como uma revelação. Ali estava ela sentada, cheia de satisfação e de indolência, pestanejando sob a forte luz do sol, marcada por um gozo passivo, uma criatura à parte, ante a qual o meu ardor se desvaneceu como que envergonhado. Detive-me por um instante e, dominando o que podia ser a agitação da minha voz, disse algumas palavras. Ela fitou-me com a sua amabilidade insondável. A sua voz, ao responder-me, soou vagamente como saída daquele reino de paz em que dormitava e, pela primeira vez, produziu em mim um sentimento de respeito para com alguém que era tão inocente e feliz. E comecei a pensar por que razão me produzia tanta inquietação.

Em cima da minha mesa havia um papel amarelado, idêntico ao que havia visto na sala da fachada norte. Fora escrito a lápis pela mesma mão: a mão de Olalla. Peguei-lhe com uma sensação de alarme e li: “Se o senhor sente algum respeito por Olalla, se possui algum sentimento de cavalheirismo para com uma criatura forjada na amargura, vá-se embora hoje honradamente com a sua compaixão. Por Aquele que morreu por nós cravado numa cruz, suplico-lhe que se vá embora”.

Fiquei estupefato fitando o escrito; depois, comecei a recompor-me com um grande cansaço e horror à vida. Lá fora, o sol escurecia nos cerros nus e comecei a tremer como se estivesse aterrorizado. Aquele vazio aberto tão de repente na minha vida acobardava-me como um vazio físico. Não era o meu coração e a minha felicidade, mas antes a minha vida que estava em jogo. Não posso perdê-la – disse – e continuei a repeti-lo até que, como num sonho, me aproximei da janela, levantei uma mão para a abrir e feri-me no vidro. O sangue brotou-me copioso do pulso. Com tranquilidade e autodomínio, apertei o polegar contra a pequena fonte que manava, enquanto pensava no que fazer. Naquele quarto, quase vazio não havia nada que me servisse naquela necessidade. Precisava de ajuda. Passou pela minha mente a esperança de que fosse a própria Olalla quem ma prestasse e desci ao piso inferior sem retirar o dedo da ferida.

Não havia sinais de que ali estivesse quer Olalla, quer Felipe. Dirigi-me ao pátio onde a senhora estava a dormir perto do fogo, pois para ela nunca havia calor demasiado.

– Perdoe-me – disse-lhe – se a perturbo, mas tenho que pedir-lhe que me ajude.

Fitou-me sonolenta e perguntou-me o que se tratava e mal pronunciara estas palavras, pareceu-me que retinha a respiração enquanto dilatava as asas do nariz como se de repente se animasse.

– Cortei-me; um golpe bastante profundo. Olhe – e levantei a mão ferida, sempre a gotejar.

Os seus grandes olhos abriram-se esbugalhados e as pupilas contraíram-se até se converterem em dois pontos. Era como se um véu lhe caísse do rosto, deixando-o fortemente expressivo e, no entanto, insondável. Quando ainda me encontrava surpreendido pela sua agitação, curvou-se sobre mim, dobrou-se sobre a minha mão e pegou nela. Um instante depois, levava-a à boca e mordida-a até ao osso. A dor da mordidela, o repentino manar de sangue e o monstruoso horror da ação passaram-me pela mente como um relâmpago. Afastei-a fortemente, mas ela voltou a lançar-se sobre mim dando gritos bestiais. Reconheci naqueles gritos os que me haviam despertado na noite do vendaval. A sua força era a da loucura e as minhas iam-se extinguindo com a perda de sangue. O meu pensamento girava estranhamente e horrorizado ante aquele ataque furioso. Estava encostado à parede quando Olalla apareceu a correr em meu auxílio e Felipe atrás dela, dando um salto, dominou a mãe contra o solo.

Um torpor de debilidade apoderou-se de mim. Os meus sentidos estavam despertados mas a minha mente não, e era incapaz de me mover. Ouvia forcejar, rebolar pelo chão e os alaridos daquele gato montês que chegavam ao céu quando se esforçava por me alcançar. Reparei que Olalla me apertava nos braços e o seu cabelo caía sobre o meu rosto. Levantou-me com a força de um homem e meio de rastos levou-me até ao meu quarto onde me deixou cair sobre a cama. Depois, vi-a correr para a porta e fechá-la à chave, ficando um instante a escutar aqueles gritos selvagens que faziam estremecer a casa. Rápida e ligeira como o pensamento, voltou de novo para junto de mim, ligou-me a mão e logo a levou ao peito, gemendo e lamentando-

se como um murmúrio ou como o arrulhar de uma pomba. Não eram palavras que pronunciava, mas antes sons mais belos, infinitamente ternos, comovedores. Enquanto permanecia deitado, um pensamento sombrio se me cravou no coração. Um pensamento que me feria como uma espada e profanava a santidade do meu amor, como o verme profana a flor. Sim, eram sons belíssimos e inspirados pela ternura humana, mas a sua beleza seria humana?

Permaneci deitado durante todo o dia. Por longo tempo os gritos daquele animal que não tinha nome ecoaram por toda a casa, enchendo-me de tristeza e horror. Eram o grito de morte do meu amor que havia sido assassinado e que até parecia ofender-me. Contudo, ao pensar no fato de a desejar e de a sentir perto de mim, o amor crescia como uma tempestade de doçura e o meu coração fundia-se com os seus olhares e o seu contacto. Os temores que me haviam invadido, as dúvidas sobre Olalla, a herança selvagem e bestial que se revelava no comportamento da sua família e que estavam nas mesmas raízes do nosso amor, embora me aterrorizassem e me enchessem de repugnância, não tinham poder suficiente para romper os elos da minha paixão.

Quando os gritos cessaram, ouvi alguém raspar na porta do meu quarto, pelo que percebi tratar-se de Felipe do lado de fora. Olalla foi falar com ele. À exceção desse momento, estive o tempo todo junto de mim; umas vezes de joelhos ao lado da cama, rezando fervorosamente, outras sentada com os olhos fixos nos meus. Desta forma, durante seis horas gozei da sua beleza e silenciosamente examinei-a lendo o seu rosto. Via a medalha de ouro a revolver-se por entre os seus seios; via os seus olhos a escurecerem-se e a iluminarem-se, falando uma linguagem sublime de bondade; via o seu rosto perfeito e, através das suas roupas, as linhas impecáveis do seu corpo. Por fim, chegou a noite e a sua crescente escuridão, a sua imagem foi-se dissipando nas trevas até desaparecer, mas continuou o suave contacto das suas mãos nas minhas e a consoladora carícia das suas palavras. Permanecer naquele estado, imerso numa debilidade mortal, mas sentindo os mínimos movimentos

da amada, era o mesmo que libertar o meu amor de toda a desilusão. Arrazoando comigo mesmo, fechei os olhos aos horrores e ganhei coragem para aceitar o pior. Que importava se aquele imperioso sentimento sobrevivia; se os seus olhos me chamavam e me abraçavam; se tal como antes, todas as fibras do meu corpo embotado a desejavam e se voltavam para ela?

A noite já ia avançada quando recuperei algumas forças e pude falar:

– Olalla – disse –, nada me importa; não peço nem pergunto nada; estou satisfeito contigo e amo-te.

Deixou-se ficar durante um pouco mais ajoelhada a rezar e calei-me para não distrair a sua profunda devoção. A luz tinha começado a iluminar as três janelas do meu quarto, entrando por uma delas uma luz brumosa que me permitia vê-la difusamente. Quando terminou as suas orações, fez o sinal da cruz, ergueu-se e disse-me:

– Sou eu quem vai falar e tu vais escutar-me. A única coisa que tens feito até agora é pôr-te a adivinhar. Rezei muito. Quanto rezei para que abandones este lugar! Pedi-te e acredito que me atenderás. Mas se não for assim... Oh, permite-me acreditar que me atenderás.

– Amo-te – respondi-lhe.

– E, no entanto, tens vivido no mundo – disse, depois de uma pausa. – És um homem sabedor e eu não sou mais do que uma rapariga ignorante; tão ignorante como as árvores do bosque. Perdoa-me se dou a impressão de procurar dar-te lições, mas os que aprendem muito não fazem mais do que lançar uma pequena capa de nata sobre o conhecimento. Dominam as leis mas ignoram o destino das pessoas e o horror do fato de viver apaga-se-lhes da lembrança. Somos nós, as que pobres e ignorantes ficamos em nossas casas com o mal, as que somos advertidas e temos de nos resignar com o nosso destino. Vai-te; parte agora e guarda-me nos teus pensamentos. Assim, terei vida nas paragens queridas da tua lembrança; uma vida tão minha como a que tenho no meu próprio corpo.

– Amo-te – voltei a repetir, enquanto estendia a minha débil mão para tocar na dela. Segurei-a e levei-a à boca para a

beijar. Ela não resistiu, mas fez um pequeno gesto de recuo. Vi-a fitar-me com a testa franzida, mas com um ar não isento de cordialidade, embora triste e frustrado. Depois, como se tomasse uma resolução, pegou na minha mão e atraiu-a para si, enquanto se inclinava apoiando-a ao seu coração.

– Aqui – exclamou – podes ouvir os passos da minha vida. Bate só por ti, é teu; mas, nem sequer é meu? É realmente meu para to oferecer, tal como posso pegar na medalha do meu colo ou arrancar um ramo vivo de uma árvore e dar-to. E não é meu! Eu vivo ou acredito viver – se é que existo – em algum local distante, imponente, prisioneira, arrastada e surda por uma chusma que repudio. Esta víscera semelhante à que bate nos animais, reconhece-te como seu dono; ai, ama-te! Mas ama-te a minha alma? Creio que não. Não sei e receio perguntar-lhe. Contudo, quando me falavas, as tuas palavras eram as da alma. É a alma que me pedes? É apenas a alma que queres possuir?

– Olalla, a alma e o corpo são uma única coisa, especialmente quando se está enamorado. O que o corpo anseia, deseja-o a alma; o que se une ao corpo, à alma se prende. Corpo com corpo, alma com alma, reúnem-se a um sinal de Deus e a parte mais baixa é apenas o pedestal ou o cimento da mais alta.

– Viste os retratos dos meus antepassados? Viste a minha mãe ou Felipe? Pousaste os olhos nesse quadro que pende da tua cama? Quem ali está retratada morreu há séculos. Praticou o mal em vida. Mas fita-a outra vez; as suas mãos são as minhas mãos no mais pequeno detalhe; nela estão os meus olhos e o meu cabelo. O que é meu e o que sou seu, se nem sequer uma curva do meu pobre corpo que tu amas e é causa dos teus loucos sonhos, me pertence? Os meus gestos, o timbre da minha voz, o fitar dos meus olhos, as palavras que agora pronuncio quando falo a quem amo, não terão pertencido a outros? Mulheres que morreram há séculos apaixonaram-se por outros homens com os meus olhos; e outros homens escutaram súplicas feitas com a mesma voz que agora soa aos teus ouvidos. As mãos dos mortos estão nas minhas entranhas; elas ditam os meus movimentos; estão em mim, guiam-me. Sou uma

marionete ao seu comando. Não faço mais do que voltar a dar forma às suas feições e características que se separaram do mal na quietude da tumba. É a mim que tu amas ou à raça que me formou? É a rapariga que não conhece nem pode responder pela menor porção de si mesmo ou é a corrente de quem sou um redemoinho fugaz ou a árvore de que sou fruto efêmero? A raça existe; é ao mesmo tempo velha e jovem e transpira o seu destino eterno nas entranhas. Nela, tal como nas ondas do mar, o indivíduo sucede ao indivíduo, imitando um falso domínio sobre si mesmo que nada significa. Nós falamos da alma, mas a alma está na raça.

– Tu rebelas-te contra a lei natural. Enojas-te contra a voz de Deus que te fez tão atraente para convencer, tão imperiosa para mandar. Escuta-a como fala entre nós! As tuas mãos apertam as minhas, o teu coração salta ao contacto comigo, os elementos desconhecidos de que somos compostos, com um olhar despertam e voam para se juntar. O barro da terra recupera a sua independência e anela por se unir em nós. Somos atraídos um pelo outro como os astros no espaço, como as marés nas costas, por causas mais antigas e maiores que nós próprios.

– Ah! – respondeu ela. – Que posso dizer-te? Há oitocentos anos, os meus antepassados governavam esta província; eram sábios, poderosos, sagazes e cruéis. O rei chamava-lhes de seus primos. As pessoas, quando lhe punham a corda ao pescoço para serem enforcadas ou quando voltavam às suas choças e as encontravam fumegantes, amaldiçoavam o seu nome. Atualmente tudo se alterou. O Homem elevou-se, mas havendo surgido de entre os animais, pode descer de novo ao mesmo nível. O alento do tédio soprou sobre a sua humanidade e as suas fibras cederam. Começaram a decair. As suas mentes sumiram-se num sonho, a sua paixão despertou em rajadas, temerária e insensível como o vento nos barrancos das montanhas. A beleza ainda se transmitiu, mas não o entendimento que guia o coração humano. A semente continuou, estava envolta na carne, a carne cobria os ossos; mas eram ossos e carne de animal e a sua inteligência era a inteligência dos mosquitos. Falo-te como me atrevo a fazê-lo; mas tu viste

por ti mesmo como a roda girou para trás nesta raça condenada a sucumbir. Estou como que no alto de um cume entre dois precipícios. – aquele que subi e aquele que estou condenada a descer. Vou repetir o feitiço, eu, que vivo à parte, na casa dos mortos e o meu corpo abominando as suas inclinações? Vou unir-me a outro ser mal disposto como eu, nesta casa destroçada pelas tempestades e embruxada pelos sucessos do passado, em que tanto sofri? Vou entregar aos meus descendentes este navio maldito, carregando-o de novas vidas, como veneno novo e lançá-lo à posteridade como uma maldição? Fiz um juramento: a minha raça desaparecerá da terra. O meu irmão está a preparar-se para te levar; não tardará muito a chegar e irás com ele, levando-te para sempre para longe da minha vista. Mas pensa em mim alguma vez como alguém a quem foi ensinada duramente a lição da vida e que a aprendeu com galhardia; como alguém que te amou profundamente, mas que se odiava tanto a si mesma, que o seu próprio amor lhe era desprezível, como alguém que te tirou do seu caminho e, no entanto, anelava reter-te para sempre, porque toda a sua esperança era esquecer-te e o seu maior temor ser esquecida e perder-te.

Ela ia-se aproximando da porta enquanto falava com a sua voz harmoniosa, que se tornava cada vez mais suave e distante. Quando pronunciou as últimas palavras, já se tinha ido embora. Eu continuava deitado naquele quarto iluminado pela lua. Não sei o que teria feito para não me encontrar dominado por uma fraqueza tão extrema; mas o que aconteceu foi que se apoderou de mim um grande vazio de desespero. Não tardou muito em luzir à porta a chama avermelhada de uma lanterna e, atrás dela, Felipe. Sem pronunciar uma única palavra, carregou-me aos ombros e levou-me para baixo, para a grande entrada, onde o carro já estava à nossa espera.

À luz da lua, as lombas destacavam-se recortadas contra a brilhante superfície da meseta como se fossem figuras de cartão e entre os arbustos agitados pelo vento sobressaía como um grande cubo a estrutura da casa. A sua massa negra era cortada por três débeis raios de luz; as três janelas da fachada norte que davam para a entrada, as janelas do quarto de Olalla.

O carro arrancou com uma sacudidela brusca. Fiquei com os olhos fixos nas tênues luzes das janelas até desaparecerem para sempre da minha vista, quando a estrada se fundiu no profundo do vale.

Felipe seguia em silêncio, mas de tempos a tempos moderava a marcha da mula e parecia olhar para trás, para mim. Ao fim de algum tempo, aproximou-se e pôs a mão sobre a minha cabeça. Havia um tal afeto no seu contacto e tanta simplicidade e humildade no seu gesto que os olhos se me umedeceram de lágrimas.

– Felipe – disse-lhe –, leva-me aonde não me façam perguntas.

Ele continuou sem dizer palavra, mas deu a volta com a mula tornando a percorrer parte do trajeto que já havíamos trilhado, até dar com outro caminho que nos conduziu a uma aldeia da montanha, como essas que na Escócia chamamos *the Kirk-town*, ou sede de concelho.

Guardo na minha lembrança algumas recordações desconexas do romper do dia sobre a planície, do carro a parar, dos braços que me ajudaram a descer, da casa vazia para onde me conduziram e do desmaio de que fui vítima.

No dia seguinte e nos outros, o velho cura veio visitar-me regularmente com a sua caixa de rapé e o seu livro de orações. Quando comecei a recuperar as forças, disse-me que eu estava a caminho de um completo restabelecimento e que devia acelerar a minha partida logo que possível. Disse isso sem dar qualquer explicação; aspirou um pouco de rapé e olhou-me de soslaio. Não afetei desconhecimento: sabia que devia ter visto Olalla.

– Senhor – disse-lhe, – sabe que não lhe faço a pergunta por curiosidade frívola. Que se passa na sua família?

Respondeu-me que eram muito desgraçados, que pareciam uma raça decadentes, que eram muito pobres e que se haviam desleixado em demasia.

– Mas ela não se tornou desleixada, sem dúvida graças ao senhor – repliquei. – Ela é mais instruída do que o habitual nas mulheres.

– É verdade; a menina é culta. Mas a família desleixou-se muito.

– A mãe? – perguntei.

– Sim, principalmente a mãe – respondeu o padre, fungando rapé –, mas também Felipe, embora seja um rapaz bem intencionado.

– A mãe é estranha, não é?

– Muito estranha – respondeu.

– Julgo, senhor, que estamos a abordar superficialmente o assunto. O senhor tem de saber mais do que aquilo que deixa transparecer. Deve compreender que a minha curiosidade é justificada por muitas razões. Porque não é franco comigo?

– Meu filho, serei muito franco consigo em assuntos da minha competência. Daqueles de que nada sei, não me podem pedir muita discrição para guardar segredo. Não vou estar com evasivas. Sei perfeitamente o que quer dizer mas que posso eu esclarecer se não que estamos nas mãos de Deus? O Seu modo de atuar não é o mesmo que o nosso. Já pedi conselho aos meus superiores da Igreja e também eles permanecem mudos. Todo este assunto está rodeado de um grande mistério.

– A mãe está louca? – perguntei.

– De acordo com o que sei, não está, ou pelo menos não estava quando mais jovem. Que Deus me perdoe se não prestei atenção a este cordeiro selvagem. Mas estou convencido de que não era louca. Contudo, quando chegou a uma certa idade, tal como antes havia acontecido ao pai e a outros membros da família, começou a manifestar-se nela um desequilíbrio mental que foi crescendo progressivamente como se fosse uma disposição herdada da sua raça.

– Quando ela era jovem – interrompi-o e a minha voz fraquejou por instantes –, era como Olalla?

– Que Deus não o permita! – exclamou o padre exaltado.

– Deus não consinta que nenhum homem tenha ideias ligeiras sobre a minha penitente favorita. Não! – Voltando ao seu tom habitual, prosseguiu: – a menina, exceto na beleza que eu, honestamente, desejaria que fosse menor, não se parece nem um pouco como a mãe quando esta era da sua idade. Não

poderia suportar a ideia que o senhor pensasse tal coisa. E, no entanto, Deus sabe que talvez fosse melhor ao contrário.

Naquele momento, soergui-me na cama e abri o meu coração ao sacerdote, falando-lhe do nosso amor e da sua decisão, confessando-lhe as minhas próprias dúvidas, dizendo-lhe que estas haviam terminado e pedi-lhe a sua opinião.

Escutou-me com grande paciência e nada surpreendido e quando terminei, continuou em silêncio durante mais algum tempo. Depois, respondeu:

– A Igreja não se pronunciou ainda sobre um caso tão pouco vulgar, tão extraordinário – e calou-se para continuar de seguida. – Tinha-me esquecido, meu filho, de que o senhor não é católico, mas dar-lhe-ei a conhecer a minha opinião. Neste assunto, a menina é o melhor juiz e eu aceitaria o seu critério.

E dito isto, foi-se embora.

Desde então, não foi tão assíduo nas suas visitas. Realmente, até começar a levantar-me e a andar, o padre demonstrou claramente o seu receio e a sua desaprovação pela minha companhia, não tanto por lhe produzir descontentamento mas antes pela mesma razão que leva um homem a fugir de uma esfinge enigmática. Os aldeãos também se esquivavam sem querer servir-me de guia nas montanhas. Reparei que me olhavam de soslaio e comprovei que os mais supersticiosos se persignavam quando me aproximava. A princípio, atribuí isso às minhas opiniões heréticas em relação às crenças do local, mas finalmente dei-me conta de que a atitude se devia à minha estada na residência. Toda a gente despreza as ideias selvagens de tais aldeãos; contudo, eu tinha consciência da fria sombra que parecia baixar sobre o meu amor. E embora isso não me vencesse, não posso negar que refreava os meus ardores.

Alguns quilômetros a oeste da aldeia, descobri uma brecha na serra pela qual se via a residência. Desde então adquiri o costume de me dirigir diariamente para ali. Um bosque coroava o cume. Precisamente no local onde o caminho era dominado por um maciço rochoso de proporções consideráveis, erguia-se um crucifixo de tamanho natural e de formato mais dolorido que o habitual. Esse foi o meu lugar de descanso e

observação. Sucessivamente, dia após dia, era dali que contemplava a meseta e a velha casa. Podia ver Felipe, apequenado pela distância, a ir de um lado para outro do horto. Algumas vezes, a neblina tapava a visão até ser afastada pelos ventos da montanha. Outras, o chão dormitava a meus pés sob um sol inclemente ou afagado pela chuva. Este lugar distante, estas visitas ininterruptas onde a minha vida havia mudado de forma tão estranha, fizeram bem ao meu estado de ânimo indeciso. Passei ali dias inteiros discutindo comigo mesmo os diversos elementos da nossa posição: umas vezes inclinando-me às sugestões do amor e outras dando ouvidos à prudência, para terminar sempre a vacilar entre ambos.

Um dia, sentado na minha rocha, apareceu por ali um camponês envolto numa capa. Era de fora e evidentemente, não devia conhecer-me pois em vez de se manter à distância, aproximou-se e sentou-se a meu lado. De imediato começamos a falar. Entre outras coisas menos interessantes, disse-me que tinha sido arrieiro e que em outros épocas havia frequentado aquelas montanhas. Posteriormente, tinha seguido o exército com as suas mulas até ganhar o suficiente para viver agora reformado com a família.

– O senhor conhece aquela casa? – inquiri por fim, apontando para a casa, pois aborrecia-me qualquer conversa que afastasse o meu pensamento de Olalla.

Fitou-me sombriamente, fez o sinal da cruz e respondeu:

– Demasiado bem. Foi ali que um companheiro meu se vendeu a Satanás. Que a Virgem nos livre de semelhante tentação! Pagou o preço e está a arder no lugar mais quente do Inferno.

A inquietação apoderou-se de mim e nada pude responder. O homem continuou como se falasse consigo próprio:

– Sim – disse. – Oh, se a conheço. Já cruzei as suas portas. Naquela noite havia neve no desfiladeiro. Era empurrada pelo vento. De certo que havia morte nos montes, mas havia algo pior que a morte junto do fogo daquele lugar. Peguei no meu companheiro por um braço e arranquei-o dali, arrastando-o até à entrada. Roguei-lhe por tudo quanto ele tinha de mais querido

que viesse comigo, pus-me de joelhos sobre a neve e vi que estava comovido com as minhas súplicas. Precisamente naquele momento, ela saiu da galeria e chamou-o pelo nome. Ele virou-se enquanto ela com uma lâmpada na mão o fitava a sorrir para que regressasse. Clamei a Deus e agarrei-o com toda a força dos braços, mas atirou-me para o lado e entrou na casa, deixando-me sozinho. Já havia feito a sua escolha. Deus nos acuda. Rezei muito por ele, mas para quê? Há pecados que nem o Papa pode perdoar.

– E que aconteceu ao seu amigo? – perguntei-lhe.

– Só Deus sabe – respondeu o homem. – Se é verdade o que ouvimos dele, o seu fim foi como o seu pecado. Algo que nos põe os cabelos em pé.

– Sabe se o mataram? – insisti.

– É quase certo que sim. Como? Ninguém o diz. São coisa de que é pecado falar.

– As pessoas da casa... – comecei, mas ele interrompeu-me com um grito selvagem.

– As pessoas? – gritou. – Que pessoas? Não há homens nem mulheres naquela casa de Satanás. Só há feras! O senhor vive aqui há tão-pouco tempo que ainda não ouviu falar disso? – e ao chegar a este ponto, sussurrou-me ao ouvido, como se temesse que até as aves do monte se pusessem a ouvir-nos e se aterrorizassem.

O que me contou não podia ser verdade. Nem sequer era original: não mais do que uma versão adornada pela ignorância e superstição da aldeia, de histórias quase tão velhas como a raça humana. Foram realmente as suas consequências possíveis que me aterrorizaram.

– Nos velhos tempos – disse o arrieiro –, a Igreja teria queimado aquele ninho de víboras; mas o braço da Igreja foi cortado. O meu amigo Miguel não foi castigado pela mão do homem, mas antes deixado ao mais terrível juízo de um Deus ofendido. Esse foi um erro que já deveria ter sido corrigido. O padre já está demasiado velho; talvez ele até esteja embruxado. Mas o seu rebanho agora já tem os olhos abertos e conhece o

perigo. Ai! E antes que se passe muito tempo, o fumo daquela casa há-de subir ao céu.

Deixou-me cheio de horror e de medo. Aonde dirigir-me? Não sabia se avisar primeiro o pároco ou se levar as minhas más notícias diretamente aos ameaçados habitantes da residência. O destino decidiu por mim, pois enquanto estava ainda hesitante, vi uma figura de mulher coberta por um véu que vinha a subir o caminho. O véu não era suficiente para enganar a minha percepção. Em cada linha do seu corpo, em cada um dos seus movimentos reconheci Olalla. Permanecendo escondido atrás da pedra, deixei que ela chegasse à parte mais alta. Depois, aproximei-me em silêncio e ficamos durante algum tempo a fitar-nos com apaixonada tristeza.

– Julgava que te tinhas ido embora – disse por fim. – O melhor que podes fazer por mim é ires-te embora. É a única coisa que alguma vez te pedi e apesar de tudo ficaste. Mas não sabes que cada dia que passa vai aumentando cada vez mais o perigo da morte não só sobre a tua cabeça mas também sobre as nossas? Correu uma notícia pelas montanhas: dizem que tu me amas e as pessoas não podem suportar isso.

Vi que estava informada do seu perigo, coisa que me alegrou.

– Olalla, estou disposto a ir-me embora hoje, agora mesmo, mas não sozinho.

Ela afastou-se e ajoelhou-se diante do crucifixo para rezar. Fiquei por perto, umas vezes fitando-a e outras ao objeto da sua adoração. O silêncio só era interrompido pelo grasnar de alguns pássaros que traçavam grandes círculos sobre os cumes dos montes, como se estivessem surpreendidos ou alarmados. Naquele momento, Olalla, pôs-se novamente de pé, virou o rosto para mim e levantou o véu. Com a mão posta ao pé da cruz, fitou-me com o rosto pálido e cheio de tristeza e disse-me:

– Pus a minha mão sobre a cruz. O Padre diz que tu não és cristão, mas agora pouco importa; olha por um momento com os meus olhos e contempla a paz do Homem das Dores. Todos nós somos herdeiros do pecado, todos devemos suportar e expiar um passado que não foi nosso, tal como Ele o fez. Há em

todos e, portanto também em mim, uma centelha de divindade. À Sua semelhança, devemos suportar por algum tempo o peso da nossa cruz, até chegar uma manhã cheia de paz. Permite-me que siga sozinha o meu caminho. Assim estarei menos sozinha, porque terei a companhia d'Aquele que é o amigo de todos os infelizes. Assim serei mais feliz, despedindo-me da felicidade terrena e aceitando voluntariamente a minha parte da dor.

Fitei o rosto do Cristo e embora não fosse apreciador de imagens e desprezasse aquela arte figurativa e de esgares, da qual aquele era um tosco exemplar, algo do significado daquela estátua tocou bem fundo na minha alma. O rosto fitava-me com uma contração dolorosa e mortal, mas circundavam-no raios de glória, recordando-me que o Crucificado foi-o voluntariamente. Estava ali, coroando a rocha, tal como está na berma de tantos caminhos, pregando em vão aos que passam a seu lado. Um emblema das verdades sublimes e tristes; que o prazer não é um fim, mas antes um acidente; que a dor é a escolha do magnânimo; que é melhor sofrer toda a dor e fazer o bem. Dei a volta e desci a montanha em silêncio. Quando olhei para trás e pela última vez, antes do bosque se fechar sobre o caminho, vi Olalla, que continuava ainda apoiada ao crucifixo.

O TESOURO DE FRANCHARD

I JUNTO DO SALTIMBANCO

MORIBUNDO

Haviam mandado chamar o médico de Bourron antes de soarem as seis. Por volta das oito, alguns aldeãos foram aparecendo para verem a função e foi-lhes dito como estavam as coisas; mas a eles pareceu-lhes uma liberdade excessiva que um saltimbanco caísse enfermo como uma pessoa vulgar e foram-se embora a resmungar. Às dez, Madame Tentailon já se encontrava muito alarmada e mandou chamar o Dr. Desprez que vivia um pouco mais abaixo.

O médico estava a trabalhar nos seus manuscritos num canto da pequena sala de jantar e a mulher dormia junto da lareira no canto oposto quando o mensageiro chegou.

– Francamente! – exclamou o médico. – Deviam ter-me chamado mais cedo. É um caso urgente – e acompanhou o mensageiro tal como estava, de chinelos e barrete.

A hospedaria situava-se a menos de vinte metros de distância, mas o mensageiro não parou ali. Entrou por uma porta, saiu por outra em direção a um pátio e encaminhou-se para um lanço de escadas que havia do lado do estábulo e que conduzia ao quarto do saltimbanco enfermo. Mesmo que o Doutor Desprez vivesse mil anos, nunca iria esquecer a sua chegada àquele quarto, não só porque a cena se revelara pitoresca como porque aquele momento constituiu um marco na sua existência. Calculamos as nossas vidas, realmente sem saber por que, desde a data em que fazemos o nossa primeiro e triste aparecimento na sociedade, como se fosse a primeira humilhação, já que nenhum ator pode fazer uma saída de cena com menos graça. Sem ir mais atrás, coisa que seria encarada como excesso de curiosidade, há acidentes subsequentes na vida de todos que são comovedores e decisivos e que tornariam este período tão lógico como o mero instante do nascimento. Aqui, por exemplo, o doutor Desprez, um homem que passava

dos quarenta, que havia feito da vida o que se considera um fracasso e que era, de resto, casado, deu consigo num novo ponto de partida quando abriu a porta do quarto situado no estábulo de Tentailon.

Era uma sala grande, apenas iluminada por uma vela presa ao chão. O saltimbanco encontrava-se deitado de costas sobre um colchão. Era um homem grande, com um nariz quixotesco inchado pela bebida. Madame Tentailon estava curvada sobre ele, ministrando-lhe uma cataplasma de mostarda e água quente nos pés. Numa cadeira próxima sentava-se um rapazito de uns onze a doze anos, balanceando os pés que não chegavam ao chão. Estes três eram os únicos ocupantes, se excetuarmos as sombras. É que as sombras constituíam por si só uma companhia. O tamanho do quarto fazia-as aumentar até assumirem proporções gigantescas e, pela posição da vela, a luz iluminava de baixo para cima, produzindo um encurtamento deformador das pernas. O perfil do saltimbanco aumentava sobre a parede como uma caricatura e era curioso ver como o nariz se alongava e se encolhia quando a luz da vela oscilava com a corrente de ar. A sombra de Madame Tentailon não era mais do que uma grande corcova que lhe saía dos ombros, sobre a qual, de vez em quando, aparecia o hemisfério da cabeça. As pernas da cadeira apareciam estiradas e adelgaçadas como andas. O rapaz encarrapitado parecia uma nuvem na beira do telhado.

Foi este último que captou a atenção do médico. Tinha uma cabeça grande e abaulada, as mãos e o rosto de um músico e um par de olhos obsessivos. Mas não foram aqueles olhos grandes, serenos, de uma cor âmbar que perturbaram o médico mas antes o seu olhar. Tinha a certeza de já haver visto antes aquele olhar e, no entanto, não sabia onde nem como. Era como se aquele rapazinho, que lhe era totalmente estranho, tivesse os olhos de um velho amigo ou inimigo. Isso fez com que não recuperasse a paz. O rapaz mostrava-se totalmente indiferente a tudo o resto que se passava ao seu redor, ou antes estava abstrato ao que o rodeava, como numa contemplação de superioridade, enquanto golpeava com os pés os travessões da cadeira e mantinha as mãos postas no regaço. Mas com tudo

isto, o miúdo seguia todos os movimentos do médico pelo quarto, com um olhar pensativo e fixo. Desprez não sabia dizer se era ele quem fascinava o rapaz ou se o rapaz a ele. Ocupava-se do doente, fazia-lhe perguntas, pegava-lhe no pulso, gesticulava, proferia pragas, mas quando se voltava, dava sempre com os olhos castanhos que o fitavam inquiridora e melancolicamente.

Por fim, repentinamente, encontrou a solução. Recordava-se agora daquele olhar. O rapazito, ainda que direito como uma vela, tinha os olhos que normalmente andam associados a uns ombros curvados. O rapaz não era totalmente disforme, mas parecia que o era a pessoa que o olhava debaixo daquelas pálpebras. O médico respirou fundo: sentia-se aliviado por haver encontrado uma teoria – pois gostava muito de teorias – e uma explicação de seu interesse.

Despachou o doente com uma rapidez desusada e com os joelhos ainda por terra, virou-se ligeiramente para fitar o rapaz. Este não se mostrou minimamente perturbado e devolveu com placidez o olhar do médico.

– É teu pai? – perguntou Desprez.

– Oh, não! – respondeu o rapaz. – É o meu patrão.

– Gostas dele? – continuou o médico.

– Não, senhor.

Madame Tentailon e Desprez trocaram um olhar.

– Isso não está certo, rapaz – continuou dizendo este último em tom severo. – Todos devem gostar dos que estão a morrer. Quando vejo um pássaro a roubar-me as cerejas do meu jardim, apesar disso, sinto pena dele quando se põe a voar e se dirige ao bosque à procura de esconderijo. Quanto mais uma criatura como esta, tão forte e tão dotada de tantas faculdades! Quando penso que dentro de poucas horas a sua faculdade de falar se extinguirá, a respiração cessará e até a sua sombra terá desaparecido da parede, até eu que nunca o havia visto e esta senhora que apenas o conhece como hóspede, temos algum afeto por ele.

O rapaz ficou silencioso durante um pedaço como se estivesse a pensar e por fim replicou:

– Vocês não o conhecem: ele é muito mau.

– Não passa de um gentio – disse a dona da hospedaria.
– Neste ofício são todos iguais: os saltimbancos, os palhaços e todos os artistas. Ninguém tem entranhas.

O médico continuava a perscrutar o rapazinho.

– Como te chamas? – perguntou-lhe.

– Jean-Marie – respondeu o miúdo.

Desprez aproximou-se dele com um arrebatamento de excitação e começou a tocar-lhe na cabeça em todos os sítios, a fim de lhe determinar a raça.

– Celta, celta! – exclamou.

– Celta! – repetiu Madame Tentaillon, que talvez tivesse confundido a palavra com hidrocéfalo. – Pobre rapaz. É perigoso?

– Isso depende – respondeu lugubrememente o médico. Depois, dirigiu-se outra vez ao rapaz. – E que fazes para ganhar a vida, Jean-Marie? – perguntou.

– Faço piruetas.

– Piruetas? – repetiu Desprez. – Provavelmente és saudável.– Atrevo-me a adivinhar, Madame Tentaillon, que fazer piruetas é uma ocupação muito saudável. E não tens feito mais nada senão dar piruetas?

– Antes de aprender isso costumava roubar – respondeu Jean-Marie muito sério.

– Caramba – fez o médico. – És um homenzinho para a tua idade.

Dirigindo-se a Madame Tentaillon, continuou:

– Quando o meu colega vier de Bourron, comunicar-lhe-ei a minha opinião desfavorável. Deixo o caso nas suas mãos; mas se houver algum sintoma alarmante e, sobretudo, se houver sinais de melhoras, não hesite em chamar-me. Já deixei de ser médico, graças a Deus, mas já o fui. Boas-noites, Madame. Bons sonhos, Jean-Marie.

II UMA CONVERSA MATINAL

O Doutor Desprez levantava-se sempre cedo. Antes do fumo se elevar nas chaminés, antes do primeiro carro ecoar sobre a ponte para se dirigir ao trabalho quotidiano, davam com ele deambulando pelo jardim. Umas vezes, levava um cacho de uvas, outras comia uma grande pera, desenhando todo o tipo de figuras na terra do caminho com a ponta da bengala ou descendo até ao rio para o contemplar com a sua corrida interminável no cais de madeira onde costumava atracar o seu barco.

– Não há momento melhor – costumava dizer – que a manhã para conjecturar teorias. Levanto-me antes de qualquer pessoa da aldeia – fanfarronava – e, por isso, a consequência lógica é que eu saiba mais e queira fazer menos com a minha sabedoria.

O médico era um grande conhecedor dos movimentos do sol e apreciava o efeito teatral com que se iniciava o dia. Tinha uma teoria sobre o orvalho, com a qual podia prever o tempo. Realmente, a maioria das coisas serviam-lhe para esse fim: o som dos sinos que vinha das aldeias vizinhas, o aroma do bosque, as visitas e o comportamento tanto dos pássaros como dos peixes, o aspecto das plantas do seu jardim, a disposição das nuvens, a cor do céu e, por último, mas nem por isso menos importante, o arsenal de instrumentos de meteorologia que conservava no jardim, numa casota com paredes de tabuinhas em forma de persianas. Assim que se estabeleceu em Gretz, fora-se convertendo no meteorologista local e no campeão gratuito da previsão do clima. A princípio, pensou que não havia local nos arredores tão saudável como aquele. No final do segundo ano, garantia que não havia tão saudável em todo o departamento; e pouco tempo antes de se encontrar com Jean-Marie, estava decidido a desafiar toda a França e a maior parte da Europa a encontrar local melhor que o sítio escolhido por ele.

– Médico – costumava dizer – é uma palavra que não se deve utilizar diante de uma senhora porque implica doença. Considero uma mancha da nossa civilização não haver uma aversão total contra as enfermidades. No que me diz respeito, lavo daí as mãos. Renunciei ao meu título; já não sou médico. Sou antes um adorador da verdadeira deusa, a Higiene. Ah,

creiam-me, é ela que detém o poder! E foi aqui, neste pequeno lugarejo, que ela instalou o seu santuário. Aqui mora e aqui concede as suas graças. Quando passeio com ela ao amanhecer, mostra-me os seus milagres nos fortes camponeses, nos campos frutíferos, nas árvores altas e frondosas que crescem sob o seu olhar e nos peixes ágeis e limpos que vivem no rio. Reumatismo! – gritava interrompendo com insolência quem se lhe dirigia. – Claro, realmente todos temos um pouco de reumatismo, mas isso é muito difícil de evitar junto de um rio. Claro que o lugar é de baixa altitude; os prados são pantanosos, disso não há dúvidas; mas, meu querido amigo, olhe para Bourron! Bourron está alto, ao lado do bosque, com abundante ozônio e aí pode viver qualquer pessoa; pois bem, comparado com Gretz, Bourron é um perfeito matadouro.

Na manhã seguinte àquela em que foi chamado para visitar o saltimbanco moribundo, o médico encontrava-se no cais que havia no extremo do seu jardim, contemplando cerimoniosamente a água que corria. A isso costumava chamar rezar. Mas se esta adoração se dirigia à deusa Higiene ou a outra deidade mais ortodoxa, nunca ficou muito claro pois costumava pronunciar oráculos indecifráveis. Umaz vezes declarava que o rio era o símbolo da saúde corporal, outras exaltava-o considerando-o um grande orador moral que continuamente pregava a paz, a continuidade e a diligência aos atormentados espíritos dos homens. Depois de admirar a água limpa corrente, de haver contemplado um ou dois peixes que saltavam até à superfície e de ter apreciado as longas sombras das árvores que chegavam à metade do rio a partir da margem oposta, com manchas de sol que se moviam, punha-se a caminhar devagar pela vereda do jardim que subia até casa que atravessava e saía para a rua, sentindo-se leve e remoçado.

O ruído dos seus passos no passeio era sinal do começo do trabalho do dia. A povoação estava, contudo, ainda a dormir. A torre da igreja destacava-se airosa à luz do sol. Uns quantos pássaros que voavam à volta do campanário pareciam nadar numa atmosfera mais tênue que a habitual. O médico, caminhando por entre as sombras longas e transparentes, enchia

a fundo os pulmões e considera-se plenamente satisfeito com a manhã.

Num pilar que havia perto da entrada das carruagens de Tentaillon, viu uma figura sumida acocorada numa atitude meditativa. De imediato reconheceu Jean-Marie.

– Ah – disse, parando diante do miúdo, com as mãos sobre os joelhos e fitando-o com expressão de bom-humor. – Afinal somos os dois madrugadores, não é? Parece-me que temos todos os vícios de um filósofo.

O rapaz pôs-se de pé e cumprimentou-o muito sério.

– E como vai o nosso doente? – perguntou Desprez. Aparentemente, o doente continuava pouco mais ou menos na mesma, segundo deu a entender o rapaz com um esgar grotesco.

– Porque te levantas tão cedo? – perguntou Jean-Marie, depois de um prolongado silêncio, disse que não sabia exatamente porquê.

– Não sabes porquê? – repetiu o doutor. – Nós não sabemos exatamente nada se não procurarmos investigar as razões. Pergunta-te a ti mesmo. E agora, diz-me com franqueza: gostas de madrugar?

– Sim, gosto – respondeu calmamente o rapaz.

– E porque gostas? – prosseguiu o doutor. – Estamos a seguir o método socrático. Porque gostas?

– Há tranquilidade e não tenho nada que fazer. E de resto, sinto-me como se fosse bom – respondeu Jean-Marie.

O doutor Desprez sentou-se no pilar que havia no lado oposto. Começou a achar interessante a conversa, pois via-se claramente que o petiz pensava no que ia dizer antes de falar e que procurava responder com sinceridade.

– Parece que gostas de ser bom – disse o médico. – Isso causa-me grande confusão, pois recorro de me teres dito que foste ladrão e essas duas coisas são incompatíveis.

– Está muito errado roubar? – perguntou Jean-Marie.

– Essa é a opinião geral, rapaz – respondeu o médico.

– Não. Refiro-me à forma como eu roubava – objetou o rapaz. – É que não tinha por onde escolher. Precisava de pão

porque tinha fome. E pagavam-me com muita crueldade quando voltava de mãos a abanar. Eu sabia o que estava certo e o que estava errado, porque um padre me ensinou. Um padre que foi muito bom comigo. (O médico fez um gesto de profundo desagrado ao ouvir a palavra “padre”). Mas parece-me que quando não temos nada para comer e somos apanhados, as coisas são diferentes. Eu não roubei bolos, mas qualquer um rouba pão.

– E também suponho – disse o médico com uma atitude depreciativa que ia aumentando – que rezavas a Deus para te perdoar e lhe explicavas depois o caso.

– Porquê, senhor? – perguntou Jean-Marie. – Não percebo porquê.

– Sem dúvida que o teu padre sabia.

– Que ele sabia? Eu acreditava que Deus sabia tudo – disse o rapaz preocupado.

– Ah, sim? – resmungou o médico.

– Eu acreditava que Deus me compreendia; em troca, você não me compreende. Não é verdade? – replicou.

– Rapaz, rapaz, há pouco dizia que tinhas os vícios da filosofia. Se também desprezas as virtudes, então é melhor eu ir-me embora. Sou um estudioso das leis benditas da saúde e um observador da natureza, mas não posso conservar a minha imparcialidade face a um monstro. Compreendes?

– Não, senhor – respondeu o rapaz.

– Vou dizer-te de uma forma clara o que penso continuou o médico. – Olha primeiro para o céu por trás do campanário onde possui uma cor tão clara e depois mais acima, mesmo para o centro da cúpula, onde já é tão azul como o meio-dia. Não é uma linda cor? Não te alegra o coração? Vemo-lo assim durante toda a vida e tem-se misturado com os nossos pensamentos familiares. Agora, imagina que, mudando de tom, o céu se põe de repente de uma cor âmbar vivo e forte como um carvão incandescente, convertendo-se em escarlata até mesmo na parte mais alta. Não diria que fosse menos belo, mas tu gostavas?

– Acho que não – respondeu Jean-Marie.

– Pois tão-pouco tu me agradas – respondeu o médico com aspereza. – Detesto as pessoas esquisitas e tu és o rapaz mais estranho do mundo.

Por momentos, Jean-Marie pareceu meditar e depois, erguendo a cabeça, fitou o doutor com ar de cândida interrogação e disse:

– Mas e você, não é um cavalheiro muito estranho?

O médico largou a bengala, abraçou o rapaz e apertou-o contra si, beijando-o em ambas as faces.

– Admirável! Admirável, seu diabinho! – exclamou. – Que manhã fantástica. Que momento para um teórico de quarenta e dois anos! Não – prosseguiu, invocando o céu –, não acreditava que existissem rapazes destes; ignorava que fossem feitos desta têmpera. Até agora duvidava da minha raça e agora é como o encontro dois amantes – acrescentou, segurando na bengala. – Com este momento de entusiasmo amolguei a minha bengala favorita. O que vale é que o amolção não é muito grave.

Pegou no rapaz que ficou a fitá-lo com grande surpresa e alarmado e continuou.

– Então? Porque me olhas assim? Por Deus, acho que este rapaz me despreza. Tu desprezas-me, rapaz?

– Oh, não. Só que não estou a perceber nada – replicou Jean-Marie.

– Que o enforcem! – acrescentou Desprez, referindo-se a si mesmo. E sentou-se de novo, pondo-se a observar sardonicamente o rapaz. “Estragou-me a calma da manhã”, pensou, “vou ficar nervoso o dia todo e a comida não me vai saber nada bem. Tenho de me acalmar”.

E pôs de lado as suas preocupações com um esforço da vontade, para o que tinha uma grande prática, fazendo com que o seu espírito se perdesse na contemplação da manhã. Aspirou profundamente o ar com o de um conhecedor que saboreia um vinho velho, prolongando a respiração com deleite, contou os flocos de nuvens que havia no céu, acompanhou o voo dos pássaros que faziam longas evoluções à volta da torre da igreja, planando imóveis ou girando graciosamente afastando o ar com o movimento das asas. Assim, foi recuperando a paz de espírito

e a compostura física, consciente dos seus membros, da visão e de que o ar tinha um sabor refrescante como a fruta, ao percorrer-lhe a garganta. Por fim, completamente abstraído, começou a cantar. Não conhecia outra canção para além de “*Malbrouck, s’en va-t-en guerre*” – e mesmo essa superficialmente. As suas manifestações musicais reservava-as para os momentos em que se encontrava só e muito satisfeito.

Voltou bruscamente a si ao ver a expressão de espanto do rapaz, a quem perguntou, parando de repente a meio de uma nota:

– Que te parece o meu canto? – e depois de aguardar um pouco sem receber qualquer resposta, voltou a repetir a mesma pergunta.

– Não gosto – gaguejou Jean-Marie.

– Ah, não gostas? – exclamou o médico. – Se calhar tu mesmo és um grande músico.

– Eu canto essa cantiga muito melhor que o senhor – respondeu o rapaz.

O médico fitou-o estupefato durante uns segundos. Deu-se conta do seu enfado e corou por causa disso. Isso irritou-o ainda mais, e enquanto encolhia os ombros e agitava os braços, increpou o rapaz:

– É assim que te diriges ao teu patrão?

– Eu não lhe falo de nada. Não gosto dele – explicou o petiz.

– E de mim, gostas? – perguntou rapidamente o médico com grande ansiedade.

– Não sei – foi a resposta de Jean-Marie.

– Desejo-te bons dias – disse o médico, levantando-se. – És demasiado para mim. Não sei se tens sangue nas veias; talvez seja um licor celeste ou talvez não corra por elas outra coisa mais densa que o ar respirável; mas de uma coisa tenho a certeza absoluta: que não és um ser humano. – E apontando-lhe a bengala, acrescentou: – Fixa isto na memória: “Eu não sou um ser humano, não tenho pretensões a ser um ser humano; sou algo divino, um sonho, um anjo, uma ilusão, o que tu quiseres,

menos um ser humano”. E agora aceita as minhas humildes despedidas. Adeus!

E enquanto o médico se afastava emocionado, o rapaz fitava-o boquiaberto, sem se mexer do mesmo sítio.

III A ADOÇÃO

A senhora Desprez, que dava pelo nome de Anastásia, apresentava um aspecto agradável quando comparada com outras mulheres. Muito saudável, era uma morena forte, com faces rosadas e lisas, olhos escuros e serenos e umas mãos que nem a arte nem a natureza teriam podido fazer melhores. Era desse tipo de pessoas sobre as quais a adversidade passa como uma nuvem de Verão. No pior dos casos, franzia o sobrolho por um momento, mas logo de seguida, tudo passava. Possuía muito da placidez de uma freira feliz com algo da sua piedade. Contudo, Anastásia era de natureza mundana, apreciadora de ostras, de vinhos excelentes e de diversões e era completamente dedicada ao marido, mais por benefício pessoal do que por ele mesmo. Tinha um carácter imperturbavelmente apaziguador, mas sem o sentido do sacrifício. Viver naquela casa velha mas agradável, com um jardim verde na parte de trás e lindas flores à volta das janelas, comer e beber o melhor, tagarelar com uma vizinha um quarto de hora por dia, não usar corpetes nem fatos, à exceção das ocasiões em que ia às compras a Fontainebleau, ouvir anedotas picantes e estar casada com o doutor Desprez sem ter motivos para ser ciumenta, enchia até à superfície o copo da sua natureza. Os que conheceram o médico nos seus tempos de solteiro, quando discutia muitas teorias de natureza diversa, atribuíam a sua filosofia atual ao fato de se haver dedicado por inteiro ao estudo de Anastásia. Era sobre o gozo animal dela que meditava racionalmente e que talvez procurasse imitar em vão.

Madame Desprez era uma artista na cozinha, convertendo o café em algo de delicioso. Tinha o dom da ordem, com a que ela havia contagiado o marido. Tudo estava devidamente

arrumado. Tudo o que podia ser polido brilhava com grande esplendor e o pó era coisa que havia desaparecido do seu império. A sua única criada, Aline, só tinha que se preocupar em esfregar e polir. E assim, o Doutor Desprez vivia em sua casa como um novinho cevado, afagado e mimado para grande contentamento do seu coração.

A comida do meio-dia era excelente. Havia melão maduro, peixe do rio com um memorável molho Béarnaise, frango de fricassé e um prato de espargos, seguido de fruta. O doutor bebia meia garrafa de vinho mais um copo e a mulher outra meia garrafa menos esse copo, o que constituía o privilégio marital. Bebiam um excelente Côte-Rôtie de sete anos. Depois, chegava o café e uma garrafa de Chartreuse para a senhora, pois o Doutor não apreciava e desconfiava de tais misturas. Por fim, Aline deixava o casal a desfrutar os prazeres da digestão.

– É uma circunstância afortunada, minha querida – observou o médico – (este café é uma maravilha); uma circunstância verdadeiramente afortunada; mas peço-te, Anastásia, que passes hoje sem esse veneno; só um dia sentirás o benefício, dou-te a minha palavra de honra.

– Que circunstância afortunada é essa, querido amigo – inquiriu ela sem aceder ao seu protesto, coisa que era seu hábito diário.

– Não dermos filhos, minha bela – replicou o doutor. – Penso nisso em cada dia que passa e com mais gratidão para com o Poder Divino que nos dispensou de tais aflições. A tua saúde, querida, a minha quietude dedicada ao estudo, as nossas delícias da cozinha, tudo isso teria ficado prejudicado! E para quê? Os filhos são a última palavra da imperfeição humana. A saúde foge na sua presença. Choram, fazem perguntas perigosas, pedem comida, banho, educação, que lhes assuemos o nariz; e apesar de tudo isso, quando chega o momento, despedaçam-nos o coração tal como eu neste momento parto este torrão de açúcar. Um par de egoístas professos como nós dois deve evitar os rebentos como sendo uma infelicidade.

– Isso é verdade agora – disse ela a rir-se – mas o que tu pretendes é receberes um mérito por uma coisa que não

conseguiu evitar.

– Querida – respondeu o médico muito sério –, poderíamos ter adotado um.

– Nunca – exclamou a senhora. – Com o meu consentimento, jamais. Se a criança fosse sangue do meu sangue, não diria que não. Mas carregar aos meus ombros a indiscrição de outro, não. O meu senso comum é muito grande para aceitar tal coisa.

– Precisamente – replicou o doutor – é o que ambos temos posto em prático. E estou cada vez mais contente com a nossa sabedoria, porque...

– Porquê o quê? – interrompeu-o ela com um pressentimento de perigo.

– Porque encontrei a pessoa adequada – disse o doutor com firmeza. – E vou adotá-lo esta tarde.

Anastásia fitou-o como se o visse através do nevoeiro e respondeu com um tom de voz que parecia uma verdadeira ameaça:

– Perdeste o juízo?

– Claro que não, amor. Estou no perfeito exercício do meu juízo. A prova disso é que, em vez de procurar encobrir-te alguma coisa, estou a preparar-te para a notícia. Assim, hás-de reconhecer o filósofo que tem o prazer de te chamar de esposa. Pensei muito sem descobrir qualquer obstáculo que mo impeça. Nunca pensei arranjar um filho meu, mas não te alarmes desnecessariamente, querida, porque este não tem uma única gota do meu sangue, que eu o saiba. É o seu espírito que me chama de pai.

– O seu espírito! – repetiu ela com uma risada desdenhosa e histérica. – O seu espírito! Henrique, isso é alguma anedota ou enlouqueceste? O seu espírito! Que tem o seu espírito de especial?

– A verdade – replicou o doutor, encolhendo os ombros – é que puseste o dedo na ferida. Vai ser muito desagradável para a minha bela Anastásia. Ela nunca o entenderá. Ele tão pouco a entenderá. Tu casaste-te apenas com a minha parte animal e não consegues descobrir a minha afinidade com Jean-Marie.

Tanto é assim que para te ser completamente franco, tenho medo de mim mesmo. Dar-te-ás facilmente conta de que estou a anunciar-te uma calamidade. – E continuou dizendo em tom de verdadeira solicitude: – não comeces a chorar depois da comida, Anastásia, porque interrompes a digestão.

Anastásia acalmou-se e disse:

– Sabes que estou sempre pronta para acompanhar o teu humor em todas as coisas razoáveis, mas neste ponto...

– Meu querido amor – interrompeu-a o médico, ansioso por evitar uma negativa –, quem me fez abandonar as cartas, a ópera, as minhas relações sociais e tudo o que era a minha vida antes de te conhecer? Não te tenho sido fiel? Não te tenho sido obediente? Não suportei alegremente o meu destino com toda a honestidade? Não tenho direito a alguma condição da minha parte? Tenho e tu bem o sabes: a condição é o meu filho.

Anastásia deu-se conta de que estava derrotada e de imediato abriu o jogo:

– Dás-me um grande desgosto – disse suspirando.

– Nada disso. Durante um mês há-de te sentir incomodada, tal como aconteceu no princípio quando chegamos a esta aldeia; depois, o teu admirável sentido e temperamento prevalecerão e voltarei a ver-te tão contente como sempre, fazendo do teu marido o mais feliz dos homens.

– Sabes que não consigo negar-te nada – disse ela num último rasgo de resistência – nada que possa fa-te-rei feliz, mas isto faz-te feliz? Tens a certeza, marido? Disseste que foi ontem à noite que o encontrei! Ele pode ser o pior dos intrujões.

– Não acredito nisso – replicou o doutor. – Mas não me julgues tão incauto que o vá adotar imediatamente. Prezo-me de ser o homem mais minucioso do mundo. Tive em conta todas as possibilidades e o meu plano foi concebido para fazer frente a todas elas. Ficarei com o rapaz como ganhão. Se se revelar ratoneiro, se se queixar ou desejar mudar, então isso provar-me-á que estava enganado, reconhecerei que não pode ser meu filho e mandá-lo-ei embora.

– Quando o momento chegar, não és capaz de o fazer – disse a mulher. – Conheço muito bem o teu coração.

Com um suspiro, estendeu-lhe a mão e o médico sorriu enquanto a segurava e a levava aos lábios. Tinha ganho a partida com mais facilidade do que havia podido supor. Pela vigésima vez talvez, comprovara a eficácia dos seus argumentos firmes, a sua espada Excalibur.

A insinuação de voltar a Paris e estar seis meses na capital, para um homem com os antecedentes e relações do médico, não implicava menor calamidade que a ruína total. Anastásia tinha salvo o resto da fortuna do marido, obrigando-o a viver no campo e por esse motivo só o nome de Paris a enchia de terror. Ter-lhe-ia permitido tratar do jardim e também recolher um rapaz do que permitir que se discutisse a possibilidade do seu regresso à capital.

Por volta das quatro da tarde, o saltimbanco entregou a alma a Deus. Não recuperara os sentidos desde que sofrera o ataque. O doutor Desprez esteve presente por altura do seu último suspiro e declarou que a comédia havia terminado. Depois, segurou Jean-Marie pelo ombro e levou-o até ao jardim da pousada, onde havia um banco perto do rio. Sentou-se nele e mandou o rapaz sentar-se à sua esquerda.

– Jean-Marie – disse muito sério –, este mundo é demasiado vasto e até a França, que não passa de um cantinho do mundo, é um lugar muito grande para um rapazinho como tu. Infelizmente, está cheio de pessoas que se atropelam umas às outras para passarem à frente e há muito poucas padarias para todos que querem comer. O teu patrão morreu. Tu não estás em condições de ganhar a vida sozinho. Queres voar? Não. A tua situação não é muito lisonjeira. De momento, é crítica. Por outro lado, tens de ver em mim um homem que não é velho, embora seja mais idoso que tu, desfrutando, porém, de juventude de coração e inteligência; um homem instruído, com uma boa situação, com uma boa mesa; um homem que não é para ser desprezado nem como amigo nem como anfitrião. Ofereço-te comida e roupa e lições à noite, o que é da maior utilidade para um rapaz do teu porte. Proponho-te não pagar-te soldo algum, mas se alguma vez tiveres a intenção de me deixar, a porta estará aberta e dar-te-ei cem francos para que possas começar a

enfrentar o mundo. Em compensação, terás de manter limpos e em ordem o meu velho cavalo e uma caleche. Não te apresses a dar-me uma resposta e aceita ou rejeita conforme a tua conveniência. Mas recorda-te disto: não sou sentimental nem caritativo, mas antes um homem que vive rigorosamente para si mesmo; e que se faço uma proposta é para os meus fins pessoais, porque vejo nisso uma vantagem. Agora, pensa.

– Não posso fazer outra coisa, senhor, senão agradecer-lhe e procurar ser-lhe útil – disse o rapaz.

– Obrigado – disse o doutor, levantando-se entusiasmado, enquanto enxugava a testa, pois estivera muito ansioso desde que lhe viera esta ideia à mente. Uma negativa, depois do almoço do meio-dia, tê-lo-ia colocado numa situação ridícula diante de Anastásia. – Que quente e pesada está a tarde! Sempre desejei ser um peixe no Verão, Jean-Marie, aqui no rio, perto de Gretz. Colocar-me-ia debaixo dos nenúfares a escutar os sinos que daí debaixo devem ter um som maravilhoso. Isso, sim, é que seria vida. Não achas?

– Sim – respondeu.

– Graças a Deus que tens imaginação! – exclamou o médico abraçando-o com a sua efusão habitual, embora fosse um gesto que pareceu desconcertar a quem teve de o suportar, quase tanto como se tivesse sido um colegial inglês da sua idade. – E agora – acrescentou – vou apresentar-te à minha mulher.

Madame Desprez encontrava-se sentada na sala de jantar, com um avental vestido. Todas as persianas estavam corridas e o chão de mosaico lavado. Tinha os olhos semicerrados e fingia ler uma novela no momento em que os dois entraram. Embora fosse uma mulher muito ativa, gostava de descansar de vez em quando, pois sentia um forte desejo de dormir.

O doutor fez as apresentações de um modo muito sério, acrescentando em benefício de ambas as partes:

– Devem procurar agradar-se mutuamente por consideração à minha pessoa.

– És muito bonito – disse Anastásia. – Queres dar-me um beijo, meu lindo menino?

O médico ficou furioso e disse-lhe:

– Estás louca, Anastásia? De que te serviu tudo quanto te falei já sobre o tacto das mulheres? Deus sabe que há coisa que não suporto. Diriges-te ao meu pequeno filósofo como se ele fosse um bebê. Tens de o tratar com mais respeito. Não o deves beijar nem pôr-te para aí a dizer tá, tá, tá, como se fosse uma criança vulgar.

– Fi-lo só para te agradar, disso não duvides – replicou Anastásia –, mas tentarei portar-me melhor.

O médico desculpou-se da sua brusquidão, dizendo:

– O que realmente quero é que ele se sinta entre nós como em sua própria casa. A tua conduta, minha querida, foi um tanto idiota e tão despropositada que até um santo teria demonstrado a sua desaprovação. Procura imitar-me o melhor que puderes. Mantém a boca fechada sempre que te seja possível e observa atentamente a minha conduta; ela servir-te-á de modelo.

Anastásia fez como lhe haviam pedido e observou o comportamento do médico. Reparou que este abraçava três vezes o rapaz ao longo da tarde tal modo que lhe fazia perder a vontade de falar. Mas ela possuía o heroísmo de toda a mulher para com as coisas mínimas. Não somente se conteve da vingança barata de expor os erros do médico, como também fez o possível para que desaparecessem os seus maus efeitos sobre Jean-Marie. Quando Desprez saiu para espairecer antes de se deitar à noite, ela aproximou-se da criança, pegou-lhe na mão e disse-lhe:

– Não te surpreenda nem te assuste o comportamento do meu marido. Ele é o mais amável dos homens e tão inteligente que muitas vezes é difícil compreendê-lo. Mas não tardarás a habituar-te a ele e então hás-de passar a gostar dele. Quanto a mim, fica descansado que procurarei fazer-te feliz e não te prejudicarei em nada. Acho que os dois vamos ser grandes amigos. Eu não muito inteligente, mas tenho muito bom coração. Queres dar-me um beijo?

O rapaz levantou o rosto e ela apertou-o nos braços, rompendo a chorar. A mulher havia falado para parecer simpática, mas as suas próprias palavras acabaram por a comover.

O médico, ao entrar e ao vê-los abraçados, tirou a conclusão de que a esposa havia faltado à promessa e começou a dizer com uma voz terrível: “Anastásia!...” Mas quando ela o fitou a sorrir e levantou um dedo, calou-se e acalmou-se, pensando no que sucedera enquanto ela conduzia o rapaz ao seu quarto no sótão.

IV A EDUCAÇÃO DE UM FILÓSOFO

A instalação do rapaz adotado em casa do médico efetuou-se sem problemas, enquanto a roda da vida continuava a girar lentamente. Todas as manhãs, Jean-Marie cumpria os seus deveres para com o cavalo e a caleche. Umaz vezes ajudava no trabalho doméstico e outras saía a passear com o doutor a beber a sabedoria das suas fontes. À noite, eram-lhe apresentadas as ciências e as línguas mortas, conservando a sua singular placidez de espírito e comportamento. Raras vezes cometia as falhas próprias da sua idade, mas progredia devagar nos estudos e continuava a ser um estranho na família.

O doutor era um modelo de regularidade. Todas as manhãs trabalhava no seu grande livro intitulado “Farmacopeia Comparada ou Dicionário Histórico de Todos os Remédios” que, até à data, não considerava mais do que umas tiras de papel pregadas com alfinetes. Quando estivesse terminado, encheria muitos volumes e mudaria o interesse antiquado pela moderna utilidade profissional. Mas o doutor era partidário da graça literária e do pitoresco: uma anedota, um toque de costumes, uma qualidade moral e um epíteto sonoro eram preferidos a uma peça científica. Um pouco mais e teria escrito a “Farmacopeia Comparada” em verso. O capítulo “Múmia”, por exemplo, já estava completo, embora o resto da obra não tivesse ido além da letra “A”. O livro era excessivamente copioso e minucioso, escrito

com calor, exatidão e erudição, uma verdadeira jóia literária; mas dificilmente poderia servir de guia a um médico hodierno na sua prática diária. O bom sentido feminino da esposa levava-o a reconhecer este defeito com firme sinceridade, pois ele lia-lhe o dicionário em voz alta, entre sonhos e velas, à medida que prosseguia rumo a um final infinitamente distante. O Doutor andava um pouco aborrecido com o assunto das “múmias” e algumas vezes zangava-se asperamente ante qualquer alusão a elas.

Depois da refeição do meio-dia e durante um prudente período de tempo, saía a passear, umas vezes só e outras acompanhado por Jean-Marie, pois a senhora preferia qualquer trabalho a um passeio.

Como já disse, ela era uma pessoa muito atarefada, continuamente ocupada com o conforto material e sempre disposta a adormecer debruçada sobre uma novela no instante em que estivesse desocupada. Isso era o que menos se lhe podia objetar, pois nunca ressonava nem a roupa lhe ficava descomposta no corpo enquanto dormia. Pelo contrário, parecia o próprio retrato da tranquilidade, viçosa e apetitosa e despertava sem brusquidão, em completa posse das suas faculdades. Temo que possuísse muito de animal, mas de um animal muito agradável de o ter por perto. Nisso, tinha pouco a ver com Jean-Marie, mas a simpatia que desde a primeira noite da sua chegada se estabelecera entre ambos, havia permanecido intacta. Ocasionalmente, travavam conversas que quase sempre versavam sobre os assuntos domésticos, para grande desencanto do médico. Um dia iam juntos à igreja da aldeia que, no entender do médico, não passava de um templo de superstição devastadora. A senhora e o rapaz, os dois com o seu melhor fato de Domingo, iam duas vezes por mês a Fontainebleau e voltavam carregados de compras. Embora o médico continuasse a encará-los como se entre ambos houvesse uma antipatia irreconciliável, as suas relações eram amistosas, íntimas, enquanto as suas naturezas sofriam.

Contudo, receio que a senhora no fundo do coração desprezasse e tivesse pena do rapaz. Não lhe admirava as

virtudes. Ela preferia o tipo de rapaz elegante, cortês, desenvolvido e atrevido; os de boné na mão e pé ligeiro. Teria preferido uma segunda edição do marido, uma mistura de voluptuosidade e encanto com um pouco de vício.

– Pobre rapazinho – disse certa vez –, que pena ser tão estúpido!

Nunca voltou a repetir essa observação, pois o doutor tinha-se encolerizado como um touro selvagem, denunciando a brutal grosseria das suas palavras, lamentando a sua má sorte pessoal pela sua união desigual com uma azémola e, o que ainda mais feriu Anastásia, ameaçando partir a baixela com os seus gestos desabridos.

Apesar de tudo e embora dissimuladamente, Anastásia aderira à opinião do marido. Quando Jean-Marie estava sentado, estático e distraído, embora não triste, curvado sobre os trabalhos escolares sem os conseguir terminar, ela, aproveitando a ausência do médico, envolvia-lhe o pescoço com os braços, encostava o rosto na cara dele, mostrando-lhe assim a sua simpatia pela dificuldade que ele enfrentava.

– Não te preocupes – dizia-lhe ela. – Eu também não sou muito inteligente e posso garantir-te que saber muito não produz nenhuma diferença na vida.

O ponto de vista do doutor era naturalmente diferente. Aquele cavalheiro nunca se cansava de ouvir o som da sua voz que, diga-se em abono da verdade, era bastante desagradável. Agora tinha um ouvinte que não era tão cinicamente indiferente como Anastásia que, em algumas ocasiões, lhe feria o amor próprio com objeções oportuníssimas. De resto, ele estava a educar o rapaz. A educação é o dever mais filosófico; todos os pedagogos estão de acordo com isso. Que pode haver de mais sublime para o pobre gênero humano que ir convertendo o seu “hobby” num dever de Estado? É então que os caminhos da vida realmente se convertem em caminhos de prazer. O doutor não conhecera nunca uma razão mais poderosa que a de estar satisfeito com os seus dotes. A filosofia brotava-lhe suavemente dos lábios. Era um dialético tão ágil que, se o desafiassem, era capaz de seguir a pista de um disparate dito por ele próprio até

chegar a um ponto que provasse todo o valor filosófico da sua afirmação. Conseguia fugir a uma antinomia como uma enguia, deixando o seu discípulo maravilhado com a profundidade do seu intelecto.

No mais profundo do coração, o doutor mostrava-se decepcionado com o pouco êxito do seu esmerado labor educativo. Um rapaz escolhido pelas suas aptidões por um observador tão sagaz e orientado no caminho da sabedoria por um instrutor tão filosófico, estava obrigado pela lei natural a revelar um proveito evidente e duradouro. Mas Jean-Marie era lento em tudo e impenetrável em muitas coisas; e o seu poder para esquecer estava exatamente no mesmo nível que a sua capacidade de aprender. Por essas razões, o doutor esmerava-se nas lições que dava ao rapaz, as quais parecia apreciar e de que frequentemente tirava algum proveito.

Muitas foram as conversas que ambos mantiveram. A saúde e a moderação eram os seus temas preferidos e nelas terminavam sempre todas as suas divagações.

– Conduzo-te – dizia – por prados verdes. As minhas crenças, o meu sistema e os meus medicamentos resumem-se a uma frase: “evita o excesso”. Bendita seja a Natureza, a sã e moderada Natureza que detesta e destrói o excesso. Neste aspecto, a lei humana imita com pouco acerto a lei natural, pelo que nos devemos esforçar por melhorar os defeitos da lei. Sim, rapaz, temos de ser a lei para conosco mesmos, e para com o próximo – *lex armata* – lei armada, enfática e tirana. Se vires uma ruína humana libertina a morrer, ajuda-a a morrer. O juiz, embora de certo modo seja a admissão da enfermidade, julgo ser menos ofensivo que o médico e o padre. E acima de todos está o doutor; o médico e a varredura purulenta da sua farmacopeia! O ar puro perto do pinhal, transbordante de terebintina, é vinho não adulterado; e as reflexões de um espírito simples na presença da natureza são, caro amigo, os melhores instrumentos médicos, os melhores remédios e as mais saudáveis consolações religiosas. Dedicá-te a eles. Escuta: são os sinos de Bourron; o vento está de norte e vai fazer bom tempo. Que límpido e melodioso é o seu som! Os nervos afirmam-se e o espírito tranquiliza-se. A mente

repousa com o silêncio. Observa como o coração bate tranquila e regularmente! Um médico sem sabedoria nada verá nestas sensações e, contudo, tu próprio te dás conta de que fazem parte da saúde. Tomaste o teu quinino esta manhã? Pois bem, o quinino é obra da natureza, pois não é mais do que a casca de uma árvore que nós próprios poderíamos recolher se vivêssemos nos locais onde ela cresce. Embora seja ateu professo, rendo homenagem ao Criador da Natureza. Olha os remédios gratuitos que rodeiam o nosso caminho! O rio que corre pelo extremo do nosso jardim é a nossa banheira, o nosso viveiro de peixes e o nosso sistema de drenagem. Há um poço no pátio por onde sai a água cintilante, do mesmo coração da terra, limpa e fresca; misturada com um pouco de vinho é a mais saudável de todas as bebidas. Este conselho é famoso pela sua salubridade. O reumatismo é o seu único inconveniente, embora eu pessoalmente, não tenha padecido minimamente com ele. Digo-te – e a minha opinião fundamenta-se no mais profundo e claro processo de raciocínio – que se algum de nós pretendesse abandonar esta morada de prazeres, seria um dever e um privilégio do nosso melhor amigo evitá-lo a tiro de pistola.

Num dia formoso de Junho estavam sentados numa saliência fora da aldeia. O rio, tão azul como o céu, brilhava aqui e ali por entre a folhagem. Os pássaros infatigáveis giravam e esvoaçavam à volta da torre da igreja da aldeia. Um vento saudável soprava no bosque e o ruído da ramagem era como o murmúrio de uma canção. Parecia que cada talo de erva escondia uma cigarra que alegrava o ambiente com o seu canto. Daquele observatório, a vista abarcava uma grande extensão de planície coberta de choupos e salpicada por pequenas colinas em cujo centro Gretz mais não era do que um punhado de telhados. Sob a abóbada celeste que tudo abarcava, a aldeia tornava-se minúscula até se converter numa povoação de brinquedo. Parecia inacreditável que as pessoas pudessem encontrar ali espaço suficiente para viver e mover-se. O rapaz expressou à sua maneira aquela sensação de pequenez, exclamando:

– Que pequena!

– Sim – replicou o doutor –, agora parece bastante pequeno, mas em tempos foi uma grande cidade amuralhada, próspera, habitada por burgueses vestidos de peles e por soldados com armaduras, pulsando de negócios e com torres majestosas ameaçadas com as suas muralhas. Um milhar de chaminés deixava de fumegar ao toque de recolher dado pelos sinos. Havia patíbulos nas portas, tão numerosos como espantalhos. Em tempo de guerra, os assaltantes apinhavam-se contra ela nas suas escadas, as flechas caíam como chuva sobre sitiante e sitiado; os defensores faziam veementes surtidas pela ponte levadiça e cada bando gritava os seus cantos de guerra enquanto brandia as armas. Sabes que as muralhas se estendiam até ao quartel? Quanto tempo passou desde aquela confusão toda! Hoje nada mais resta senão as minhas veementes palavras que soam ao teu ouvido e a cidade propriamente dita ficou reduzida a esta aldeia que temos à nossa frente.

Vieram as guerras contra os ingleses, esse povo estúpido que por vezes faz coisas boas e Gretz foi assaltada, saqueada e queimada. É a mesma história de muitas cidades, mas Gretz nunca voltou a levantar-se das suas ruínas; jamais foi reconstruída, os seus escombros serviram de pedreira para o engrandecimento das suas rivais e as pedras de Gretz estão agora ao longo das ruas de Nemours. Alegro-me saber que a nossa casa foi a primeira a ser edificada depois daquela calamidade que exterminou a cidade antiga.

– Eu também fico contente com isso – disse Jean-Marie.

– Deveria ter sido o templo de virtudes mais humildes – respondeu o doutor, saboreando as suas palavras com prazer. – Creio que uma das razões de eu amar a minha pequena aldeia é o fato da sua história e da minha serem semelhantes. Já te disse que em tempos fui rico?

– Acho que não – respondeu Jean-Marie. – Se não, não o teria esquecido; lamento que tenha perdido a sua fortuna.

– Lamentas? Porquê? – exclamou o médico. – Receio que ao fim de todo este tempo apenas tenha começado a tua educação. Escuta-me. Preferias viver na velha Gretz ou nesta

nova, livre do alarme da guerra, com o campo verde às portas de casa, sem ruídos, sem os ataques da soldadesca e sem o tanger dos sinos a recolher, que nos enviaria para a cama mal o Sol se pusesse?

– Acho que preferia a nova Gretz – replicou o rapaz.

– Eu também. E da mesma maneira, prefiro a minha fortuna moderada de hoje à minha opulência anterior. Mediocridade dourada, exclamariam os nossos prudentes antepassados e eu subscrevo com entusiasmo. Não tenho eu bom vinho, boa comida, ar puro do campo, o bosque para os meus passeios, uma casa cômoda, uma esposa admirável e um rapaz a quem posso garantir querer como a um filho? Ora, se fosse rico, certamente residiria em Paris; mas Paris e Paraíso não são palavras intercambiáveis. O ruído agradável do vento a escoar-se por entre as folhas, convertido na escandalosa Babel das ruas de uma grande cidade. As cores estúpidas e ordinárias do cimento que destroçam os nervos e produzem más digestões, substituindo estes aprazíveis verdes e cinzentos dos nossos campos! Imagina a decadência! Já percebes as suas consequências: a mente estimula-se e esvazia-se, o coração bate a um ritmo diferente e um homem deixa de ser o que era. Estudei profundamente, como compete a todo o bom filósofo: conheço o meu próprio carácter como o músico conhece os espaços da sua flauta e sei sem sombra de dúvida de que se voltasse para Paris, me arruinaria no jogo. Não regressarei para lá por nenhum motivo, pois destroçaria com infidelidades o coração de Anastásia.

Estes argumentos eram incompreensíveis para Jean-Marie. Que uma simples mudança de local transformasse daquela maneira o mais excelente dos homens, era coisa que ultrapassava todo o seu entendimento.

– Paris – protestou – é um sítio muito agradável para se viver. Quando estive naquela cidade, não notei tantas diferenças assim – alegou em sua defesa.

– O quê? – exclamou o doutor. – Não roubavas quando estiveste ali?

Não foi possível convencer o rapaz de que ao roubar havia cometido uma má ação. A verdade é que o doutor não pensava que fosse, mas como nunca foi muito escrupuloso quando queria provar o contrário, concluiu a sua peroração com as seguintes palavras:

– E agora, começa a compreender? Os meus únicos amigos foram os que me arruinaram. Gretz tem sido a minha academia, o meu sanatório, o meu Paraíso de prazeres inocentes. Se me oferecessem milhões para a abandonar, rejeitá-los-ia. Para trás, Satanás! Maldade, vai-te embora! Põe os olhos no meu exemplo, rapaz, despreza as riquezas, evita a degradante influência das cidades. Higiene e mediocridade de fortuna: que seja este o teu proceder durante toda a tua vida!

O método higiênico coincidia surpreendentemente com os seus gostos e o quadro de vida perfeita era uma fiel descrição da que levava naquela época. É fácil convencer um rapaz a quem são concedidos todos os elementos da discussão. De resto, havia uma coisa admirável naquela filosofia que era o entusiasmo do filósofo. Jamais existiu uma personagem de quem não se gostasse tanto e, se não era um grande lógico, com o qual sem grande poder de convicção intelectual, era, porém, um tanto poeta e possuía um grande fascínio em seduzir um coração simples. O que não lograva com o seu humor habitual e com aquela irradiante admiração por si próprio, conseguia-o impressionando com os seus acessos de tristeza.

– Rapaz – dizia –, evita-me hoje. Se fosse supersticioso, até te pedia que rezasses por mim. Estou a passar por um mau bocado. O espírito maligno do Rei Saul, a feiticeira do mercador Abdulah, o diabo pessoal do monge medieval, estão comigo; estão em mim, ferindo-me o peito. Os vícios da minha natureza encontram-se no seu apogeu. Os prazeres inocentes procuram conquistar-me em vão. Sinto a falta de Paris para me conspurcar na sua lama. Voltaria a perder mãos cheias de prata e até a própria roupa. Eu não mereço o preço da viagem. Toma-o, guarda-o, derrete-o em caramelos perniciosos, atira-o para o mais fundo do rio, que eu aprovarei a tua ação. Salva-me desta parte de mim mesmo, a qual eu renego. Se me vires vacilar e se

considerares necessário – faz descarrilar o comboio! – isto é uma parábola –, mas qualquer extremo é bem melhor que chegar vivo a Paris.

Gostava sem dúvida destas cenas, como uma mudança do seu papel. Representavam o elemento byroniano da poesia artificial da sua existência; mas para o rapaz, embora se desse conta obscuramente de toda aquela teatralidade, significavam muito mais.

Um dia, fez-se luz no espírito de Jean-Marie.

– Não é possível utilizar corretamente as riquezas? – perguntou.

– Em teoria, sim – respondeu o doutor –, mas a experiência demonstra que ninguém o consegue. Todos se imaginam uma exceção se se fizerem ricos, mas chegado o momento, todos se envilecem e se degradam. Nascem novos desejos insatisfeitos e o gozo estúpido da ostentação e da vaidade amarga o prazer.

– Então o senhor estaria melhor se tivesse menos dinheiro – disse o rapaz.

– Para já, não – replicou o doutor, com a voz a tremer.

– Porquê? – ripostou implacável a desapiedada inocência do rapaz.

O doutor Desprez viu todas as cores do arco-íris e por instantes pareceu-lhe que o universo lhe caía em cima. Depois de um longo silêncio, disse em tom meditativo:

– Por quê?... Porque condicionei a minha vida em função dos meus rendimentos atuais e não seria bom para um homem da minha idade ver-se separado violentamente dos seus costumes por falta de recursos económicos.

Terminado o diálogo, o doutor respirou profundamente.

Durante toda aquela tarde andou ensimesmado e taciturno. Quanto ao que respeitava ao rapaz, ficou muito contente com o esclarecimento das suas dúvidas e até estranhou não haver suspeitado das respostas do médico em que havia depositado uma grande fé.

Mas Desprez tinha tendência para se comportar tão inseguramente como uma folha arrastada pelo vento, sobretudo

depois de provar o vinho de Rhone que era a sua fraqueza favorita. Quando isso acontecia, o rosto ruborescia-lhe e com um sorriso vago e confuso discutia todo o tipo de assuntos com referências irrefletidas e pouco firmes.

Ao pequeno moço de cavalaria não lhe permitia manter dúvidas que supusessem ingratidão. É uma grande verdade que um homem pode ser segundo pai para outro e beber demasiado, mas os melhores temperamentos são sempre renitentes a aceitar tais verdades.

O doutor dominava totalmente o coração do rapaz, mas talvez exagerasse na sua influência sobre os seus pensamentos. Realmente, Jean-Marie aceitava as opiniões do seu patrão, mas sem renunciar às suas próprias. As convicções nasciam nele por um direito divino; eram virgens, sem elaboração, como um metal em bruto. Realmente podia aceitar ou abandonar outras, mas não queria adoptá-las se não fossem perfeitamente compatíveis entre si e os seus prazeres espirituais não perdiam nada em alterá-las ou justificá-las com palavras. Falar supunha para o rapaz uma capacidade como o jogo ou o baile. Quando estava só, os seus prazeres eram quase animais. Gostava de correr pelo bosque até Achères e sentar-se à entrada de uma caverna entre as bétulas cinzentas. A sua alma punha-se a contemplar fixamente para além do que a sua vista alcançava. Não se movia nem pensava. Toda a sua mente ficava como que adormecida, pendente de qualquer agente exterior, como a luz do Sol, as tênues sombras que se moviam com o vento, ou as silhuetas e os abetos recortados sobre o azul do céu. As suas faculdades psíquicas eram absorvidas por aqueles sinais exteriores, da mesma maneira que as cores do espectro se confundem e desaparecem na luz branca. E enquanto o doutor se embriagava com palavras, o moço da estrebaria adotado, permanecia abstraído e em silêncio.

V SEGUINDO A PISTA DO TESOURO

A carruagem do doutor, uma caleche de duas rodas e cobertura, era um tipo de veículo muito popular entre os médicos rurais. Quantas vezes não as temos visto nas estradas a rodar entre os álamos, ou nas ruas das aldeias amarrados a um poste? Este tipo de carruagem caracteriza-se – especialmente quando vai a trote – por um movimento de berço, oscilando sobre o seu eixo de trás para a frente, justificando assim a sua designação de “pássaro tonto”. A cobertura descreve um grande arco que marca a paisagem, produzindo um efeito absurdo no peão que a veja passar. Andar em semelhante carruagem não se conta entre os prazeres que se gozam na glória, mas estou convencido da sua utilidade em caso de uma enfermidade renal. Daqui justificar-se talvez a sua popularidade entre os médicos.

Uma manhã cedo, Jean-Marie conduzia a caleche do doutor que ia ataviado com um fato de linho imaculado, armado com um imenso guarda-sol avermelhado e com um estojo de botânica na bolsa. A carruagem partiu airosa rodeada pelo vento que ela própria produzia. Dirigiam-se a Franchard para apanhar plantas com vista à “Farmacopeia Comparativa”.

Ao fim de alguns solavancos pela estrada chegaram à beira do bosque onde penetraram por um carreiro pouco frequentado. A caleche derrapava ligeiramente sobre a areia, ao mesmo tempo que golpeava os ramos baixos. Sobre as cabeças estendia-se a espessa folhagem que balouçava suavemente como uma grande nuvem verde. Nas arcadas do bosque, o ar conservava a frescura da noite. O porte atlético das árvores, cada qual sustentando o seu penacho de folhas, como se fossem estátuas, alegrava o espírito e as linhas dos troncos dirigiam o olhar para cima, onde as folhas mais altas cintilavam sobre uma mancha azul. Os pardais esvoaçavam por todos os lados. Era o lugar mais apropriado para um devoto da deusa Higiene.

– Já estiveste em Franchard, Jean-Marie? Imagino que não.

– Nunca – respondeu o rapaz.

– Não passam de umas ruínas numa cachada – continuou Desprez, adotando o seu tom de voz narrativo – as ruínas de uma ermida ou capela. A história, que fala muito de Franchard,

conta que os eremitas que aqui viviam eram frequentemente assassinados por ladrões, viviam com dietas insuficientes e passavam o dia a rezar. Conserva-se uma carta dirigida a um destes solitários enviada por um Superior da Ordem cheia de conselhos sagazes e admiráveis sobre a higiene; recomendava que fosse do livro à oração e da oração ao livro para variar e quando estivesse aborrecido de ambos, passeasse pelo jardim e observasse as abelhas e o seu modo de fabricação do mel. Era um sistema sempre atualizado. Já me terás observado a deixar muitas vezes a “Farmacopeia”, até a meio de uma frase, para apanhar Sol ou respirar o ar puro. Por isso, admiro de todo o coração o monge que escreveu esta carta. Realmente, se tivesse vivido na Idade Média – e estou contentíssimo por não ter sido assim – teria sido eremita e, em caso de impossibilidade, bufão de profissão. Esses teriam sido os únicos ofícios condignos da minha condição de filósofo. Riso ou reza; piadas ou lágrimas. Até ao aparecimento do Positivismo, os homens sagazes só tinham de escolher uma dessas duas ocupações.

– Eu já fui bufão – interrompeu-o Jean-Marie.

– Não consigo imaginar-te nesta profissão – disse o doutor admirando a seriedade do rapaz. – Já alguma vez te riste?

– Oh, sim! Rio-me com frequência e gosto muito de anedotas.

– Que ser estranho! – disse Desprez. – Estou a divagar, o que é sinal de que estou a ficar velho. Franchard foi destruído nas guerras contra os ingleses, as mesmas que arrasaram Gretz, mas os eremitas haviam previsto o perigo e esconderam cuidadosamente os vasos sagrados. Estes vasos eram de um valor imenso, incalculável, primorosamente trabalhados com os materiais mais valiosos e até à data ainda não foram encontrados. No reinado de Luís XIV, uns cavadores deram com um cofre enterrado nas ruínas de Franchard. Ficaram espantados a olhar uns para os outros, com o coração a bater fortemente e todos vermelhos de emoção. Forçaram-no para o abrir como feras famintas, crendo que haviam dado com o tesouro; mas qual não foi a sua surpresa ao descobrirem que só continha umas casulas que se desfizeram em pó mal lhes

tocaram. O suor daquela gente ficou tão frio que até houve quem apanhasse uma pneumonia.

– Gostava de ter visto as casulas a converterem-se em pó – disse Jean-Marie.

– Não tens imaginação, rapaz. Imagina a cena: um tesouro escondido debaixo de terra durante séculos, encerrando o material necessário para uma existência vertiginosa, abundante e opulenta sem trabalhar; fatos que não se podem vestir e quadros magníficos que não se podem ver; cavalos de corrida rapidíssimos que não movem um casco parado por um feitiço; belas e graciosas mulheres que não podemos contemplar; os baralhos, os dados, a ópera, orquestras, castelos, belos parques e jardins, grandes navios com velas como torres, tudo continuando inédito e escondido, encerrado num cofre. E entretanto, árvores estúpidas a crescer em cima, à luz do Sol, ano após ano. Pensar em tudo isso enche-me de frenesi.

– Não é mais do que dinheiro – replicou Jean-Marie. – Só provocava estragos.

– Vamos lá! – exclamou Desprez. – Isso é pura filosofia; tudo muito bonito, mas esse não é agora o nosso objetivo. E de resto, não é apenas dinheiro como tu lhe chamas; há obras de arte em questão, porque os vasos são maravilhosamente cinzelados. Falas como um menino ignorante e aborreces-me sobremaneira citando as minhas próprias palavras fora de todo o contexto lógico, como se fosses um papagaio.

– De qualquer forma, não temos nada a ver com isso – respondeu o rapaz submisso.

Nesse instante, chegaram a um caminho empedrado e a mudança repentina do ruído das rodas sobre a calçada, juntamente com a irritação com o que o doutor ia, tornaram-no ainda mais silencioso. A caleche continuou o seu caminho por entre sacudidelas, enquanto as árvores desfilavam atrás de si. Passado o Quadrilátero, chegaram a Franchard. Deixaram o cavalo numa pequena estrebaria solitária e seguiram a pé. A cachada estava toda cheia de urzes, as pedras e as bétulas refletiam os raios do Sol e ouvia-se um grande zumbido das abelhas a voejar pelas flores, panorama que dispôs Jean-Marie a

dormir. Por isso, sentou-se apoiado a uma urze, enquanto o doutor ia e vinha rapidamente de um lado para o outro, dando voltas bruscas como se procurasse algo cuja localização pressentia.

O rapaz inclinou ligeiramente a cabeça, fechou os olhos e tinha as mãos a descansar sobre os joelhos quando um grito o fez pôr-se repentinamente de pé. Foi um som estranho, seco e breve, que morreu tão repentinamente como havia surgido e o silêncio voltou a reinar de novo como se nunca houvera sido interrompido. Não reconheceu a voz do doutor, mas como não havia mais ninguém além dele em todo o vale, não tinha dúvidas de que havia sido o médico o seu autor. Olhou de um lado para o outro até que encontrou o doutor enfiado numa cova entre dois pedregulhos, com ar atônito e o rosto branco como cera.

– Uma víbora! – exclamou Jean-Marie, correndo para ele.
– Foi mordido por uma víbora?

O doutor saiu pesadamente da gruta e avançou em silêncio até ao rapaz a quem de repente segurou por um braço, ao mesmo tempo que lhe dizia com voz trêmula:

– Encontrei.

– Uma planta? – perguntou Jean-Marie.

Desprez, num acesso de alegria fora do normal, repetiu depreciativamente:

– Uma planta! Bem, sim, uma planta. E aqui – acrescentou, mostrando repentinamente a mão direita que até então havia mantido oculta atrás das costas –, aqui está um dos seus frutos.

Jean-Marie viu uma bandeja suja coberta por uma camada de terra e perguntou:

– Que é isso? Um prato?

– É uma carruagem de cavalos – exclamou o doutor quase enfurecido. – Rapaz – continuou, falando cada vez mais acaloradamente –, arranquei um pedaço de musgo desses dois pedregulhos e descobri uma fenda; e quando espreitei para dentro, que supões tu que eu vi? Uma casa em Paris com pátio e jardins, vi minha mulher a brilhar coberta de diamantes, vi-me

deputado, vi o teu futuro – e acrescentou com voz débil –, acabo de descobrir a América.

– Mas que é isto? – perguntou o rapaz.

– O tesouro de Franchard! – exclamou o doutor. E tirando o chapéu de palha, começou a gritar como um índio, saltando sobre Jean-Marie, sufocando-o com os seus abraços, enquanto as lágrimas lhe brotavam dos olhos. Depois, lançou-se sobre as urzes e em todo o vale ressoavam as suas gargalhadas.

Mas o rapaz, com a curiosidade e o interesse próprios da sua idade, assim que ficou livre dos abraços do médico, dirigiu-se a correr para a gruta, saltou-lhe para dentro e metendo as mãos na fenda, retirou uns atrás dos outros, cobertos pela terra de séculos, ânforas, candelabros e medalhões da Cartuxa de Franchard. Um cofrezinho, que foi o último a sair, estava fechado e era muito pesado.

– Que divertido! Que divertido! – gritava o rapaz. Mas quando voltou a fitar o doutor, que o havia seguido de perto e o observava silencioso, as palavras deixaram de lhe brotar dos lábios. Desprez estava novamente cor de cinza, mexia nervoso os lábios trêmulos e uma espécie de cobiça bestial apoderou-se dele.

– Isto é infantil – disse. – Estamos a perder um tempo precioso. Volta à pousada, aparelha a carruagem e trá-la até ali àquela lomba. Corre o mais depressa possível e lembra-te: nem uma palavra a ninguém! Eu fico aqui de guarda.

Surpreendido, Jean Marie fez como lhe ordenaram. Trouxe a caleche para o lugar indicado e entre os dois foram transportando o tesouro, desde o seu esconderijo até a um espaço vago existente por baixo do assento do condutor. Quando estava tudo guardado, o doutor recuperou a alegria; e rendendo homenagem de agradecimentos ao gênio do vale, exclamou:

– Oh! Num bom fogo, carne de novilho e numa boa jarra o vinho da terra. Estou com vontade de sacrificar uma grande libação. Não estamos em Franchard? Pois devemos beber cerveja inglesa loira, que embora não seja realmente muito clássica, é excelente. Rapaz, bebamos cerveja.

– Acho que faz mal à saúde – disse. – E além do mais, é muito cara.

– Que disparate! – replicou alegremente o doutor. – Para a pousada. – E subiu para a caleche, agitando a cabeça com ar juvenil. Fizeram o cavalo dar meia volta e empreenderam a marcha em direção ao muro do jardim da pousada.

– Aqui – disse Desprez –, perto do estábulo, deforma a não o perdermos de vista.

Amarraram o cavalo e entraram no jardim. O médico cantava, umas vezes com estridentes notas agudas e outras produzindo profundas ressonâncias no peito. Sentou-se e começou a dar fortes golpes em cima da mesa, dirigindo piadas ao estalajadeiro. Quando por fim apareceu a garrafa de cerveja, muito mais carregada de gás do que se fosse o champanhe mais delicioso, encheu um grande copo com espuma e passou-o a Jean-Marie, dizendo:

– Bebe até ao fim.

– Prefiro não o fazer – gaguejou o rapaz, fiel aos ensinamentos que havia recebido.

– O quê – trovejou Desprez.

– Tenho medo que isso – objetou Jean-Marie – me faça mal ao estômago.

– Bebe ou deixa-a – interrompeu Desprez com firmeza –, mas vê lá se percebes uma coisa de uma vez por todas: não há nada mais desprezível que um purista.

É uma nova lição, pensou o rapaz, fitando o copo sem o provar, enquanto o doutor esvaziava e voltava a encher o seu, a princípio muito sério; mas depois ficando mais alegre debaixo dos efeitos daquela picante beberagem. Depois de meditar sobre o acontecido, disse a modos de concessão pela atitude rigorosa do rapaz que mantinha a cerveja à sua frente:

– Num momento tão crítico como o que atravessamos, a cerveja é o néctar dos deuses. Em troca, o seu vício é verdadeiramente degradante. O vinho, que é o sumo da uva, é a verdadeira bebida do francês, como tantas vezes já te tenho dito; por isso, não te censuro por haveres recusado este estimulante estrangeiro. Podes beber vinho e comer biscoitos. Então não

devemos estar orgulhosos com a nossa sorte? Vou esvaziar o meu copo... – e dizendo isto, bebeu a caneca que lhe estava diante.

Acabada a sua cerveja, o doutor começou a impacientarse enquanto Jean-Marie acabava os seus biscoitos.

– Ardo em desejo de me ir embora. Santo Deus, és muito lento a comer! – disse consultando o relógio e esquecendo-se das suas próprias prescrições que recomendavam comer pausadamente.

O seu martírio chegou por fim ao seu *terminus* e os dois ocuparam o seu lugar na caleche. O médico, recostando-se para trás, anunciou a sua intenção se seguirem até Fontainebleau.

– Para Fontainebleau? – repetiu Jean-Marie.

– As minhas palavras são sempre pensadas – resmungou o doutor. – Em frente!

Caminharam ao longo de uns prados que ao médico pareceram o Paraíso. O ar, a luz, as brilhantes folhas das árvores, os próprios movimentos do veículo pareciam estar sintonizados com os seus pensamentos dourados. Com a cabeça atirada para trás, gozou durante um pedaço de visões fantásticas e prazenteiras, até que falou por fim:

– Vou telegrafar ao bom do Casimiro. Tu não o conheces, mas é um indivíduo do menos inteligente que se pode encontrar mas que apesar de tudo nos poderá ser muito útil. Possui uma grande fortuna conseguida somente com o seu esforço e no nosso caso é a pessoa mais apropriada para nos ajudar a vender as nossas “bugigangas”, para nos arranjar uma casa adequada em Paris e cuidar dos detalhes da nossa instalação nela. Admirável Casimiro! Um dos meus mais antigos camaradas. Devo acrescentar, Jean-Marie, que foi ele quem me aconselhou a investir a minha pequena fortuna em ações turcas. Quando tivermos acrescentado estes despojos da igreja medieval ao nosso saldo no Império Otomano, pode ser que nademos em dobrões. Lindo bosque! – exclamou entusiasmado. – Adeus! Embora me chamem a outros cenários, nunca te esquecerei porque o teu nome está bem gravado no meu coração. Sob a influência da prosperidade, estou a tornar-me ditirâmico, Jean-

Marie. É assim o impulso da alma natural e era assim a disposição do homem primitivo e eu que não vou renunciar à minha reputação, conservei a minha juventude como à virgindade. Outro que tivesse levado a mesma existência adormecida e campestre que eu suportei durante estes anos, ter-se amolecido e estereotipado; mas eu que me orgulho de um temperamento dinâmico e alegre, mantive intacta a Primavera. A nova opulência, a nova esfera de obrigações encontra-me incólume de ardor, embora amadurecido pela experiência. Esta mudança futura, Jean-Marie, pode ter-te assustado. Diz-me uma coisa: não te chamou a atenção como uma falta de consistência? Confessa, é inútil dissimulares. Dói-te?

– Sim – respondeu o rapaz, sem ter percebido uma única palavra.

– Vês? – continuou o doutor cheio de fadiga. – Li os teus pensamentos. Mas não estou surpreso porque a tua educação ainda não está completa e até termos tempo livre uma indicação deve ser suficiente. Agora, que estou novamente de posse de uma modesta fortuna depois de tanto tempo de meditação e silêncio, tenho o dever iniludível de prosseguir até Paris. A minha preparação científica e o meu indubitável domínio do idioma apontam-me para o serviço da pátria. Neste caso, a modéstia seria um engano para mim mesmo. Se fosse uma expressão filosófica diria que era pecaminoso. Um homem não deve negar as suas capacidades manifestas pois isso equivaleria a demitir-se das suas obrigações. Tenho de ser ativo e estar alerta e não um preguiçoso na batalha da vida.

E continuou a tagarelar untando copiosamente com palavras inúteis a falta de coesão das suas ideias absurdas, enquanto o rapaz, aparentemente, escutava em silêncio, distraído, com os olhos postos no cavalo. A oca eloquência do médico perdia-se como um sermão no deserto, ante a passividade de Jean-Marie, meio transtornado por tanta verborreia ininteligível. Quando chegaram a Fontainebleau, o rapaz estava irritado e perto do desespero.

Na cidade, deixou-se ficar calmamente no seu lugar de postilhão, guardando o tesouro, enquanto o médico, com um ar

singularmente vivaz, que aos poucos se foi transformando em vacilante, entrava e saía de lojas e cafés, cumprimentando os oficiais da guarnição e misturando absinto com velhas recordações. De vez em quando, regressava à caleche carregado com as mais diversas mercadorias, para as depositar no veículo: frutas caras, uma tartaruga, uma magnífica peça de seda para a mulher, uma bonita bengala para si e um chapéu da última moda para o rapaz. Entrou nos telégrafos de onde enviou uma mensagem de que recebeu resposta três horas mais tarde, com promessa de visita para o dia seguinte. Foi de tal maneira que invadiu Fontainebleau com o ar do seu bom-humor.

O sol tinha descido havia muito quando se puseram de novo a caminho. As sombras das árvores do bosque alongavam-se sobre a larga e branca estrada que os conduzia a casa. O penetrante odor noturno do bosque havia-se já levantado como uma nuvem de incenso que baixara do grande manto que formavam as copas das árvores e uma brisa suave proveniente da cidade que acabavam de deixar, trazia um sussurro de música suave e longínqua.

A cerca de metade do trajeto, o último raio dourado do sol desapareceu atrás da copa de um grande carvalho situado à sua direita; e quando saíram dos limites do bosque, uma luz pálida surgiu no firmamento através da malha que formavam os ramos dos álamos.

O doutor, entre cânticos e assobios, falou do bosque, de guerras, da queda do orvalho e das maravilhas de Paris, para terminar nas glórias dos triunfos políticos. Vaticinava que tudo ia mudar. Quando aquele dia acabasse, levaria consigo os vestígios de uma existência velha e caduca e o sol do novo dia seria testemunha de outra vida esplendorosa e brilhante.

– Basta já desta vida! – exclamou. – A minha mulher é ainda bonita e não vai continuar a viver enterrada numa aldeia. Tem de fazer luzir os seus dotes no ambiente de uma sociedade brilhante; e tu, Jean-Marie, tens de contemplar o mundo prostrado aos teus pés, de ter os seus caminhos abertos ao êxito, à riqueza, às honras e à fama! Por amor de Deus, não respondas! Fecha-me essa boca! Claro que não passas de um

rapaz muito calado. Isso é uma qualidade que reconheço com satisfação. Louvemos o dourado silêncio! Mas este é um assunto sério. Não devemos dizer palavra a ninguém. Só podemos confiar no Casimiro. Provavelmente desfazer-nos-emos dos vasos em Inglaterra.

– Mas eles não são nossos – disse o rapaz quase a soluçar.

– São nossos no sentido de não serem de ninguém – replicou o doutor. – Mas o estado tem alguns direitos. Se fossem roubados, por exemplo, não podíamos reclamá-los aos ladrões. Não tendo título de propriedade nem sequer poderíamos denunciá-los à polícia. Tal é o disposto na lei. Isto pode servir-te de exemplo do que nos fica por fazer, porque estas injustiças têm de ser retificadas pelo ardor e atividade de um deputado filósofo.

Jean-Marie depositava as suas esperanças em Madame Desprez. Enquanto continuavam a avançar pela estrada de Bourron, pôs-se a rezar por entre dentes e fustigou o cavalo até a carruagem adquirir uma velocidade desusada. Assim que chegassem – pensava – a senhora faria valer o seu caráter e aquele pesadelo terminaria.

A sua entrada em Gretz foi primeiro anunciada e depois acompanhada pelos latidos mais furiosos. Parecia que todos os cães da aldeia tinham cheirado o tesouro. Mas não havia ninguém na estrada, à exceção de três pintores de paisagens que folgazavam à porta de Tentailon.

Chegaram a casa. Jean-Marie abriu a porta verde de serviço e foi arrumar o cavalo e a carruagem. Quase imediatamente, a senhora Desprez saiu do umbral da porta da cozinha, com uma lanterna acesa, pois a lua ainda não estava suficientemente alta para iluminar as paredes do jardim.

– Fecha a grade, Jean-Marie – gritou o doutor, apeando-se vacilante. – Anastásia, onde está Aline?

– Foi a Montereau visitar os pais – respondeu a senhora.

– Ainda bem! – exclamou o doutor com entusiasmo, acrescentando: – Chega aqui depressa; não quero falar demasiado alto. Querida, estamos ricos!

– Ricos! – repetiu a esposa espantada.

– Descobri o tesouro de Franchard – esclareceu o marido.
– Olha, aqui tens os seus primeiros frutos: um ananás e um lindo vestido para a minha linda esposa, que lhe cairá muito bem por haver sido escolhido pelo seu amantíssimo marido. Abraça-me, querida! O tempo das dificuldades passou. A mariposa dourada estende sobre nós as suas asas coloridas. Amanhã, chega o Casimiro e dentro de uma semana poderemos estar em Paris. Por fim, somos felizes! Terás muitos diamantes. Jean-Marie, tira tudo do porta-bagagens com um cuidado religioso e traz tudo peça por peça até à sala das refeições. Vamos celebrar comendo. Apressa-te, querida, e prepara esta tartaruga, que será um aperitivo, um complemento da nossa pobre ceia quotidiana. Eu, pessoalmente, vou à adega buscar uma garrafa daquele delicioso Beaujolais, que tanto aprecias e terminaremos com licor da Cartuxa, de que ainda nos sobram três garrafas. São bebidas dignas de uma tão grande ocasião.

– Mas, marido meu, estás a dar-me voltas à cabeça. Não percebo nada.

– A tartaruga, adorada minha, a tartaruga – exclamou o médico, enquanto a empurrava para a cozinha.

Jean-Marie permaneceu de pé, espantado, contemplando a cena. Tinha imaginado aquilo de uma forma totalmente diferente, cheio de protestos por parte de Anastásia e, ao ver a sua complacência, as suas esperanças começaram a desmoronar-se.

O doutor estava em todos os sítios, mas o seu andar era inseguro, as pernas fraquejavam-lhe e com frequência tinha de procurar apoio na parede para conservar o equilíbrio. Eram os efeitos do absinto que já havia experimentado anteriormente em diversas ocasiões com um arrependimento tardio; mas agora não se censurava pelo excesso, por aquele ser um dia tão glorioso, embora mentalmente tenha tomado a decisão de ser mais moderado dali para diante. Não devia voltar a ser vítima daquele mau hábito.

Com mais rapidez do que o seu estado lhe permitia, trouxe o vinho da adega: colocou ordenadamente os vasos sagrados que ainda conservavam a sua camada de terra, uns sobre o

mantel branco e outros no aparador. Entrava e saía da cozinha, acozando Anastásia com ofertas de vermute, entusiasmando-a com a promessa de um esplêndido futuro e calculando a sua riqueza com números cada vez mais elevados. Antes de se sentarem para comer, a virtude da senhora derretera-se no fogo do entusiasmo do seu fantástico marido. A sua timidez havia desaparecido. Também ela falou desdenhosamente da vida em Gretz e quando se sentou à mesa e serviu a sopa, os olhos brilhavam-lhe deslumbrados com o pensamento dos diamantes que ia possuir.

Ao longo de toda a refeição, tanto ela como ele, foram fazendo e desfazendo planos fantásticos como contos de fadas. Davam-se cotoveladas e faziam elogios e promessas mútuas. Um sorriso ia e outro vinha. Os olhos de ambos chispavam; os do marido pensando nos triunfos e nas honras políticas e os dela em salões, jóias e festas da alta sociedade.

– Mas não serás um vermelho? – exclamou Anastásia, surpreendida com as ideias políticas do marido.

– Sou um centro esquerda até à medula – replicou o doutor.

– Madame Gastam vai apresentar-nos à sociedade. Não acredito que se tenha esquecido de nós – disse ela, mudando de assunto.

– Nunca. A beleza e o talento deixam sempre uma marca inolvidável – protestou o doutor.

– Esqueci-me completamente de como se veste bem suspirou.

– Querida, fazes-me corar. O teu casamento foi trágico.

– Mas o teu êxito, ver-te apreciado pelos outros, honrado, o teu nome nos jornais, isso é mais que um prazer: é a glória!

– E uma vez por semana – interrompeu o doutor, medindo cuidadosamente as palavras – uma boa partida de bacará.

– Só uma vez por semana? – perguntou ela, ameaçando-o com o dedo.

– Juro-te pela minha honra política! – respondeu ele.

– Dou-te mimos em demasia – disse ela bajuladora, cobrindo-o de beijos.

Jean-Marie refugiou-se na sombra da noite, fugindo do ambiente que reinava na casa. A lua erguia-se alta sobre Gretz. Desceu até ao jardim e sentou-se no cais. O rio corria criando redemoinhos de prata com a sua corrente e entoando sempre a mesma canção monótona. Débeis mantos de névoa agitavam-se por entre os álamos da outra margem e os juncos mexiam-se silenciosos. Era já habitual o rapaz sentar-se no mesmo sítio e em noites semelhantes pôr-se a contemplar a corrente do rio, para acalmar assim as suas inquietações e serenar os pensamentos. Mas talvez esta fosse a última. Teria de abandonar a aldeia, com os seus campos verdes e frondosos e aquele rio brilhante e tranquilo para se fixar numa grande cidade. A sua querida patroa iria andar vistosamente ataviada por luxuosos salões e o seu bom, loquaz e amável patrão passaria a ser um vociferante deputado. Ambos estariam perdidos para sempre não só para Jean-Marie, mas também para si mesmos. Conhecia os seus próprios defeitos e sabia que iria perder paulatinamente a sua estima para se fundir no torvelinho da vida de uma grande cidade, distanciando-se cada vez mais da sua condição de filho adotivo para se reduzir a criado e começou a pensar obstinadamente no mal que lhe havia profetizado o doutor. Tinha visto a mudança experimentada por ambos e sentia que o seu otimismo habitual o abandonava desta vez. A criança vira como o absinto completava o que a Cartuxa havia iniciado. Se fora isso que acontecera no primeiro dia, como seria nos restantes? “Se fosse necessário descarrilar o comboio”, pensou, recordando a metáfora do doutor. Olhou à sua volta embevecido pela quietude que o rodeava e respirando profundamente o ar agradável da noite, carregado do aroma do feno. “Se fosse necessário descarrilaria o comboio”, repetiu. E levantando-se, empreendeu o regresso a casa.

VI INVESTIGAÇÃO CRIMINAL EM **DUAS PARTES**

A casa do doutor amanheceu na manhã do dia seguinte com os gritos mais invulgares. A última coisa que ele fizera na noite anterior, antes de se deitar, fora encerrar no aparador os objetos do tesouro que calculou como os mais valiosos e, quando às quatro da madrugada desceu à sala de jantar para os apreciar, ficou horrorizado. O aparador havia sido forçado e as peças do tesouro tinham desaparecido. A senhora e Jean-Marie, que foram chamados, apareceram precipitadamente com a indumentária de dormir e encontraram o doutor congestionado pela ira, passeando pela sala com os pés descalços e clamando aos céus por castigo e vingança contra os ladrões.

– Desapareceu! – clamava. – Desapareceu tudo! A fortuna foi-se! Somos outra vez pobres. Rapaz, que sabes tu de tudo isto? Fala, cavalheiro, sabes onde se encontra? – E segurando-o por um braço, abanava-o como se fosse um saco.

O rapaz, assustado, tentou dizer alguma coisa, mas as suas palavras perderam-se num murmúrio inarticulado e o doutor, repudiando a sua própria violência, soltou-o. Depois, dirigiu-se a Anastásia que estava a choramingar.

– Anastásia, acalma-te, domina os teus sentimentos. Não consigo tolerar que cedas diante da paixão como uma plebeia. Deixemos este insignificante acidente até à sua resolução. E tu, Jean-Marie, traz-me o cofre pequeno dos remédios; recomenda-se agora um laxante suave – e administrou uma dose a cada um, sendo ele o primeiro, mas tomando uma dose dupla. Mas a infeliz Anastásia a quem repugnavam os remédios porque nunca havia estado doente, protestava, estremecia e chorava amargamente rejeitando a bebida, até que o doutor a dominou a gritar, obrigando-a a ingerir a sua dose. No tocante a Jean-Marie, ele engoliu estoicamente a sua.

– Dei-lhe uma quantidade menor porque a sua juventude o protege das emoções. Já que desta forma evitamos qualquer consequência funesta, raciocinemos.

– Tenho muito frio – gemeu Anastásia.

– Frio? – gritou o doutor enfurecido. – Dou graças a Deus por ser feito de um material mais ardente que o teu, embora com

um golpe como este até uma rã suaria. Se tens frio, podes retirar-te, mas traz-me antes as calças: tenho frio nas pernas.

– Oh, não! – protestou Anastásia. – Fico aqui contigo.

– De modo nenhum, madame. Eu mesmo irei buscar um xale – e de imediato subiu ao piso superior para voltar, mas vestido e com um maço de roupa para a tiritante Anastásia.

– Agora – prosseguiu Desprez –, toca a investigar o crime. Procedamos por dedução. Anastásia, sabes de algo que nos possa ajudar?

Anastásia, que nada sabia, não respondeu.

– E tu, Jean-Marie?

– Eu não sei nada – respondeu o rapaz com firmeza.

– Bom – replicou o doutor –, concentremos a nossa atenção nas provas materiais: nasci para detetive e tenho o olho de um espírito sistemático. Primeiro: foi utilizada a violência; as portas foram forçadas e pode observar-se que o que paguei pela fechadura revelou-se demasiado caro. Esta é uma conta que tenho de apresentar ao serralheiro Goguelat. Segundo: estão aqui os instrumentos de que se serviu o ladrão – ou ladrões – uma das nossas facas de mesa, uma das melhores, querida, o que parece demonstrar que os ladrões improvisaram. Terceiro: observemos que apenas roubaram os objetos do tesouro, respeitando a prata e demais utensílios que eram nossa propriedade, o que demonstra inteligência e conhecimento do código por parte dos autores, já que assim evitam as consequências legais. Deduzo por este detalhe que o ladrão – ou bando de ladrões – são gente inteligente e até de certo modo respeitáveis que, de resto, nos devem ter observado em Franchard e seguido todos os nossos passos com todo o detalhe, até termos colocado os objetos no aparador. Nenhum ladrão vulgar, nenhum criminoso ocasional, era capaz de revelar estas combinações sem um conhecimento perfeito dos fatos e das circunstâncias, o que demonstra como muito provável que tenhamos na nossa vizinhança um bandido com uma inteligência muito acima do normal.

– Santo Deus, como podes dizer isso, Henrique? – exclamou Anastásia horrorizada.

– Queridíssima, este é um processo dedutivo; se algum dos meus passos não se revelar correto, corrige-me; mas suplico-te que não sejas tão vulgarmente ilógica que te rebeles contra as minhas conclusões. E já que chegamos a formar uma ideia clara da composição e características do bando, pois inclino-me a acreditar que os autores foram mais do que um, saiamos daqui e vamos reconhecer o pátio e o jardim.

E dirigindo-se a Jean-Marie, continuou:

– Espero que tenhas seguido todo o meu raciocínio para proveito da tua educação.

Saíram para o pátio e o doutor continuou a explicar o resultado das suas investigações detetivescas.

– Não se distinguem pegadas no pátio. É uma infelicidade para a nossa observação estar pavimentado. De que pequenos detalhes depende o êxito destas observações! Ei! Que temos aqui? Neste sítio, ocorreu uma escalada.

Notava-se claramente que a pintura verde fora raspada e os seus pedaços dispersos pelo solo. Um dos painéis conservava a marca de um sapato com cravos, mas o pé havia resvalado e era difícil calcular o tamanho do sapato e muito menos o tipo dos cravos.

– Reconstruímos os fatos com todo o luxo de detalhes e a ciência dedutiva não pode ir mais longe – concluiu enfaticamente o doutor.

– És maravilhoso, Henrique – disse Anastásia. – Não fazia ideia desta faceta do teu talento. Deverias ter sido detetive.

– Querida – replicou Desprez condescendente –, um homem com imaginação de cientista e talento de filósofo tem também faculdades de importância secundária. Detetive pode também ser um jornalista ou um general. Mas agora, queres que chegue mais longe? Queres que ponha os dedos nos culpados ou antes, pois não posso prometer-te tanto, que te indique a casa onde se reúnem? Podemos dar-nos por satisfeitos com o que conseguimos, já que negamos o recurso à lei. Chegamos ao último patamar. Para determinar o perfil do roubo, é necessário um homem culto, um homem situado acima dos olhares da moralidade, dois requisitos concentrados nos hóspedes de

Tentaillon. A maioria são pintores e, como tal, passam quase todo o dia a tagarelar continuamente pelo bosque. Não é difícil os pintores terem educação, ainda que apenas superficial e, além do mais, são imorais. E isto demonstra-se de duas formas: primeiro, a pintura é uma arte que apenas se dirige aos olhos, não exercitando de modo nenhum o sentido moral. E segundo: a pintura em comum com todas as restantes artes implica uma perigosa qualidade de imaginação; e um homem de imaginação nunca é moral. Sobrevoa as demarcações positivistas e analisa a vida sob luzes mutáveis, para dormir satisfeito com as difamatórias distinções da lei!

– Mas tu sempre disseste, ou pelo menos assim o entendi, que estes rapazes não manifestam imaginação de nenhum tipo – disse a senhora.

– Querida, revelam imaginação e de uma maneira fantástica quando abraçam essa miserável profissão. Também, e este é um argumento apropriadíssimo ao seu nível intelectual, a maioria deles são ingleses e americanos. Em que outro sítio poderíamos esperar encontrar um ladrão? E agora, é melhor irem tomar o café. Lá por termos perdido um tesouro não há razão para morrermos de fome. No que me diz respeito, acompanho o meu pequeno-almoço com vinho; sinto uma sede inexplicável que só posso atribuir ao desgosto desta descoberta. Naturalmente, têm de reconhecer que enfrentei a situação com firmeza.

Confortado com as suas próprias palavras, o doutor voltou a encher-se de um humor admirável; e enquanto se manteve sentado à mesa, a beber lentamente uma boa porção de vinho branco e a petiscar sem grande apetite um pouco de pão e queijo, um terço das suas meditações concentrava-se no desaparecimento do tesouro e os outros dois terços a fazer uma análise retrospectiva das suas capacidades detetivescas.

Por volta das onze, chegou Casimiro. Apanhara de madrugada um comboio para Fontainebleau e depois uma carruagem para Gretz para ganhar tempo. Deixou o veículo numa cavaliça de Tentaillon e, consultando o relógio, verificou que dispunha de uma hora e meia. Era um homem de negócios e

fala decidida, que franzia frequentemente a testa com um gesto intelectual. Irmão natural de Anastásia, não costumava manifestar muito afeto por ela. Cumprimentou-a com um beijo familiar à moda inglesa e sem demora pediu de comer, dizendo:

– Podem contar-me a história enquanto comemos. Arranjas-me qualquer coisa, Tásia?

Prometeram-lhe que sim e os três sentaram-se à mesa. O doutor voltou a contar o acontecido com a sua rica forma narrativa. Casimiro escutava-o, irrompendo de vez em quando em explosões de riso. Entretanto, Jean-Marie escutava atentamente, pendente do desenlace da entrevista.

– Que golpe de sorte, meu bom irmão – disse o doutor, quando concluiu a história.

– Se tivesses ido a Paris, ter-te-ias metido no jogo e passado de detetive a esbanjador em menos de três meses. Terias perdido a tua fortuna particular e depois recorrerias a mim como da última vez – disse Casimiro com ar de poucos amigos, acrescentando: – mas advirto-te que não vais repetir segunda vez a comédia. Podes chorar à vontade, Tásia e o teu marido alegar o que quiser. Julgava ter-te avisado, irmã. Estás a ouvir-me? Fui claro?

O doutor resmungou e olhou furtivamente para Jean-Marie, que parecia manter-se indiferente a tudo aquilo.

– E agora outra vez – continuou dizendo Casimiro a lamentar-se. – Sois umas crianças! Umas crianças más quanto a mim. Como podem saber o valor de toda aquela sucata? Se calhar até nem valia nada.

– Espera aí – respondeu Desprez –, não sou completamente ignorante nessa matéria.

– Não és completamente ignorante de nada, porque sabes tudo – interrompeu Casimiro, fazendo uma vênia e levantando o copo com uma cortesia petulante.

– Pelo menos – continuou o doutor –, eu pensei bem no assunto e tenho a certeza plena dos meus cálculos. Teríamos duplicado o nosso capital – e fez uma descrição do achado.

– Palavra de honra – disse Casimiro – que quase acredito em ti; mas o valor teria dependido da qualidade do ouro.

– Meu caro amigo, a qualidade era... – e não encontrando palavras, o doutor beijou a ponta dos dedos.

– Não dou muito crédito às tuas palavras – respondeu o homem de negócios. – Tu és uma pessoa que vê sempre tudo cor de rosa. Mas este roubo é uma coisa estranha. É evidente que dou de barato os teus disparates sobre bandos de ladrões e pintores de paisagens; mas para mim, acho que tudo isto não é mais do que um sonho. Quem esteve ontem à noite aqui em casa?

– Só nós: Anastásia, o rapaz e eu.

– Este cavalheiro? – E Casimiro apontou para Jean-Marie.

– Também estava – concordou o doutor.

– Bem, se a pergunta não é indiscreta, posso saber quem é?

– Jean-Marie – respondeu o médico – combina as funções de filho e de moço de estrebaria. Começou por este último posto mas ascendeu a uma posição mais aceitável do nosso afeto. Posso dizer que presentemente é o maior consolo das nossas vidas.

– Ah! – exclamou Casimiro. – E antes de estar com vocês, quem era?

– Jean-Marie levou uma existência notável. A sua experiência tem sido eminentemente formativa. Se tivesse de escolher uma educação para um filho meu, não escolheria outra. Começar a vida com saltimbancos e ladrões e depois passar para a companhia e amizade de filósofos. Pode dizer-se que escolheu a essência, a nata do livro da vida.

– Ladrões? – repetiu o cunhado com ar pensativo.

O doutor mordeu a língua temendo o que vinha a seguir e preparou a mente para defender vigorosamente o rapaz.

– Alguma vez roubaste? – perguntou Casimiro, voltando-se de repente para Jean-Marie e usando pela primeira vez um monóculo que trazia pendurado ao pescoço.

– Sim, senhor – respondeu este corando.

Casimiro virou-se para os outros com os lábios franzidos e movendo a cabeça significativamente, disse:

– Hein? Como é?

– Jean-Marie disse a verdade – respondeu o doutor inchando o peito e acrescentando: – nunca contou uma mentira. É o melhor dos rapazes.

– Nunca disse uma mentira, hein? – refletiu Casimiro. – É raro, muito raro. Escuta-me com atenção, amigo. Que sabes tu deste tesouro?

– Ele ajudou-me a trazê-lo para casa – respondeu o médico pelo rapaz.

– Desprez, não estou a perguntar-te nada. Por isso, cala-te. Estou a interrogar o teu moço da estrebaria e se ele está tão certo da sua inocência, pode enfrentar por si mesmo as minhas perguntas. – E focando o monóculo diretamente em Jean-Marie, perguntou-lhe: – Sabias que se pode roubar impunemente? Sabias que podias não ser perseguido? Responde: sabias ou não?

– Sim, sabia – respondeu Jean-Marie soluçando, mudando de cor como um farol giratório, retorcendo histericamente os dedos e revelando no rosto a marca da culpabilidade.

– Sabias onde estava guardado? – continuou Casimiro implacável.

– Sim, senhor.

– Disseste que foste anteriormente ladrão. Como posso acreditar que não continuas a sê-lo? Suponho que eras capaz de trepar pela parede verde.

– Sim – disse soluçando ainda mais e demonstrando a sua culpabilidade.

– Bem, então foste tu quem roubou as coisas. Não te atrevas a negá-lo. Olha para mim! Levanta esses olhos de serpente e responde.

Mas como resposta, Jean-Marie lançou um grito triste e saiu a fugir da sala de jantar. Anastásia levantou-se enfurecida e, enquanto ia em perseguição do rapaz com o propósito de o consolar, teve tempo de lançar um impropério contra Casimiro como se fosse uma flecha envenenada.

– Casimiro, és uma besta!

– Meu irmão – disse Desprez com a maior das dignidades –, não achas que estás a ultrapassar a tua competência?

– Desprez, por amor de Deus! Telegrafaste-me a pedir que deixasse os meus negócios e viesse até aqui para me ocupar dos teus problemas. Atendo à tua chamada, ajudo-te a encontrar o ladrão e em vez de me agradeceres, reprovaste-me e censuraste-me. Podes não gostar, mas não tens nenhuma razão para te sentir ofendido.

– Bem – respondeu o doutor –, concedo-te isso e inclusive agradeço-te pelo teu zelo; mas a tua hipótese foi extravagante e monstruosa.

– Então, foste tu ou foi Tásia?

– Claro que nenhum dos dois.

– Muito bem. Então, só pode ter sido o rapaz. Mas não falemos mais do assunto – disse o cunhado, puxando de uma caixa de charutos.

– Mais uma coisa – respondeu o doutor. – Mesmo que o rapaz aparecesse a acusar-se, não acreditaria nele; e se alguém me convencesse da sua culpa, então desculpá-lo-ia, acreditando que havia feito o melhor para nós.

– Bem, tenho de me ir; mas antes de seguir viagem, quero saber se me autorizas a vender as tuas ações turcas. Sempre te disse que obteriam um bom valor e agora chegou o momento de as vender. Em parte foi esse o motivo da minha visita, já que te escrevi sobre o assunto e tu, de acordo com o teu hábito imperdoável não te dignaste responder-me.

– Meu bom irmão – replicou o doutor com diplomacia, – nunca neguei a tua capacidade para os negócios; mas também sei dar conta das tuas limitações.

– Henrique, amigo meu, devolvo-te o piropo. A tua limitação é claramente irracional.

– Encara a tua posição relativa – satirizou o médico a sorrir. – A tua atitude é acreditar sempre, contra ventos e marés, na opinião de uma única pessoa: tu próprio. Compartilho a mesma opinião que tu, mas rigorosamente e com os olhos muito abertos. Quem é mais irracional? Responde por ti mesmo.

– Oh, meu querido amigo! – exclamou Casimiro –, continua fiel às tuas ações turcas, permanece fiel ao teu moço de estrebaria e vai para o inferno com todas as tuas coisas. Mas não

me venhas com arrazoamentos que não estou para os aturar. Fica-te com Deus. Despede-me de Tásia e do teu assolapado moço de estrebaria – e saiu com o mesmo ar ligeiro com que entrara.

Naquela noite, o doutor e Anastásia apreciaram a conduta de Casimiro. O primeiro dizia:

– Aprendi uma coisa, minha querida, com o seu comportamento: que a palavra raciocinar brilha no seu vocabulário como uma jóia numa estrumeira, aplicando-a permanentemente e sempre de forma inadequada. Deves ter observado de que maneira argumentava, como se fosse um gênio sofista. Em relação à sua crueldade para com Jean-Marie, temos de o perdoar; é uma consequência natural da sua situação económica, pois um homem que lida com dinheiro em abundância, minha querida, é um homem perdido.

Com Jean-Marie, o processo de reconciliação foi bastante lento e laborioso. A princípio, mostrou-se inconsolável; insistia em deixar a família e ia de um paroxismo de desespero a outro de pranto. Só depois de ter ficado com ele mais de uma hora, é que Anastásia foi procurar o doutor e, com lágrimas nos olhos, pô-lo ao corrente do que acontecera.

– A princípio, não queria ouvir-me de maneira nenhuma – explicou Anastásia. – Imagina se nos tivesse deixado! Que vale o tesouro em comparação com a sua perda? Maldito tesouro que nos trouxe tantos desgostos! Por fim, depois de soluçar tão amargamente que o coração parecia saltar-lhe do peito, transigiu em ficar, mas com uma condição: que não mencionássemos este assunto, esta infamante suspeita, nem falássemos do roubo. Só se aceitarmos esta condição é que o pobre rapaz consente em ficar conosco.

– Mas como é possível essa condição aplicar-se a mim? – protestou o doutor.

– A todos nós – garantiu-lhe Anastásia.

– Querida, deves ter entendido mal. Isso não pode ser. Ele devia ter vindo falar comigo.

– Henrique, é contigo, juro-te que é também contigo.

– Esta é uma circunstância penosa – disse ele com tristeza. – Não posso deixar de me sentir ferido com estas condições.

– Sabia que isso ia suceder, mas se tivesses visto a sua angústia, não levantarias objeções a fazer esse sacrifício por ele.

– Tu sabes, querida, que nunca tentei fugir a nenhum sacrifício, por mais penoso que seja.

– Então permites-me que lhe diga que estás de acordo, como é próprio da tua maneira de ser.

– Está bem. Vai vê-lo e consolá-lo. Podemos dar o assunto por encerrado.

Pouco depois, com os olhos ainda umedecidos pelas lágrimas e com o semblante cheio de tristeza, vergonha e coibição, Jean-Marie reapareceu para logo de seguida retomar o seu trabalho com um zelo esmerado. Era a única pessoa da casa que se mostrava infeliz quando naquela noite se sentaram à mesa para jantar. O doutor, pelo contrário, estava otimista e radiante porque interiormente havia já cantado louvores ao tesouro, mas não foi capaz de cumprir a sua promessa de se calar sobre o sucedido e disse:

– Este foi, do princípio ao fim, um episódio dos mais divertidos. Mas não estamos em pior situação do que antes; pelo contrário. A nossa filosofia foi posta em prática: temos os mais suculentos e deliciosos bocados da tartaruga; eu tenho uma nova bengala; Anastásia um esplêndido vestido; e Jean-Marie é dono de um chapéu elegante. De resto, esta noite bebemos um bom copo da Cartuxa e a recordação do seu aroma alegra-me o coração. Estava a ficar muito agarrado por causa deste delicioso vinho, mas a partir de agora, acabou a miséria. Vamos beber uma garrafa para celebrar a morte da nossa fortuna visionária e uma segunda para nos consolarmos da sua perda. A terceira reservo-a para o banquete da boda de Jean-Marie.

VII A RUÍNA DA CASA DE DESPREZ

Ainda não fizemos qualquer descrição da casa do doutor, mas agora apresenta-se-nos a ocasião para tal, pois o seu papel nesta pitoresca histórica está perto do seu fim. A mansão do protagonista de um acontecimento também costuma ser atora dos mesmos, à sua maneira, por se tratar de uma personagem inanimada e o seu conhecimento é de suma importância para o esclarecimento do relato.

A vivenda do doutor era de dois pisos, com paredes de cor amarela e telhas pardas camufladas com musgo e líquenes. Era espaçosa e sulcada em todas as direções por múltiplas correntes de ar completando assim a sua muita falta de comodidade. As grandes vigas do teto tinham sido talhadas sem ordem nem projeto, com toscas marcas e figuras semelhantes a hieróglifos. O corrimão da escada que conduzia ao piso superior também estava talhado com numerosos arabescos. Uma grossa coluna de madeira cuja missão era sustentar o teto da sala de jantar conservava umas inscrições em misteriosos caracteres ininteligíveis embora, segundo o doutor, que tudo sabia, aqueles sinais relatassem a história da casa e dos seus primitivos donos, tendo sido gravados por um sábio escandinavo. Os pisos, os quartos, as vigas e até as portas e janelas formavam os ângulos mais diversos e anárquicos, como se cada um deles gozasse de total independência sem terem que observar alguma relação nem simetria com os restantes. Cada dependência tinha o seu próprio desvio; um gabinete do piso superior estava inclinado para o jardim, competindo com a Torre de Pisa e o proprietário que precedeu Desprez havia reforçado um lado do edifício com uma grande escora de madeira como o braço de uma grua. Tinha tudo um aspecto de tanta ruína que até as ratazanas desertaram, temendo perecer entre os seus escombros. Contudo, as vidraças brilhavam reluzentes de tanta limpeza, na pintura não se notava uma única partícula de pó pelas muitas e frequentes limpezas a que era sujeita e as peças metálicas brilhavam como espelhos. Até a escora estava coberta por uma trepadeira florida. Nenhum ser tão velho, tão deteriorado e tão perto de sucumbir havia sido jamais tão bem estimado. Por amor à verdade, a família que a habitava gostava muito da casa e, no tocante ao médico, nunca

se sentia mais inspirado do que quando contava a sua história imaginária e descobria a vida e os milagres dos seus donos sucessivos: desde um comerciante hebreu que reedificou os seus muros depois do saque da cidade, passando pelas misteriosas personagens que fizeram as gravações até chegar ao pacóvio de cabeça redonda e mãos sujas a quem o médico a tinha comprado por uma bagatela. Em relação à sua alarmante ameaça de desmoronamento, o médico opinava que se se mantivera de pé durante mais de quatro séculos, bem poderia permanecer na mesma situação por mais alguns anos.

Realmente, naquele Inverno particular, em que haviam encontrado e perdido o tesouro, o doutor tinha uma preocupação de tipo muito diferente e que lhe preocupava mais o coração: o rapaz. Porque Jean-Marie não era o mesmo. Tinha acessos de febril atividade, fazia esforços desesperados por agradar, falava mais depressa e redobrava de atenção nas lições. Mas repentinamente, todo o seu labor era por vezes interrompido por um estado de melancolia e de silencioso retraimento, durante o qual se tornava quase insuportável.

– O silêncio, Anastásia – diagnosticava o doutor –, é a consequência de se ter calado. Se tivesse desembuchado em tempo devido, a desilusão que lhe produziu o tesouro e o desgosto que o Casimiro lhe provocou com a sua má educação, tê-las-ia esquecido há já muito tempo. O silêncio consome-o como uma enfermidade; perdeu o apetite, emagrecendo dia a dia e o seu estado geral continua a piorar apesar do regime severo que lhe impus e dos tónicos tão poderosos que lhe receitei. Tem sido tudo em vão.

– Não achas que estás a dar-lhe drogas em demasia? – perguntou a senhora sem poder reprimir um gesto de repulsa.

– Drogas? – replicou o doutor. – Drogas, eu? Anastásia, tu estás louca.

O tempo passava e a saúde do rapaz continuava a piorar, pelo que Desprez, alarmado, mandou chamar o seu colega de Bourron, a quem respeitava, exagerando a sua capacidade e seguidamente, não apenas Jean-Marie mas também o próprio doutor e sem saber qual a sua enfermidade, se submeteram a

tratamento. O doutor aproximava-se de relógio na mão, à espera do momento exato e quando este chegava, preparava a sua dose dizendo:

– Não há nada como a regularidade – e continuava com um discurso interminável sobre as virtudes curativas da poção. E no entanto, o rapaz não parecia melhorar, o doutor não piorava.

No dia 5 de Novembro, o rapaz estava mais abatido que o habitual. Fazia um tempo desagradável e tormentoso. Grandes massas de nuvens navegavam velozes pelo firmamento e bâtegas de chuva alternavam com breves momentos de sol. De vez em quando, o vento alçava a voz, umas vezes sibilante, outras como um rugido. As ramagens das árvores do bosque chocavam entre si em porfias desordenadas, até perderem as últimas folhas que velozmente eram arrastadas pelo vento como troféu de vitória.

Naquele tempo desagradável capaz de deprimir o espírito mais valente, o doutor encontrou um elemento para provar a sua teoria. Sentado de relógio em punho e com um barômetro à frente, explicava a Jean-Marie os efeitos do vendaval sobre o pulso humano.

– Para o verdadeiro filósofo – observou satisfeito –, as forças cegas da Natureza nunca devem ser encaradas como uma brincadeira.

Nesse momento, deram-lhe uma carta, mas como a sua recepção coincidiu com a chegada de nova bâtega de vento e de chuva, guardou-a num bolso sem olhar para ela e, tomando o pulso a Jean-Marie, começou a contar as pulsações para comprovar a sua teoria.

Ao cair da tarde, o vento aumentou até transformar-se num furacão. A aldeia era açoitada aparentemente de todas as direções, como se estivesse a ser bombardeada por numerosas peças de artilharia.

A casa estremecia gemendo e as fagulhas eram cuspidas pela chaminé caindo no pavimento. Aquela noite infernal obrigou as pessoas atemorizadas da aldeia a permanecer despertas até horas avançadas, esperando que o vendaval amainasse.

Quando a família do doutor se retirou para descansar, já as doze horas haviam soado. Por volta da uma e meia e havendo já acalmado bastante a tempestade, o doutor foi despertado subitamente do seu sono ligeiro e intranquilo e sentou-se na cama. Quase aturdido, não conseguia perceber se fora despertado por um ruído verdadeiro ou imaginário do seu sonho, quando de repente ocorreu um forte golpe de vento acompanhado por um desagradável trepidar de toda a casa e logo de seguida o doutor pôde ouvir com toda a nitidez as telhas a caírem em catarata sobre as águas furtadas situadas por cima da sua cabeça. De imediato arrancou Anastásia da cama com um forte abanão e enquanto lhe lançava um roupão para se cobrir, gritou:

– Corre para o jardim! A casa está a cair. Anastásia não esperou que lho dissesse segunda vez. Num instante estava a descer as escadas com uma velocidade que jamais suspeitara poder possuir. Entretanto, o doutor, sem se amedrontar ante um possível golpe ou queda, foi despertar Jean-Marie e arrancar Aline aos seus sonhos virginiais. Agarrou-a por uma mão e ela que ainda se encontrava meia ensonada saiu dando tombos pela escada abaixo, seguida por Jean-Marie que tão pouco estava mais desperto que ela. Os fugitivos reuniram-se na sala de jantar, como se tivessem sido empurrados para ali por um instinto comum. Quando a lua se libertou do manto de nuvens que a envolvia e se apresentou como um grande olho de boi, os seus raios iluminaram aquelas quatro figuras espectrais, que de pé e meio vestidas se acoravam para se proteger. Em tão humilhante situação, Anastásia desesperada fechava a camisa de noite à volta do corpo com expressões ruidosas de pranto. O doutor procurou consolá-la, mas ela afastou-o dando-lhe um empurrão. Na sua situação lamentável, tinha vergonha de a escuridão estar coalhada de olhos. Outro raio de luz que surgiu simultaneamente com um novo pé de vento permitiu-lhes ver a casa a oscilar e quando a lua se eclipsou, um enorme rugido anunciou a sua derrocada. Em poucos instantes, todo o jardim se encheu de telhas e escombros e um daqueles projéteis veio cair sobre o pé descalço de Aline, que acusou o toque com fortes

gemidos, que se sobrepuseram aos demais ruídos da tempestade.

A derrocada da casa despertou os poucos habitantes da aldeia que haviam podido conciliar o sono e alarmou os que tinham permanecido despertos; foram-se acendendo luzes em portas e janelas, o chamamento dos vizinhos chegou ao grupo e o doutor respondia-lhes enquanto lutava com valentia contra Aline, Anastásia e a tempestade. Com as perspectivas de ajuda, a senhora redobrou os seus gritos de terror.

– Henrique, vem aí gente? – perguntou soluçando ao ouvido do marido.

– Espero bem que sim – respondeu este.

– Não podem. Preferia morrer – disse, aumentando o pranto.

– Minha querida, estás excitada – e em tom de censura, acrescentou: – Dei-te roupa. Que fizeste com ela?

– Oh, não sei, devo tê-la tirado. Onde poderá estar?

Desprez, às apalpadelas na escuridão, encontrou o que procurava e exclamou:

– Ainda bem! As minhas calças de bombazina. É precisamente disto que precisas.

– Dá-mas! – disse ela cheia de impaciência. Mas assim que as teve nas mãos, o seu mau humor acalmou-se, ficou em silêncio durante uns segundos e devolvendo-as depois ao doutor, disse:

– É melhor dá-las à Aline. Pobre rapariga!

– Tolice! Aline não se dá conta de nada. Está fora de si. E de qualquer maneira ela é uma camponesa. Tu é que realmente me preocupas, que estás exposta à intempérie, coisa a que não estás habituada. Veste as calças – e voltou a devolver-lhas.

A ajuda aproximava-se. Tinha sido impraticável entrar pela rua, porque o passeio estava bloqueado pelos escombros e as ruínas instáveis ameaçavam ulteriores derrocadas. Mas entre o jardim do médico e o da casa contígua, havia uma construção muito pitoresca com um poço público. Deu-se a casualidade de a porta virada para a casa do médico ter o ferrolho corrido e naquele momento, através da abertura da arcada, surgiu a cara

barbuda de um homem e uma mão segurando uma lanterna, os quais se foram introduzindo naquela escuridão onde Anastásia ocultava os seus infortúnios.

– Por aqui – gritou o homem. – Estão todos bem?

Aline, que se queixava como um cachorro, correu para o recém-chegado e foi arrastada de cabeça através do buraco da parede.

– Agora é a tua vez, Anastásia – disse-lhe o marido.

– Não posso – replicou.

– Queres morrer exposta à intempérie? – troou Desprez.

– Tu podes ir – atirou ela. – Oh, vai-te embora daqui; eu fico. Estou suficientemente abrigada.

O doutor pegou-a violentamente pelos ombros e gritou uma praga que a fez exclamar estremecendo:

– Está bem! Eu visto as calças! – E pegou uma vez mais na roupa. Mas a repulsa foi mais forte que a sua vergonha e exclamou tiritando:

– Nunca! – e atirou-as para longe de si, na escuridão da noite.

Um momento depois, o doutor empurrava-a pela abertura que dava para o arco do poço, onde surgiu o homem barbudo da lanterna. Anastásia fechou os olhos e julgou-se a pontos de morrer. Como foi metida e transportada através do arco, nunca soube; mas uma vez do outro lado, foi recebida pela mulher do vizinho que a cobriu carinhosamente com uma manta.

Arranjaram-se camas para as duas mulheres e roupa de tamanhos diferentes para o doutor e Jean-Marie. Durante o resto da noite, enquanto a senhora dormitava entrando e saindo pelas fronteiras da sua desdita, o marido, sentado junto à lareira, explicava aos seus admirados vizinhos os pormenores da tragédia. Durante anos – dizia – a derrocada tinha estado iminente. Um sinal tinha-se seguido a outro. As juntas das vigas tinham-se aberto; o estuque estalara e as velhas paredes oscilavam perigosamente. Há já umas três semanas, a porta da adega tinha-se negado a girar nos gonzos. “A adega!”, dizia movendo a cabeça soturnamente e olhando com tristeza para um copo de vinho quente que lhe haviam preparado.

– Isto recorda-me os meus pobres caldos – continuou. – Foi manifestamente providencial o vinho da Cartuxa estar quase no fim. Uma única garrafa; não se perdeu mais do que uma única garrafa daquele néctar incomparável. Precisamente a que havia separado para a boda de Jean-Marie. Bem, tenho de arranjar outras garrafas. Isso cria-me interesse para escrever. Já sou um homem avançado em anos e a minha grande obra encontra-se agora sepultada entre os escombros do meu humilde teto. Nunca mais vai ser concluída e o meu nome terá sido escrito na água. Mas apesar de tudo os senhores encontram-me tranquilo, diria mesmo, até alegre. Pode um sacerdote fazer melhor?

Às primeiras luzes do dia, o grupo saiu para a rua, abandonando a lareira. Embora o vento tivesse amainado bastante, arrastava todavia consigo um mundo de nuvens ameaçadoras. O ar frio cortava como uma faca e o grupo, enquanto contemplava as ruínas naquele amanhecer chuvoso, batia no peito e soprava contra as mãos para as aquecer. A casa tinha sofrido uma derrocada completa, caindo as paredes para fora e o teto para dentro. Não restava mais do que um montão de escombros com uma viga aqui e outra ali. Sobre as ruínas fora colocada uma sentinela para proteger a propriedade e o grupo dirigiu-se à casa de Tentaillon para tomar o pequeno-almoço às custas do doutor. O vinho circulou com abundância e antes de se levantarem da mesa, começou a nevar.

Durante os três dias que durou a queda de neve, as ruínas foram cobertas com encerados e vigiadas por sentinelas. Entretanto, os Desprez tinham instalado o seu domicílio na casa de Tentaillon. Anastásia passava o tempo na cozinha, confeccionando pratos primorosos com a ajuda da sabedora Madame Tentaillon, ou sentada ao lado da lareira, abstrata e pensativa. A derrocada da casa tinha-a afetado bastante, mas aquele duro golpe havia sido ultrapassado por outro mais forte: a batalha das calças. Umhas vezes aprovava a sua conduta, outras arrependia-se. Nenhum outro acontecimento da sua vida a tinha feito pensar tanto. O doutor, por seu lado, fora pôr-se a par das novidades. Dois hóspedes veraneantes haviam ficado em Tentaillon, prisioneiros por falta de recursos para regressar a

casa. Eram ambos ingleses, mas um deles falava francês com bastante fluidez; e como de resto era um indivíduo de bom-humor e grande agilidade mental, o doutor encontrou nele um interlocutor à sua altura. Muitos foram os copos que esvaziaram e os temas que discutiram juntos.

Desprez, vendo que Anastásia continuava no mesmo estado de retraimento e mau-humor, disse-lhe para a animar:

– Deixa lá o teu desgosto para outro dia e segue o exemplo do teu marido e de Jean-Marie. O susto fez mais bem ao rapaz que todos os meus tónicos e no que a mim diz respeito, olha. Tornei-me amigo dos egípcios e o meu faraó, juro-te, é o mais agradável dos companheiros. Tu és a única que permanece melancólica. É por causa da casa? Por uns quantos vestidos? Que é isso comparado com a perda da minha “Farmacopeia”, um trabalho de anos enterrado debaixo das pedras desta aldeia depressiva? Se a neve cai, sacudo-a da capa. Imita-me. Os nossos recursos piorarão, uma vez que temos de reconstruir a casa; mas a moderação, a paciência e a filosofia amontoar-se-ão à volta do lar. Entretanto, os Tentailon estão a ser o mais amáveis possível; a mesa com a tua ajuda é aceitável; só o vinho é execrável. Claro que tenho de mandar buscar algum, pois o meu faraó fica-me grato por poder beber um trago decente. Tenho de comprovar se possuo o cume da perfeição: o paladar. Se tem bom paladar, é perfeito.

– Henrique – disse ela, movendo a cabeça –, és horrível. Não és capaz de entender os meus sentimentos. Nenhuma mulher do mundo consegue esquecer uma humilhação tão pública como a que experimentei.

O doutor não pôde evitar o riso e disse desculpando-se:

– Perdoa-me, querida, mas realmente para uma inteligência filosófica, o incidente surge como uma pequena bagatela. Tu parecias extremamente...

– Henrique! – exclamou ela, interrompendo-o.

– Está bem, está bem, não digo mais nada. Embora devesses ter consentido em te vestir. A propósito, onde estão as minhas calças? Agora me recordo: atiradas para a neve – e partiu em busca de Jean-Marie.

Duas horas depois, o rapaz voltava à estalagem com uma pá debaixo do braço e uma peça de roupa empapada. O doutor pegou na roupa e exclamou tristemente:

– Foram-se. O seu tempo passou. Excelentes calças, nunca mais vão ter utilidade. Espera! Há aqui qualquer coisa no bolso – e puxando de um pedaço de papel continuou: – uma carta. Ah Agora me recordo que a recebi na manhã do temporal, quando estava entregue a investigações delicadas. Mas ainda é legível – continuou dizendo enquanto a abria. – É do pobre Casimiro, mas já me habituei a ter paciência com a sua estúpida correspondência.

Com grande cuidado, desdobrou a carta úmida e quando se inclinou sobre ela para a decifrar, o seu aspecto ensombrou-se e todo o seu ser foi invadido por um estado de inquietação.

– Caramba! – exclamou sobressaltado. E lançando a carta ao fogo e pondo precipitadamente o chapéu, continuou: – Dez minutos! Ainda o posso apanhar se correr. De qualquer maneira é tarde. Vou até Paris. Telegrafo de lá.

– Que se passa, Henrique? – perguntou a esposa assustada.

– As ações otomanas! – respondeu enquanto desaparecia.

Anastásia e Jean-Marie ficaram estupefatos. Pela segunda vez em sete anos, Desprez tinha partido para Paris e desta vez da maneira mais pitoresca e extravagante: calçando socas, vestido com uma camisa negra, colete de malha e a cabeça coberta com o chapéu de noite e por único dinheiro, apenas dez francos no bolso. A derrocada da casa não fora mais do que um presságio de segunda classe; se o mundo lhe tivesse caído aos pés, não teria deixado Anastásia e Jean-Marie mais petrificados do que estavam.

VIII OS DIVIDENDOS DA FILOSOFIA

Na manhã seguinte, o doutor, que parecia um espectro de si mesmo, regressou acompanhado de Casimiro. Encontraram Anastásia e o rapaz sentados junto da lareira. Ao entrar,

Desprez, que havia mudado a sua grotesca indumentária por roupa confeccionada e barata, cumprimentou-a com um movimento da mão e deixou-se cair na cadeira mais próxima sem pronunciar uma única palavra. Madame dirigiu-se diretamente a Casimiro:

– Que se passa?

– O que já te tinha estado a anunciar há muito tempo – respondeu este. – Desta vez, estão completamente falidos. Por isso, é melhor irem-se habituando à ideia e enfrentar o mal com boa cara. Ainda por cima a casa também veio abaixo, segundo me disse o teu marido. Má sorte. Sinto muito.

– Estamos arruinados? – perguntou ela gemendo.

– Estão arruinados por culpa do teu sinistro marido – e colocando o monóculo dirigiu-se a Jean-Marie: – Ouviste? Estão arruinados, de modo que se acabaram os mimos, a casa e as suculentas costeletas. Dá-me a impressão, amigo, que o melhor que tens a fazer é ir-te embora; os teus projetos foram-se por água abaixo – e realçava as palavras com significativos gestos de troça.

– Nunca! – exclamou Desprez entre enfurecido e apiedado, pondo-se de pé num salto. – Jean-Marie, se preferes abandonar-me, agora que sou pobre, podes fazê-lo. Receberás os teus cem francos, se é que ainda me resta esse dinheiro. Mas se consentes em ficar, continuarás a ser nosso filho. Casimiro oferece-me emprego – continuou, baixando a voz, enquanto duas grossas lágrimas lhe rolavam pelo rosto. – Os emolumentos são fracos, mas serão suficientes para os três. Não basta ter perdido uma fortuna? Tenho de perder também um filho?

– Não gosto de ver rapazes a chorar – observou Casimiro.

– Este está sempre a gemer. Vá lá! Vai dar uma volta! Tenho uns assuntos a tratar com os teus patrões e estes sentimentos domésticos podem resolver-se depois de eu me ter ido embora. Desanda! – e manteve a porta aberta para que saísse.

Jean-Marie escapuliu-se como um ladrão que tivesse sido surpreendido em flagrante.

Por volta das doze, estavam todos reunidos à volta da mesa, à exceção de Jean-Marie, de quem Casimiro disse:

– Ah! O miúdo sempre aceitou a minha sugestão e, como podem ver, foi-se embora.

– Não quero desculpá-lo – disse Desprez –, mas dói-me a sua falta de coração.

– Falta de bons modos – corrigiu Casimiro. – Coração nunca teve. Mas, Desprez, parece mentira que uma pessoa tão inteligente como tu, seja tão crédula para com os demais mortais. A tua ignorância da natureza humana não pode ir mais longe. Foste enganado por pagãos turcos, por crianças vagabundas, por gregos e troianos, pela esquerda e pela direita, de cima a baixo. Tudo isso é consequência da tua imaginação. Ao ver-te, dou graças a Deus por eu não possuir nenhuma.

– Perdoa-me, Casimiro. Tu possuis um alto grau de imaginação comercial. A minha falta dela é que parece ser o ponto fraco que me conduziu a estes repetidos reveses da fortuna. Por meio da sua imaginação comercial, o financeiro prevê o destino dos seus investimentos e evita o desmoronar da sua economia.

– Henrique – interrompeu Casimiro –, em contrapartida, o nosso amigo, o moço de estrebaria, parece ter a sua boa parte de imaginação.

O doutor permaneceu calado durante o resto da refeição. A atitude do cunhado não era muito prometedora. Sem fazer o menor caso dos pintores ingleses e fitando-os de vez em quando pelo monóculo, fingindo não ver que o cumprimentavam, continuou as suas observações mordazes como se estivessem sozinhos no seio da intimidade familiar. Com uma palavra de elogio e outra de reprovação, arrancava pedaços ao inchado globo de vaidade de Desprez e quando terminaram o café, o doutor estava mais flácido que um colchão de penas.

– Vamos ver as ruínas – disse Casimiro, encaminhando-se para a rua.

O colapso da casa tinha alterado a fisionomia da aldeia. Através de uma brecha, a vista dominava uma grande extensão de campo aberto todo coberto de neve e o solar em ruínas estava de tal modo diminuído que se assemelhava a uma casa sem portas. Uma sentinela que estava de pé junto da portada

verde e corado pelo frio, teve palavras amáveis para com o doutor e o seu opulento parente.

Casimiro, depois de examinar detalhadamente o montão de ruínas e de apalpar o encerado para lhe apreciar a qualidade, disse ao cunhado:

– Espero que o arco da adega tenha ficado de pé. A ser assim, querido irmão, faço-te um bom preço pelos vinhos.

– Começamos a cavar amanhã – disse a sentinela. – Já não deve nevar mais.

– Amigo, é melhor esperar que paguem o teu trabalho – respondeu-lhe Casimiro sentenciosamente.

O doutor, ofendido, fez um gesto de recuo e arrastou o ofensivo cunhado para a casa de Tentaillon.

– Olha – exclamou imediatamente Casimiro –, ali vai o moço de estrebaria com as suas coisas. Está a entrar na estalagem.

Com efeito, Jean-Marie foi visto enquanto atravessava a rua e entrava em casa de Tentaillon, vergado ao peso de um grande cesto. O doutor parou de imediato com uma repentina e louca esperança e pôs-se a avançar com um passo precipitado, dizendo:

– Que levará ele no cesto? Vamos lá a ver.

– Aposto que leva as suas coisas. Não há dúvidas de que decidiu ir-se embora – respondeu Casimiro.

– Há muito tempo que não vejo aquele cesto – disse o doutor falando consigo próprio e sem ter prestado atenção às palavras do cunhado.

– Nem o vais ver durante muito mais tempo. A menos que o façamos parar.

Era tanta a curiosidade de Casimiro que até teria dado dinheiro para a satisfazer, mas à falta de outro meio, foi a correr atrás dele.

O cesto era tão grande e pesado e Jean-Marie tão pequeno e estava tão cansado que precisou de um bom pedaço de tempo para o levar até ao quarto de Desprez. Acabava de o pousar no chão, diante de Anastásia, quando chegou o médico seguido de perto pelo homem de negócios. Tanto o rapaz como o

cesto se encontravam no mais triste estado. O primeiro pelo esforço realizado, pois havia percorrido cerca de nove quilômetros o mais depressa que as pernas lhe permitiam e a metade do trajeto debaixo do peso avassalador do cesto; e o segundo, por haver permanecido quatro meses enterrado numa certa cova do caminho de Anchères.

– Jean-Marie! – exclamou o doutor, com uma voz demasiado seráfica para ser considerada histérica. – É...? – e rompeu em pranto. – Oh, filho meu, filho meu! – e sentou-se sobre o cesto soluçando como uma criança.

– O senhor não vai para Paris, pois não? – perguntou Jean-Marie, timidamente.

– Casimiro – disse Desprez, erguendo a cara cheia de lágrimas –, vês este rapaz, este anjo? Foi ele o ladrão. Pegou no tesouro de um homem inadequado para o ter sob sua custódia e volta a trazê-lo quando este homem se converteu noutro, sensato e humilde. Estes, Casimiro, são os frutos do Ensino; e este momento é a Recompensa da minha vida.

– *Tiens!* – exclamou Casimiro.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

{1} Forma particular da divindade hindu Visnu. O seu santuário principal situa-se em Puri. Na festa do Rathayatra, passeiam-no numa enorme carruagem, debaixo de cujas pesadas rodas loucos fanáticos se arrojam com o desejo de morrer atropelados.

{2} Damon, músico e filósofo grego, foi amigo de Péricles, o político e ditador ateniense. Na velhice, ambos foram condenados ao ostracismo.

{3} Hyde em inglês, do mesmo modo que *hide*, é esconder, ocultar, e *seek* significa procurar – Trata-se de um jogo de palavras intraduzível.

{4} John Fell, um bispo de Oxford do séc. XVII, que com o tempo viu o seu nome convertido em sinônimo do homem por quem se cria antipatia sem causa justificada.

{5} Referência à prisão de S. Paulo em Filipos (Actos, cap. XVI)

Table of Contents

Folha de Rosto

Índice

O MÉDICO E O MONSTRO

A HISTORIA DE UMA PORTA

À PROCURA DE MR. HYDE

O TESTAMENTO DO DR. JEKYLL

O CASO DO HOMICÍDIO DE CAREW

A CARTA DE MR. HYDE

A MORTE DO DR. LANYON

A JANELA DO PÁTIO

A ÚLTIMA NOITE

O RELATO DO DOUTOR LANYON

A CONFISSÃO DE HENRY JEKYLL

OLALLA

O TESOURO DE FRANCHARD

I JUNTO DO SALTIMBANCO MORIBUNDO

II UMA CONVERSA MATINAL

III A ADOÇÃO

IV A EDUCAÇÃO DE UM FILÓSOFO

V SEGUINDO A PISTA DO TESOURO

VI INVESTIGAÇÃO CRIMINAL EM DUAS PARTES

VII A RUÍNA DA CASA DE DESPREZ

VIII OS DIVIDENDOS DA FILOSOFIA